

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

Futebol, memória e identidade operária: uma análise sobre a prática futebolística em Pelotas nas décadas de 1930 a 1960.

ALINE NUNES DA CUNHA

Pelotas-RS
Maio de 2008

ALINE NUNES DA CUNHA

Futebol, memória e identidade operária: uma análise sobre a prática futebolística em Pelotas nas décadas de 1930 a 1960

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elomar Tambara

Co-Orientadora: Profa. Dra. Giana Amaral

Pelotas-RS,

Maio de 2008

Dados de catalogação na fonte:
Aydê Andrade de Oliveira CRB - 10/864

C972f Cunha, Aline Nunes da.
Futebol, memória e identidade operária : uma análise sobre a prática futebolística em Pelotas nas décadas de 1930 a 1960 / Aline Nunes da Cunha. - Pelotas, 2008.
163f.

Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. Futebol. 2. Memória. 3. Identidade operária.
4. Educação não-formal. 5. Jogadores – Operários.
I. Tambara, Elomar, orient. II. Título.
CDD 371.39

BANCA EXAMINADORA

ELOMAR TAMBARA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

IANA AMARAL - Faculdade de Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

LUIZ CARLOS RIGO – Educação Física

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

BEATRIZ LONER – Instituto de Ciências Humanas/História

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

OLGA VON SIMSON – Decise/Fe

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Aos meus pais- Abilio e Maria do Rosario- dois exemplos de caráter e esforço que sempre foram motivo de orgulho pra mim.

AGRADECIMENTOS

A realização dessa dissertação só foi possível porque contei com o auxílio de muitos amigos nesses dois anos de pesquisa. Algumas vezes, nos vemos diante de situações que nos dilaceram, mas até mesmo nesses momentos aprendemos alguns ensinamentos. No meu caso descobri que o ser humano tem mais força do que imagina. Nesses dois anos de trabalho de pesquisa, foram várias idas e vindas de hospitais, devido a doenças que acometeram meus progenitores. Esse inesperado problema fez com que eu quase desistisse desse projeto, no entanto, sabia que havia pessoas que acreditavam em mim e eu não poderia decepcioná-las; portanto, deveria assumir até o final o meu compromisso com o mestrado.

Agradeço a todos aqueles em que pude confiar a saúde de meus pais porque minhas obrigações com a pesquisa exigiam dedicação e, por isso, se justificou, em certos momentos, minha ausência. Em primeiro lugar, tudo o que sou e os bons valores que aprendi devo a meus pais, Abílio C.da Cunha e Maria do Rosário Nunes da Cunha. A minha querida irmã Cristiane e ao meu noivo Vagner serei eternamente grata pelo carinho, companheirismo e paciência, pois além do apoio moral, leram, fizeram revisões e deram sugestões nesse trabalho. O Vagner foi além, auxiliando-me nas entrevistas, transcrevendo-as, registrando imagens e sendo pesquisador nas horas vagas.

Sou grata a CAPES e ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFPEL por ter sido contemplada com uma bolsa de pesquisa que me permitiu participar de mais eventos, trocar conhecimentos e apresentar os resultados desse estudo.

Agradeço ao professor Fernando, da Faculdade de Educação, por ter entendido o meu atraso na entrega de um trabalho, pois se todos agissem com sua sensibilidade, colocando-se um pouco no lugar do outro, acredito que teríamos um mundo bem melhor. Aos professores Elomar Tambara, meu orientador, e Giana Amaral, co-orientadora, obrigada por terem acreditado no meu potencial e mil desculpas por minhas teimosias. Aos professores Rigo e Beatriz, dedico

reconhecimento e carinho, pois são pesquisadores preocupados em partilhar seus conhecimentos.

Às funcionárias da Biblioteca Pública Pelotense que conviveram durante meses comigo, principalmente, à figura da Dona Sônia, que sempre demonstrou carinho e interesse em ajudar os pesquisadores. Aos funcionários da Biblioteca de Rio Grande e ao presidente do Circulo Operário Pelotense por permitir que eu pesquisasse os documentos da instituição. Devo também muita gratidão aos senhores e senhoras que entrevistei, pois aprendi muito com eles, principalmente o valor da amizade e a importância em manter esses laços.

Resumo

O presente trabalho busca analisar o futebol como uma importante prática esportiva na formação de dois segmentos do operariado pelotense nas décadas de 1930 a 1960 em Pelotas. Devido ao grande número de equipes oriundas de fábricas se optou por investigar duas entidades que mantêm, ainda hoje, o futebol como uma das modalidades esportivas ofertadas aos moradores da Zona do Porto. O Esporte Clube Fiação e Tecidos e o Sudeste Futebol Clube foram os dois clubes investigados nesse estudo. Através dos depoimentos coletados percebemos que o futebol transcendeu os objetivos dos industrialistas que tinham por finalidade vigiar o tempo livre dos trabalhadores, disciplinar corpos e controlar comportamentos. Nos relatos dos operários-jogadores a experiência com o futebol permitiu ampliar amizades, compartilhar conhecimentos; também se apresentou como uma forma de ascensão social e um meio de conquistar um emprego, mas, principalmente, representou uma experiência que causou e provoca efeitos na constituição dos sujeitos que o praticaram.

Abstract

The present work intends to analyze soccer as an important sporting practice in the educative formation of two segments of the Pelotense working class in the decades from 1930 to 1960 in Pelotas. Due to the great number of teams which originated from factories, it was decided to do the research on two entities that still maintain soccer as one of the sporting practices which are offered to the residents of Zona do Porto (a neighborhood near the harbor in the city of Pelotas). Esporte Clube Fiação e Tecidos and Sudeste Futebol Clube were the two clubs that were investigated in this study. Through the collected testimonies we realized that soccer transcended the objectives of the industrialists that had the intention of watching the free time of the workers, disciplining bodies and controlling behaviors. In the reports of the workers-players the experience with soccer allowed them to make friends, to share knowledge, as well as it presented itself as a form of social ascending practice and a way of conquering a job, but, principally, it represented an experience that used to cause, and still causes, effects in the constitution of the subjects who practice it.

Key words: football, workers-players, education.

Lista de figuras

Figura 1 Colocação das faixas nos jogadores do E. C. Fiação e Tecidos.....	24
Figura 2 A presença dos dirigentes no quadro de futebol.....	36
Figura 3 Os profissionais da saúde no Esporte Clube Fiação e Tecidos.....	37
Figura 4 A importância dos objetos como recurso da memória.....	43
Figura 5 O destaque do futebol no meio jornalístico.....	86
Figura 6 Futebol: esporte das multidões.....	88
Figura 7 Batizado do time do Centro Português.....	99
Figura 8 Inauguração do campo do Sudeste F.C.....	100
Figura 9 Colocação de faixas do E. C. Fiação e Tecidos.....	104
Figura 10 Contribuição de empresas para disputa de campeonatos.....	107
Figura 11 Tendência da época para o uso de boinas ou gorros.....	110
Figura 12 Colaboração de empresa para o esporte amador.....	113
Figura 13 Gillette e Foot-Ball.....	115
Figura 14 Propaganda de remédio relacionando o futebol.....	116
Figura 15 Propaganda de remédio.....	116
Figura 16 Propaganda de medicamento.....	116
Figura 17 Anúncio em jornal.....	117
Figura 18 Anúncio de medicamento.....	117
Figura 19 Sede do Sudeste Futebol Clube.....	121
Figura 20 Atual sede do E. C. Fiação e Tecidos.....	132
Figura 21 Início do uso de chuteiras pelo Sudeste F.C.....	137

Sumário

1 Introdução.....	11
1.1 Definindo alguns conceitos de pesquisa.....	19
2 O uso das fontes e a sua relevância no trabalho de pesquisa.....	34
3 O futebol e as correntes ideológicas: comunistas e anarquistas.....	47
4 As práticas esportivas no Estado Novo (1937/1945).....	53
5 As atividades esportivas como práticas educativas.....	56
6 Contextualizando a cidade de Pelotas.....	68
7 A imprensa esportiva e o futebol: amadorismo(?) X profissionalismo.....	85
7.1 A presença das mulheres no mundo do futebol e sua aparição na mídia.....	96
7.2 O futebol como fonte de lucro para o marketing empresarial.....	106
8 O Esporte Clube Fiação e Tecidos e o Sudeste Futebol Clube.....	120
9 Considerações Finais.....	142
10 Referências.....	146
11 Anexo.....	157

1. Introdução

Este trabalho, que sustenta a hipótese da prática esportiva como prática cultural, já havia despertado meu interesse desde o tempo que cursava Educação Física. No entanto, naquela época, o enfoque do grupo de pesquisa do qual participei, estimulou-me ao desenvolvimento de estudos sobre a genealogia dos clubes de remo em Pelotas no período compreendido entre as décadas de 1910, 1920 e 1930. Nos depoimentos coletados junto a nadadores e remadores das entidades náuticas, ficou explícito o envolvimento dos operários com os desportos e, inclusive, com o futebol.

Os entrevistados, em diversas passagens, afirmaram que os trabalhadores das indústrias do entorno do porto de Pelotas no Rio Grande do Sul compunham os quadros de sócios das entidades náuticas e seriam os principais responsáveis pela vida dos clubes de remo. Com base nessa informação, uma grande curiosidade desencadeou em mim a vontade de aprofundar uma pesquisa sobre o envolvimento dos trabalhadores com os outros desportos, especialmente com o futebol.

Este estudo concebe o futebol como uma prática cujos interesses transitaram do operariado à classe patronal, passando, igualmente, por interesses religiosos e ideológicos.

Ao procurar pistas sobre a participação operária nas práticas esportivas, encontrei uma revista local, denominada, “Revista dos Esportes”, um importante veículo de comunicação contemplando várias matérias sobre o futebol menor, aquele praticado por times pequenos de bairros ou fábricas. Em suas manchetes, destacava-se um expressivo número de empresas que possuíam quadros de futebol, compostos pelos próprios empregados, sendo comum a realização de excursões e torneios.

A primeira questão norteadora desta pesquisa visa compreender como ocorria o envolvimento dos trabalhadores com o futebol. Conseqüentemente, outras indagações surgem: de que forma os operários se organizavam para usufruírem esse espaço de lazer? O que representou essa prática esportiva para tais sujeitos?

Qual o caráter educativo exercido pelo desporto futebolístico em relação a seus praticantes? Quais os efeitos produzidos no corpo operário pela realização dessa atividade?

Diante da evidência de que era comum oportunizar o exercício do futebol nas indústrias e nos pequenos estabelecimentos comerciais, percebo, então, a necessidade de compreender o interesse dos dirigentes das empresas por esse esporte. Apesar de não ser tão relevante para o presente estudo o envolvimento da religião católica com o futebol, busco traçar um paralelo acerca dos motivos da criação do time Grêmio Atlético Círculo Operário¹, atuante por quinze anos na cidade e pertencente ao Círculo Operário Pelotense, ligado à Igreja Católica. Também procuro analisar o posicionamento dos movimentos anarco-sindicalistas e comunistas sobre a prática do futebol.

O interesse das correntes ideológicas em oferecer a prática de atividades físicas, em especial o futebol, e, entre outras, para os católicos, por exemplo, o escotismo; evidencia-se o caráter atrativo que exercia o desporto, contribuindo para chamar mais adeptos à participação ativa nos movimentos. Utilizava-se o esporte como uma forma de persuasão para garantir equilíbrio entre o corpo e a mente já que, enquanto a atividade física cuidava de aumentar as forças do corpo, a mente seria trabalhada pelo disciplinamento necessário aos exercícios físicos. Assim, uma vez integrados os movimentos anarquista, comunista ou a religião católica, os participantes estariam sujeitos à investida de outros recursos, tais como palestras, estudos e outras atividades que viessem atender à finalidade de conscientizar e implantar idéias correspondentes a cada doutrina ideológica.

O contato com o livro de atas permitiu-me acompanhar as atividades do Grêmio Atlético Círculo Operário entre os anos de 1938 até o fechamento da

¹ Em 1934, foi criado um clube de futebol pertencente ao Círculo Operário Pelotense, mas, com a denominação de Grêmio Atlético Círculo Operário, só foi aparecer em agosto de 1936, mantendo-se em atividade, sem interrupção, até 1951. Observando que o Círculo Operário Pelotense teve sua fundação em 1932, após dois anos de funcionamento, nota-se a proposta de criar como alternativa aos sócios o hábito da prática esportiva. De acordo com Barreto (1992), o movimento circulista também está relacionado à preocupação com o largo divórcio entre a Igreja e a sociedade brasileira... O autor investiga o histórico do movimento circulista que, na proposta dos círculos operários, objetivava oferecer aos seus membros orientação religiosa, educacional e cultural. Entre as atividades culturais mais destacadas pelo COP, encontramos: grupo de teatro, nas décadas de 1930 e 1940, e reativado em 1985; escotismo até 1960, quando houve desligamento do Círculo Operário Pelotense da Tropa São Roque; jogos de bocha, ping-pong, damas, futebol; aulas de violão, bordado, crochê, datilografia e pintura em tecido.

agremiação. Isso foi importante para observar que existiam registros que se repetiam no documento, isto é, que eram freqüentemente semelhantes, tal como a descrição do material disponível no grêmio, e as propostas de aceites ou recusa aos ofícios recebidos para participarem de torneios e viagens a outras localidades. A análise das atas também contribuiu para perceber a articulação entre as entidades esportivas que ofereciam o futebol e que concentravam esforços para aproximar entidades de diferentes origens (de fábrica, de bairro, de clube ou de instituições educacionais), consistindo esse objetivo no ato de batizar a bandeira do clube e na necessidade de cada time possuir um padrinho para a entidade em formação.

O evento esportivo ganhava outra proporção, à medida que reunia um número cada vez mais significativo de clubes participantes nas atividades. No caso do batizado do Grêmio Atlético Círculo Operário, esse ato pretendia apresentar à sociedade a composição de mais um quadro de futebol, para tanto, era de 'praxe', efetuar o convite a outro clube, de preferência um time mais antigo na cidade e com elevada reputação, como, por exemplo, o Grêmio Sportivo Ruy Barbosa, para exercer o papel de paraninfo. Assumir a participação na festa esportiva implicava concordar com as intenções do novato clube. Por sua vez, a equipe convidada, deveria comprometer-se a dar conselhos e auxiliar a nova entidade, em situações que se fizessem necessárias. A função como paraninfo foi aceita pelo Grêmio Sportivo Ruy Barbosa que retribuiu cordialmente ao convite do Grêmio Atlético Círculo Operário.

Outro hábito verificado pelas anotações das atas residia na escolha da madrinha do time de futebol, semelhante à forma dos times de fábrica e de escolas, que elegiam representantes femininas para as entidades esportivas. Da mesma forma que ocorria nos times de fábrica, também houve uma organização hierárquica no Clube de Futebol do Círculo Operário, logo, para cada cargo, correspondia uma função, e, entre elas, estava a do guarda-esporte e a do capitão-geral, que eram responsáveis pelo treino dos quadros. Assim se manifestaram os integrantes em reunião:

Festa Esportiva: Foi proposta uma festa esportiva que terá como contendores os seguintes clubes: Recreio da Várzea F. C., Americano F. C., Belém Futebol Clube, Dragagem F.C., Sport Club Pelotense, América Futebol Clube, sendo que, esta tarde esportiva terá lugar em nosso gramado no próximo domingo, dia 27 às 14 horas. Sendo que cada partida será disputada por uma fina taça, sendo cada club que contribuir com a importância de 20 \$ 000 que será o preço de quinze entradas para as despesas da requerida festa (Ata n. 2, 17/09/1942).

Em outras atas também são mencionados jogos com grêmios esportivos escolares e os principais quadros que realizaram partidas amistosas com o time do Círculo Operário foram: o Sport Club Pelotense, o Ginásio Gonzaga e o Grêmio São João Batista de La Salle. Havia intensas disputas ideológicas entre maçons e católicos, refletidas nas instituições escolares, representadas pelo Colégio Pelotense e Colégio Gonzaga e o futebol, simbolizava um espaço de prolongamento dessas tensões². Além disso, ele era marcado como momento de encontro entre indivíduos defensores de diferentes concepções de mundo, reunidos em torno de um interesse maior, o de jogar futebol e o de vivenciar a satisfação que esse desporto propiciava aos envolvidos. Diferentes visões de mundo não impediam a prática conjunta do desporto.

De acordo com Rosenfeld (2007), foi esse desporto introduzido justamente no Brasil e, principalmente nos colégios, que, desde muito cedo, se tornaram as forjas de futebolistas: “em escolas como os colégios militares, o Ginásio Nacional, o Alfredo Gomes, o Abílio, o Anglo-Brasileiro, o futebol era quase uma matéria obrigatória”. As idéias do autor podem ser confirmadas na passagem abaixo.

A Igreja Católica, fator de enorme importância, parece não ter levantado nenhuma objeção. Deve-se até salientar o fato de que numerosos padres deram o impulso decisivo para a difusão do novo jogo. Uma certa notoriedade conseguiu o padre Manuel Gonzáles, que deve ter fabricado a primeira bola brasileira de couro cru, para que seus alunos do Colégio Vicente de Paula(Petrópolis) pudessem dedicar-se ao esporte (ROSENFELD, 2007, p.78).

Em relação à participação dos jogadores no time de futebol, nota-se bastante rigor quanto à disciplina dos representantes do Círculo Operário Pelotense. Na ata do ano de 1943, aparece o pedido de exoneração do presidente do grêmio, por este considerar as penas disciplinares impostas aos jogadores rigorosas demais e um tanto irregulares. Também ficou registrado que o regulamento condutor das punições estava relacionado não só à atitude do atleta dentro de campo, por exemplo, a ocorrência de uma falta grave num adversário, mas também ao comportamento referente à relação a autoridade aos presidentes da entidade, como o fato de mostrar contrariedade a um comando. Nesses casos, a punição prevista era a suspensão por três partidas.

² Sobre o assunto ver: Amaral (2003).

O intercâmbio entre o futebol de fábrica, aquele praticado em bairros ou ainda aquele desenvolvido por alunos em educandários ou em instituições religiosas foi bastante comum no período analisado por este estudo. Como forma de manter financeiramente as entidades, procurou-se fazer o uso da reciprocidade, agindo da seguinte maneira: organizavam-se festas de exibição do futebol, onde era costume por-se a venda um mínimo de entradas aos clubes convidados. Normalmente eram oferecidas 15 entradas; assim, o clube que promovia o evento não teria prejuízo. Também, pediam-se doações para o comércio, a fim de premiar os melhores atletas. Era comum a existência de livro ouro nas entidades esportivas com a finalidade de angariar recursos; sendo estes usados para melhorias na infraestrutura. Os donativos concedidos aos clubes ficavam registrados nesse documento. Dada a importância devida a esse material, no entanto, não tive acesso ao livro ouro dos clubes analisados.

Ao procurar elucidar essa realidade delimitei meu objeto de investigação: buscar na memória dos operários-jogadores, que contribuíram para registrarmos as particularidades que o futebol de fábrica vivenciou no contexto da cidade. Para tanto, centrei a análise em dois times de futebol, um representante da Companhia Fiação e Tecidos, que recebeu a denominação semelhante: Esporte Clube Fiação e Tecidos, e, o outro, que era originário da Cooperativa Sudeste de Carnes, recebendo o nome de Sudeste Futebol Clube.

A opção por essas empresas supõe a hipótese de que indústrias ligadas à fabricação de tecidos e matérias primas para o vestuário mantinham o hábito de criar espaços para a prática esportiva de seus operários. Percebe-se aqui também, a necessidade de se reduzir a análise a esses dois clubes devido ao elevado número de times de trabalhadores e o surgimento de alguns clubes operários³ na década de 1930. Vale salientar que era comum a existência de quadros de futebol representando casas comerciais⁴, e a grande maioria estampou, na denominação do clube, o nome da empresa à que pertenciam. As pequenas e grandes empresas, tais como confeitarias, fábricas de sapatos, lojas, livrarias, cafés, fábricas de cerveja, armazéns, laboratórios, podiam possuir, inclusive, mais de um quadro de futebol.

O vínculo dessa temática com a educação justifica-se na medida em que a prática do desporto está atrelada a um instrumento pedagógico de controle e aprimoramento físico dos corpos e das mentes. Pela prática esportiva que exige a realização de exercícios físicos, com o fim de formar hábitos disciplinares que iriam acostamá-los ao cumprimento e respeito às regras e aos regulamentos.

³ Entre os nomes das equipes que aparecem na *Revista dos Esportes*, pertencentes a empresas, podemos citar o Anglo Futebol Club, representante na década de 1940, do Frigorífico Anglo. Também foram mencionadas matérias sobre o Bromberg E.C., formado em 1925, e em atividade por várias décadas, e o Grêmio Esportivo NAOLI, cujo nome se deve ao endereço telegráfico da Fábrica Nacional de Óleo de Linhaça. Sobre o último cabe ressaltar a forma com a qual a revista esportiva denominou o grêmio, ou seja, “um primo rico do futebol menor”. Cumpre uma observação: na medida em que os times de futebol iam surgindo, o grande entrave consistia justamente em não possuírem uma sede onde pudessem ser realizados os jogos, assim como na dificuldade em obter material esportivo e vestimentas adequadas à prática do desporto. A *Revista dos Esportes* reservou duas páginas abordando a história do clube, acompanhadas de fotos ilustrando a estrutura e organização da equipe de futebol. Ainda sobre o *histórico* do G.E. NAOLI, a imprensa esportiva escreveu: “Os funcionários do escritório e os operários da Fábrica resolveram fundar um clube para o recreio nas horas e dias de folga, a exemplo do que já vinha sendo realizado por outras indústrias, e cogitavam de dar um nome para o clube, quando alguém alvitrou que se fosse escolhido o endereço telegráfico da fábrica ele se comprometeria em conseguir um apoio financeiro para o novel clube (*REVISTA DOS ESPORTES*, 1953, p.18). Vale salientar que, contando apenas com seis anos, pois sua fundação remete à 1947, a matéria registrou que o clube possuía sede própria, cancha de bolão coberta, cancha para basquete e vôlei, canchas de bocha e interessante gramado de futebol, e deter, inclusive, um departamento de esgrima. Pertencendo a casas comerciais localizamos no jornal *Opinião Pública*, da década de 1930, e, na *Revista dos Esportes* dos anos de 1940 e 1950, alguns nomes, tais como: Confeitaria Nogueira Futebol Clube (fundado em 1943), Bazar da Moda, Viana Futebol Clube, Ford F. C., Camas de Ferro, Café Nacional, Livraria do Globo, Chevrolet F. C., Grêmio Sportivo Confeitaria Gaspar, Café Carpena F. B. C., Grêmio Sportivo Café Comercial, Café Regente F. B. C., F. B. C. Café Phenix, Brahma F. C. entre muitos outros.

⁴ No ano de 1958, o jornal *A Opinião Pública*, divulgou o primeiro campeonato inter-clubes dos comerciários pelotenses promovido pelo Serviço Social do Comércio, e as modalidades disputadas foram: futebol, voleibol e pingue-pongue. Para saber mais, ver: (*A Opinião Pública*, 20/08/58)

O uso do corpo numa prática saudável era aceito como um hábito positivo, pois auxiliava na manutenção de um organismo livre de doenças e vícios. Ademais, propiciava um desenvolvimento mais eficiente e produtivo do indivíduo praticante tanto no convívio familiar como no trabalho. As práticas esportivas continham finalidades que iam ao encontro dos interesses do capital como, por exemplo, a construção de um corpo forte e ordeiro, despertando o interesse dos industrialistas e comerciantes em incentivar e auxiliar a prática desportiva de seus funcionários.

A experiência produzida no futebol gerou também ensinamentos que foram inseridos no âmbito do trabalho. Por exemplo, a construção, no imaginário social, de que cada participante deve ocupar uma posição no jogo e deter um lugar definido, empenhando-se para realizar a função da melhor forma possível sem, contudo, interferir no papel do outro. Por salientar a importância individual do elemento para a equipe, essa prática, por si só, mostrava-se um bom exercício para o convívio harmônico dos membros do grupo, cujas funções eram claramente distribuídas e respeitadas.

Além dessas noções disciplinares, havia a preocupação em estabelecer o hábito de seguir rotinas – aqui compreendido na forma dos treinos ocorridos antes ou após a jornada de trabalho – visando aprimorar a técnica dos operários-jogadores. Segundo o relato dos entrevistados pertencentes à equipe do Esporte Clube Fiação e Tecidos, era utilizado como recurso a realização de conversas sobre como deveria ser o comportamento dos ingressantes na equipe. Por sua vez, os integrantes deveriam partilhar algumas idéias em comum, envolvendo a elaboração de um código de conduta, contemplando desde o cumprimento de regras relativas à “concentração”, quando os jogadores deveriam estar descansando antes das partidas importantes chegando mesmo, a maneira como se deveria chegar à obtenção da vitória, que só poderia ser alcançada de forma racional e justa, por meio de jogadas “limpas”, sem o uso de violência ou de ofensas ao adversário.

Comparando a prática esportiva com a da educação formal, nota-se que os hábitos escolares também estão pautados num jogo de poder, que envolve controle e disciplina. Existem normas que devem ser seguidas, bem como há a intenção de desenvolver nos educandos a noção de que, individualmente, devem ocupar um lugar e exercer suas atividades da melhor forma possível. Recai a ênfase sobre o mérito e a conquista individual, e os melhores ocupam os postos mais importantes,

como recompensa dos esforços intelectuais. No caso do esporte ligado ao campo profissional, aos jogadores-operários que se diferenciavam pelas habilidades esportivas, seriam concedidas certas regalias como, por exemplo, a de serem promovidos a cargos de chefia, obviamente, considerando-se também o tempo de serviço e a conduta do sujeito. Exemplo similar estabelecido pelo elo entre o campo esportivo amador e o educacional, advém dos norte-americanos, que reservam algumas bolsas a alunos de menores posses, tanto nacionais como estrangeiros, mas somente àqueles que se destacam em modalidades esportivas e, por esta via, podem pleitear vagas em instituições superiores de renome.

No Brasil, tem se observado um número crescente de iniciativas criando projetos sociais que tem como base o estímulo ao esporte. A premissa é desenvolver no jovem uma habilidade esportiva mediante conhecimentos aprendidos na instituição. Observa-se que tais conhecimentos não se limitam apenas ao aperfeiçoamento do desenvolvimento motor e ao domínio das regras esportivas, mas englobam valores morais e éticos. Com efeito, esses significados são transpostos para a experiência de vida de cada aluno e, assim, cria-se uma chance de inserção social, seja atuando como um profissional ligado a um esporte, seja desempenhando um papel de agente condutor de trabalhos no próprio local onde foi aprendiz, seja ainda pela própria parceria firmada entre projetos sociais e empresas, criando-se a possibilidade de oferecer ao jovem um primeiro emprego. Ocupar o tempo livre, ensinar o valor da disciplina, possibilitando o exercício do controle e da vigilância sobre os próprios atos são os objetivos mais buscados pelas entidades sociais. Contudo, em certo sentido, a prática esportiva parece ser buscada não por ela mesma, mas pela possibilidade de propiciar o abandono, das ruas, por parte de um jovem em situação de risco social.

É possível perceber que, além do valor educativo propiciado pelas práticas esportivas, que podem conduzir à formação de um sujeito integral, (com conhecimento técnico e valores humanos) há na atuação dessas instituições uma carga eminentemente política e conservadora que busca o controle social e o combate à violência.

Tanto na prática esportiva como na educação formal e não formal, experimenta-se a socialização e esta viabiliza contatos com seres humanos e suas diferenças. É nesse convívio com os outros que se estabelecem limites,

compartilham-se saberes e constroi-se aprendizados; enfim, produzem-se identidades.

Este estudo pretende colaborar no preenchimento de uma lacuna no conhecimento dos esportes praticados por diferentes classes sociais na cidade de Pelotas, do século XX, principalmente, nas décadas de 1930 a 1960. Outro objetivo é inserir o debate quanto às práticas de controle social do operariado e suas conseqüências para os jogadores-operários e para a cidade. Necessário se faz ir além da forma tradicional da historiografia, que analisa, na maior parte das vezes, os acontecimentos históricos da classe operária sob o ângulo do trabalho ou sob cunho eminentemente político, associando as atividades do operariado à formação de sindicatos, à realização de greves e buscando as condições de vida da classe somente no ambiente do trabalho e não fora deste e no tempo do não- trabalho.

Para a realização dessa pesquisa, realizou-se a análise do jornal “A Opinião Pública”, das décadas de 1930 a 1960 e com a realização de nove entrevistas: dois operários da Fábrica de Fiação e Tecidos, que jogaram pela empresa nas décadas de 1950, 1960 e 1970, bem como foi ouvida a madrinha do clube dessa mesma época; entrevistou-se três operários do Sudeste Futebol Clube, sendo que desses, apenas um jogou pela Cooperativa, os outros dois exerceram cargos de direção do futebol- operário. Contactamos, também, a torcedora número um do clube, segundo os próprios jogadores do Sudeste.F.C. e entrevistamos a primeira madrinha dessa entidade esportiva. Outro depoimento foi realizado com um ex-jogador e operário da fábrica Laneira, uma das principais equipes que competia com o E.C. Fiação e Tecidos. Nesse trabalho o acervo pessoal de fotos dos entrevistados recebeu a devida importância, sendo copiado e analisado. Também foi analisado o Estatuto do “Esporte Clube Fiação e Tecidos”, registrado em 1946, de exemplares da “Revista dos Esportes”, órgão editado localmente. Houve a utilização de outras fontes, como as atas do Grêmio Atlético Círculo Operário, pertencente ao movimento socio-religioso apoiado pela Igreja Católica, assim como a leitura e análise de textos com informações sobre a posição de anarquistas e comunistas acerca da prática do desporto no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Leituras sobre o futebol em Pelotas, sobre a situação econômica e social desta cidade, no período em foco e de estudos sobre a cultura popular fizeram-se mister para compreender as singularidades envolvendo os atores sociais

vivenciando essa cultura urbana. A contextualização do tema da pesquisa exigiu uma revisão de literatura que transitou pelos campos da Educação, da Educação Física, da História, da Antropologia e da Sociologia. Desse modo, procurou-se estabelecer diálogos com Bourdieu, Magnani, Minayo, Eco, Elias, e ainda, com outros autores que utilizados em estudos da Sociologia, mas também da Filosofia como Foucault e da área cultural como Chartier, Bosi e Benjamin.

Este trabalho encontra nos Estudos Culturais um interessante apoio para compreender o esporte como cultura. É importante salientar que a tendência em se investir nesses estudos desenvolveu-se principalmente nos anos 50, em países de língua inglesa, e foi inspirada em questionamentos acerca da tradição elitista da cultura e da civilização e, por outro, simbolizou uma recusa ao reducionismo da teoria do determinismo econômico marxista. A cultura, da forma como é encarada pelos estudos culturais, desnuda o exercício do domínio político via intervenção cultural. E, de acordo com Hall:

a cultura é uma das condições constitutivas de existência de toda prática social, pois toda a prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas toda a prática social tem o seu caráter discursivo (Hall apud NETO et al, 2004, p.53).

Encontramos na definição de Costa (2004) uma síntese do que seriam os Estudos Culturais:

Saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, de uma cultura para outra, que percorrem países, grupos, práticas, tradições, e que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado a produção do pensamento humano- eis uma descrição que parece provisoriamente adequada para me referir ao ethos contingente do que tem sido denominado de Estudos Culturais, ou *Cultural Studies*, em sua versão contemporânea.(COSTA, 2004, p.13).

1.1 Definindo alguns conceitos da pesquisa

Nesta pesquisa, estou privilegiando uma dimensão específica da representação, qual seja, a percepção construída no processo de socialização. Nesse sentido, relevante é a posição ocupada pelo sujeito na sociedade, seus interesses e as condições materiais nas quais se desenvolveu, assim como os meios sociais onde lhe foram passados valores e normas, que determinaram, pois, os fatores que o influenciaram na sua maneira de ver e compreender o mundo. No caso de estar investigando operários-jogadores, oriundos de uma realidade

semelhante, onde as vivências implicam em conviver com dificuldades econômicas, baixa escolaridade e entrada precoce no mundo do trabalho, essas condições imprimiram uma certa identidade social que exhibe uma maneira própria de estar no mundo e de representá-lo.

No entanto, isso não se traduz pela existência de uma identidade fechada e homogênea pois, em cada espaço, por exemplo, no familiar, religioso, social, educacional e profissional assumimos diferentes papéis. Sabe-se que o conceito de representação não se limita a algo intuitivo e imediato, visto ser uma formulação sistemática, organizada, mas em constante processo de construção.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.(CHARTIER, 1990, p.17).

Outra possibilidade de entender o termo representação vai ao encontro da perspectiva pós-estruturalista, que sustenta serem os processos de conhecer e representar inseparáveis. Acerca dos dois termos, Tomaz Tadeu da Silva(1999) assume o seguinte ponto de vista:

A “crise” de legitimação que está no centro das nossas formas de conhecer o mundo está, pois, indissoluvelmente ligada à “crise” no estatuto da representação _ nossas formas de representar o mundo. Perguntas sobre quem está autorizado a conhecer o mundo traduzem-se em perguntas sobre quem está autorizado a representá-lo. Fazer esse tipo de perguntas significa, por sua vez, reconhecer um vínculo entre conhecer e representar, de um lado, e relações de poder, de outro (SILVA, 1999, p.32).

Em relação ainda aos dois termos, o pesquisador explica que “eles são, entretanto, sempre e inevitavelmente, sistemas de representação: construções sociais e discursivas parciais e particulares dos grupos que estão em posição de dirigir o processo de representação” (SILVA, 1999, p.33).

Estamos vivenciando um momento histórico no qual os movimentos sociais têm colocado em xeque a sociedade mais ampla com suas reivindicações e suas próprias maneiras de se fazer representar. Não há como negar a existência, por

exemplo, da homossexualidade, nem desconsiderar a luta contra a discriminação racial. Não podemos ignorar as vitórias do movimento feminino buscando romper com a noção que vinculava a mulher restritamente ao espaço privado, isto é, ao lar. É preciso reconhecer suas conquistas no espaço público, suas exigências por acesso ao trabalho e melhores condições de salário. Cada vez mais os regimes dominantes de representação têm sofrido ataques pelas minorias que nêles não se vêem representadas.

O campo esportivo se constitui como um bom exemplo para evidenciar a luta travada entre os grupos sociais que não tinham acesso à prática esportiva, mas, que, pela persistência, adquiriram o acesso ao esporte e, portanto, ao direito de se fazerem representados. Para negros, mulatos e brancos pobres, o futebol representou uma conquista de emancipação pois, além de participarem do desporto, eles modificaram a visão elitista que havia sobre o futebol. Tal visão remetia à idéia de esporte destinado aos ricos e bem educados, embora tenha ampliado o acesso à população que desejasse jogar. Além do mais, serviu como um meio de inclusão social para aquela parcela da população que buscava fugir do fracasso e desejava obter uma profissão, a fim de garantir um futuro melhor.

As mulheres também souberam utilizar estratégias várias para adentrar um espaço até então masculino. De forma mais sutil, mas não menos eficiente, elas conseguiram desmistificar alguns tabus que buscavam amparo no campo biológico para alegar a inferioridade do corpo feminino para realizar certas atividades esportivas quando comparado ao masculino. A figura feminina era rotulada como a de um sexo frágil e delicado, e, por isso, considerada inapta para determinados esportes. Sob tal ótica, a natureza da mulher não estaria preparada para suportar a realização de exercícios que exigissem força física, agilidade e resistência. Contudo, nem todos os movimentos físicos lhes eram proibidos. Algumas modalidades, tais como a natação, a ginástica e o vôlei eram estimuladas, porque viriam ao encontro dos objetivos desejados para esse público, ou seja, os de conferir maior beleza e harmonia ao corpo feminino e prepará-lo, fisiologicamente, para uma gestação futura bem sucedida.

Através desta pesquisa, se evidenciou uma considerável participação feminina, no período focalizado, mas não como jogadoras. As mulheres, além de participarem indiretamente da organização e funcionamento dos clubes,

confeccionando as bandeiras que iriam representar o time da fábrica ou do Círculo Operário, também eram as responsáveis por conservar e manter impecáveis o fardamento da equipe ou manter a ordem das sedes para as partidas. Na arquibancada, um espaço estava reservado a elas como torcedoras frenéticas dos atletas de sua entidade esportiva. Outra atuação aceita era a de madrinha dos grêmios. Elas, por vezes, ficavam anos à frente da associação, sendo lembradas e marcando época, como aquelas que levaram o nome da equipe de futebol seja da fábrica, da escola ou do grêmio esportivo com dedicação e entusiasmo. A Fig.1 mostra o dado referente a participação das mulheres nas equipes de futebol.



Figura 1- Colocação das faixas nos jogadores do Esporte Clube Fiação e Tecidos pela conquista do campeonato Estadual de 1961. No centro a madrinha, a senhora Rute Plá

Fonte: (Acervo pessoal de Danilo Plá).

Mas esses papéis sociais tornavam-se insuficientes frente ao desejo explícito de também realizar o esporte. Em Pelotas, na década de 1950, já era mencionada nos jornais de época, a formação de um time de futebol feminino. Em especial, para as mulheres, a entrada no campo esportivo demonstrou que esse espaço seria apenas o início para muitas vitórias, pois, habilidade, força, resistência, iniciativa, garra e espírito competitivo foram qualidades assumidas pelas mulheres, sem precisar abdicar da feminilidade. O espaço público, enfim, foi conquistado. O lar já não representava mais o único lugar destinado a elas. Outras funções vieram a fazer parte da realidade das mulheres, e, com a inserção no espaço educacional,

uma parte delas buscou formação na área da saúde e, por essa via, adentrou o mundo esportivo, agora, não mais como expectadora, simpatizante, mas, também, como profissional.

Em tempos mais atuais, do ponto de vista do mercado, que também soube aproveitar o momento e ampliou seus produtos para um público que, antes, era considerado sem relevância. Basta observar as roupas esportivas, a suplementação alimentar, os produtos de beleza lançados para as mulheres e para a população negra. Contudo, isto não significa que estamos experimentando um período mais democrático com aceitação do outro e de maior justiça social, embora a integração ao consumo seja o início de processos de inclusão em outras esferas da vida em sociedade.

Todos os movimentos relatados acima articularam-se e ganharam força ao longo do tempo; portanto, são relações sociais de enfrentamento, por isso, têm conquistado novos espaços. Mais recentemente, temos visto o movimento ecológico travar embates com as grandes multinacionais, afirmando que principalmente o capitalismo deve estar ciente dos efeitos causados pela destruição da natureza. As reivindicações das minorias no intuito de se fazer representar têm demonstrado serem os regimes dominantes que se dizem de representação ampla, na verdade, “mitos”⁵, pois não abrangem a totalidade e sucumbem ao serem contrastados com a realidade.

A realização de depoimentos neste estudo mostrou-se fundamental para pensar o campo da memória do futebol operário. Para melhor compreender o conceito memória, a leitura das obras de Ecléa Bosi e Halbwachs forneceram a sustentação teórica para explicar como se produzem e se reconstróem as lembranças. Partindo da noção desenvolvida por Halbwachs de que a memória é um fenômeno social, pois a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com

⁵ É valiosa a crítica de Chauí relativa aos “mitos” criados em torno do imaginário do nosso País: “o Brasil como dom da Natureza” e “presente de Deus” (apesar da fome e miséria nordestina); povo pacífico, ordeiro e não-violento (apesar do genocídio dos indígenas, da escravidão do povo negro, do extermínio físico e psíquico dos trabalhadores, da repressão e destruição dos movimentos políticos populares e de esquerda, das mortes violentas pela posse de Terra); como país da democracia racial (apesar da discriminação visível e invisível não só com relação aos imigrantes, mas, sobretudo contra os negros-negro de alma branca), como país de um povo alegre e sensual (apesar do machismo, do conservadorismo católico, da discriminação sexual legitimada pela religião, pela medicina e pela legislação penal) (CHAUÍ, 1986, p.97).

a família e com os outros grupos sociais dos quais faz parte e, que, só conseguimos lembrar, aquilo que a nossa memória seletiva permite evocar. Cabe ressaltar que ao realizar o exercício de lembrar estamos repensando as experiências do passado permeadas pelas idéias de hoje, portanto, não revivemos o passado tal e qual aconteceu.

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é mais a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (Bosi, 1994, p.55).

Outra categoria principal para esta pesquisa é o conceito de cultura, compreendida como uma interação de ocorrências entre os segmentos sociais. Não podemos classificar determinado objeto como pertencente ao grupo dos dominantes ou ao grupo dos dominados. Um autor que ofereceu grande contribuição para tal análise é Burke (1998), que faz uso das leituras de Chartier e Certeau para pensar além do modelo binário: cultura da elite e cultura do povo. Como sugestão ele cita as categorias centro e periferia. Os objetos culturais não são propriedades que pertencem a um determinado grupo social. Há, pois, uma interação interligando produções culturais de diferentes grupos sociais. Seguindo as noções de Certeau e Bourdieu, ele sugere que o consumo cotidiano é um tipo de produção ou criação, visto que envolve pessoas imprimindo significados a objetos.

A popularização do futebol é um exemplo da troca de experiências culturais entre os diferentes grupos sociais. Muitos embates, tensionamentos e tentativas de inserção, numa prática mantida à distância das classes populares, fizeram com que gradativamente os membros das classes populares viessem a ter acesso ao futebol e nele demonstrassem sua criatividade, imprimindo características próprias ao desporto, novas maneiras de jogar e, também, a forma intensa de vivenciar o futebol. Os valores inerentes ao futebol não foram somente assimilados, mas outros significados foram se constituindo com sua prática pelos times populares. A exemplo, como dito anteriormente, pode-se salientar a solidariedade envolvendo os pequenos times que iam emergindo numa fase ainda de enfrentamento das pressões oligárquicas.

Nesse sentido, como bem coloca Burke (1998) a cultura popular, aquela não oficial, é resistente. Segundo Pereira⁶ (2000) ao fazer uma história social do futebol no Rio De Janeiro, ele encontrou vestígios de várias tentativas de reprimir a manifestação futebolísticas populares, evitando-se o contato com certas equipes das camadas sociais subalternas, por serem consideradas não aptas à prática desse desporto de elite. Conforme, alegou tal autor, houve um grupo de intelectuais, liderados por Lima Barreto, entre outros, que entendiam que o esporte deveria ser praticado por indivíduos educados e cultos e não por sujeitos brutos e ignorantes. Com efeito, a campanha não teve êxito e, ao contrário do que previam, o futebol não foi apenas mais um esporte, mas tornou-se uma “mania” brasileira, praticada em todos os cantos do país.

A repressão a manifestações populares que pudessem ser base para revoltas sociais neste país não se limitou só à prática do futebol. Ocorreu com outras formas de expressão cultural como a capoeira, o candomblé, a umbanda, o espiritismo, tornados proibidos, pois, em determinada época, eram considerados caso de polícia. A maneira encontrada pelas autoridades para “domar” tais manifestações da cultura popular foi a de exigir a criação de federações reunindo as associações que se dedicassem à tais práticas. O presidente da federação ficava responsável pela observação das regras e normas impostas pelo poder central e assim pelo exercício indireto do controle, tais práticas iam sendo dominadas, legitimadas e integradas à vida social de forma pacífica⁷.

Sobre o processo de difusão da cultura popular, é possível se refletir sobre o caso do carnaval não mais como uma atividade associada somente à massa, pois engloba todas as camadas sociais e possui diferentes significados para cada participante. Segundo DaMatta(1997), para alguns, é uma ruptura com o cotidiano, uma pausa das atividades diárias, uma diversão; para outros, simboliza um tempo de possibilidades quando os valores são invertidos: pobres exercem papéis de reis e

⁶ O autor traz um dado sobre a fundação de uma liga, denominada “Liga contra o Foot-ball”, que surgiu em 1919 e que contou com um grupo de médicos, jornalistas e literatos como Lima Barreto. Havia um consenso entre os opositores da prática do futebol no que se refere à idéia de solidariedade. Na visão desses intelectuais longe de estimular a união e o senso de coletividade, o desporto era sinônimo de desunião e individualismo, devido às brigas e desentendimentos provocados nos clubes. Diferentemente da concepção do futebol como instrumento para a regeneração da raça brasileira, poetas como Lima Barreto enxergavam nele apenas a continuação de um passado de diferenciação e segregação. Para saber mais ver: Pereira (2000).

⁷ Ver: ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro.

ricos assumem o anonimato, perdendo o poder da hierarquia que possuem na estrutura social cotidiana.

Sobre a temática do carnaval, Simpson (1989) analisou os folguedos carnavalescos de São Paulo e Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, até a década de 1980, e, diferentemente de DaMatta, chegou a outras conclusões. Segundo a autora, em oposição a idéia difundida por alguns estudiosos no que se refere ao mito do carnaval como uma grande festa que marca uma confraternização geral que ignora cor, sexo ou status sócio-econômico, e de acordo com os registros que ela fez uso, fontes e material histórico sobre o carnaval paulistano de brancos e negros, a autora identificou a luta e a resistência travada historicamente pelos negros para se imporem na prática carnavalesca. De acordo com a pesquisadora, através dos relatos obtidos com os moradores e participantes das festividades do carnaval no bairro do Brás, em São Paulo, foi possível perceber que dentro dessa grande festa havia espaços delimitados para que grupos sociais diferenciados pelas suas condições econômicas e pela origem étnica brincassem entre si, separados um dos outros.

Sobre a associação entre a atividade carnavalesca e times de futebol, Simson(1989) revelou uma prática que parece ter sido a regra entre as entidades paulistanas como a do surgimento da entidade a partir de um agrupamento futebolístico, e, em outras situações, o futebol apareceu como atividade complementar, de meio de ano, da agremiação de Momo. Segundo Simson(1989), o afastamento das agremiações carnavalescas com o futebol se deu com o rápido processo de profissionalização do futebol amador que se iniciou na década de 1930.

[...] com crescente absorção dos bons jogadores negros, acabou esvaziando a atividade realizada amadoristicamente. Não havia um retorno suficiente que justificasse os investimentos, sempre custosos, dos cordões carnavalescos nessa área, os quais acabavam funcionando simplesmente como celeiros de bons jogadores para o futebol profissional. (Simson, 1989, p.188)

De certa forma o futebol e o carnaval partilham muitas coisas em comum. Ao se observar o ritual da celebração envolvendo esses acontecimentos, percebe-se que ambos rompem com a rotina diária e, por um tempo, os problemas cedem lugar ao sentimento. No caso do carnaval, o prestígio é tanto que faz parar por três dias todas as outras atividades no país, e ainda consegue reunir, na rua, um espaço, que no dia a dia é extremamente vigiado, uma multidão para realizar e contemplar o

desfile. É semelhante a alegria proporcionada pelo futebol, pois, este, apesar de ter uma duração menor, também mexe com as emoções, reunindo torcidas organizadas entregues ao prazer de assistir a exibição de seus craques. A participação de indivíduos anônimos na torcida toma grande proporção, criando as multidões incontroláveis visto também eles acabarem sendo os responsáveis pelo sucesso do evento, improvisando hinos, enfeitando o estádio e fazendo a festa para seus times. Quando pensamos nas grandes decisões de campeonatos, o envolvimento é ainda maior, chegam a mobilizar os torcedores dias antes do confronto.

Certamente existem alguns desportos que ainda apresentam uma distinção. Algumas modalidades exigem altos investimentos, como é o caso do automobilismo, do iatismo e de provas envolvendo o adestramento de cavalos e, em tempos remotos, o turfe. Contudo, essas atividades esportivas sofrem adaptações por parte das classes populares que reinventam tais práticas como, por exemplo, para as corridas de cavalo, temos “as carreiras”. Ao presenciar uma carreira, percebe-se que, de forma idêntica ao turfe, há a habilidade do montador; há competência na divulgação do evento, que também mobiliza um público numeroso que prestigia a competição. O principal é a realização da atividade esportiva, sem que, para isso, torne-se necessário utilizar animais de raça com cavalos mais rústicos possibilita-se a participação popular. Existem diferenças em relação às formas, mas quanto a estrutura é possível perceber algumas similitudes.

Burke (1998), compartilhando as concepções de Certeau e Bourdieu, sugere que o consumo cotidiano é um tipo de produção ou de criação, pois envolve pessoas que imprimem novos significados aos objetos. Também devemos nos ater a um outro aspecto salientado por Burke (1998): a cultura está diretamente ligada ao modo de vida e ela varia segundo diferenças ambientais, sociais, gerando diferenças na cultura material e estimulando também diferentes atitudes.

O turfe praticado aqui no Rio Grande do Sul conquistou muito destaque. Os governos municipais aplicaram grandes investimentos na criação de espaços de sociabilidade, incentivando a construção de hipódromos, e, assim, propiciaram a disputa de importantes provas. Essa prática esteve intimamente ligada às características da região, voltada ao setor agrário, que tinha no campo a sua principal fonte de renda. Mesmo nos dias atuais, quando o turfe já não possui o prestígio de outrora nem é freqüentado pelo mesmo público – a princípio também ele

era um desporto com caráter de distinção social, um ponto de encontro da elite gaúcha. A cidade de Pelotas continua promovendo competições, como “o grande prêmio Princesa do Sul” reunindo um contingente de pessoas que participam do evento para fazer pequenas apostas e apreciar o esporte, mas sem o brilho que o auge da economia agrária propiciou.

Sobre o estilo de futebol praticado no Rio Grande do Sul, vale ressaltar a semelhança maior com o estilo de jogo praticado pelos países vizinhos, como a Argentina e o Uruguai, diferindo daquele praticado pelo restante do País. É comum ouvir dos profissionais ligados ao esporte que o futebol da região Sul é mais disputado, baseado na força e jogado “com raça”. No entanto, é adequada uma consideração sobre as particularidades envolvendo a cultura, pois, apesar de vivermos em uma mesma nação e fazermos uso da mesma língua e possuímos costumes semelhantes, cada região apresenta determinada característica na medida em que os contatos com outras culturas se deram de forma e com intensidade diferentes.

A exibição do futebol foi mostrado em Pelotas, pela primeira vez, em 1901, quando esteve aqui o Sport Club Rio Grande, equipe pertencente a cidade vizinha. De acordo com a obra de Alves, que é uma referência sobre o futebol em Pelotas, além dessa passagem, traz menção a vinda, em 1903, de outro time também da mesma localidade, o Sport Club União. A familiarização com este esporte gerou na mocidade pelotense, segundo Alves(1984), um grande interesse pelo “football Association”, culminando na formação de um clube denominado Athético Foot-Ball Club, em 1904, sendo o seu fundador, presidente e “center- forward” Octávio Mascarenhas, que trouxe a primeira bola de Montevideu, uma bandeira e as regras do jogo.

Rigo (2004) conferiu destaque as características que acompanharam o fato do surgimento do primeiro clube de futebol em Pelotas estar ligado a influência platina; segundo ele, essa singularidade acompanhou os processos constitutivos da trajetória do futebol de Pelotas e da região.

A emergência, a gênese e as formas de proliferação do futebol brasileiro na zona sul do Rio Grande do Sul terá então os rastros desta dupla linhagem platina/européia. Diferente do que ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde o viés europeu foi a influência quase exclusiva, o futebol daqui desenvolveu-se e alastrou-se materializando os cruzamentos culturais de fronteira, o que deu a ele um rosto híbrido, marcado por tensões, pela diversidade cultural, pela multiplicidade (Rigo, 2004, p.67).

A maior proximidade do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai, bem como o fato dessas regiões terem tido a emergência do futebol anterior ao Brasil são razões que podem justificar a influência que os espanhóis exerceram no âmbito futebolístico sobre a região Sul.

Damo (2002) é um outro autor que nos acompanha para pensar no estilo gaúcho de jogar futebol. Ele expõe em uma de suas obras, os vários traços que se somaram para construir a idéia de uma identidade gaúcha no futebol. Entre as diversas razões que constituíram uma forma de jogar e torcer diferentes no Sul, o autor cita a posição geográfica, gerando proximidade com o futebol uruguaio e argentino, as longas distâncias que as equipes daqui deveriam percorrer para jogarem com os quadros cariocas e paulistas, o que acabou provocando intercâmbios múltiplos com os países do Prata. Outras características também foram mencionadas: a tradição política de enfrentamento do poder central; a presença histórica e maciça dos imigrantes europeus na formação da população; as noções de “civilidade” e “progresso” que contrastam com o estereótipo rude e antiquado do gaúcho; a convivência permanente com os levantes armados e a própria “essência” do gaúcho, tida como libertina e atávica, bastando lembrar a postura dos tropeiros no trato com o gado em tempos remotos. Fatores como o clima chuvoso, o frio e, por extensão, os gramados enlameados do interior do Estado, exigiram uma maior preparação física dos jogadores, em detrimento da técnica, o que teria sido determinante para associar o estilo de futebol praticado no sul ao praticado pelos europeus e portenhos, caracterizando-se, como futebol-força, diferente do praticado no restante do Brasil, o futebol ginga.

A relação com os países latinos do Sul consolidou-se muito fortemente, desde as disputas históricas de território entre espanhóis e portugueses, até a proximidade de algumas cidades do Rio Grande do Sul com as fronteiras de outras nações. Outra característica são as tradições conservadas e transmitidas às gerações mais novas e mantidas vivas entre os descendentes dos imigrantes aqui

fixados. Nos jornais que circularam em Pelotas na década de 1930, aparece o convite para a participação em partidas de bocha e bolão, esportes de origem respectivamente italiana e alemã.

A concepção de esporte moderno, desenvolvida por Elias (1992), indica que a convivência com práticas esportivas pode ser extremamente positiva, pois auxilia no controle sobre os instintos, civilizando a conduta e o comportamento do homem. O autor focaliza o esporte como uma dimensão do processo civilizador e sustenta que as maneiras de agir aprendidas dentro do campo são levadas para além do âmbito esportivo, implicando a construção de novas condutas e contribuindo para o controle social.

Uma outra abordagem sobre o lazer ratifica uma lógica a que este estudo se vincula. Trata-se da obra de Magnani (1984). O autor estudou as práticas teatralizadas do circo e investigou no que residia à capacidade de capturar o público, isto é, prender a atenção das pessoas, sendo que as estruturas dessas apresentações eram singelas e, nem de longe, lembravam os grandes espetáculos de circo.

Para Magnani (1984), o valor advindo do espetáculo apresentado nesses espaços reside no fato de que os trabalhadores podem falar e ouvir sua própria língua. A sociedade industrial encarava o lazer como uma atividade marginal, que deveria ocupar uma parte mínima do tempo do trabalhador, e não apresentar temas políticos explícitos. Deve ser apenas um momento de diversão ou de esquecimento dos problemas cotidianos. Entretanto, para o autor, o lugar do entretenimento se transforma em local depositário de aspirações e desejos quase sempre adiados, mas continuamente renovados no interior desses centros de reprodução do imaginário urbano.

Guedes (1998) desenvolve um conceito denominado “redes de sociabilidade” que envolvem os sujeitos participantes de uma prática esportiva. Nesse espaço, eles têm a oportunidade de trocar conhecimentos sobre determinados assuntos que podem contemplar desde aspectos relativos à moradia até os referentes aos locais mais indicados para a realização de compras e trocas de afetividade. Também nessas “redes” circulam temas, entre conversas que transitam em esferas diferentes, englobando desde os problemas relacionados ao

local de trabalho, como os concernetes à situação do bairro onde habitam, e aqueles enfocando a casa, a família e o próprio país.

Ao fazer uma regressão no tempo, voltando as décadas de 1910, 1920 e início da década de 30, anteriores à organização expressiva de times de futebol ou clubes de firmas, em Pelotas, quando a prática esportiva dos operários era ainda realizada nos espaços públicos (ruas e praças), verifica-se que ela não ocorria de forma tranqüila. Não era vista com bons olhos a participação de adultos em atividades descomprometidas e que não atendessem aos interesses do capital.

De acordo com as matérias enviadas ao jornal *Opinião Pública*, nos primeiros anos na década de 1930, eram muitas as denúncias sobre a realização de jogos em praças e em vias públicas, alertando para o desrespeito aos transeuntes que deveriam esquivar-se para não serem atingidos. Mas esse não era o único motivo causador de incômodo para uma parcela da população. Era, principalmente a imagem do não-trabalho, da satisfação e do prazer proporcionados por tal prática esportiva copiada das elites, realizada sem nenhum controle o fator desencadeante de desconforto.

A mobilização dos funcionários de algumas fábricas com vistas à criação de espaços de lazer no próprio local de trabalho, de acordo com os documentos analisados nesse estudo, (jornais e a Revista dos Esportes) apontam uma grande possibilidade de ter sido pensada não somente para ver atendida uma das necessidades reivindicadas: a do direito de aproveitar o tempo livre com uma atividade geradora de satisfação prazerosa e salutar para o corpo, mas também para que a entrega ao jogo pudesse ser realizada de forma a não sofrer perseguições. Por sua vez, é provável que os empresários tenham compreendido que, ao acatar o pedido dos trabalhadores, obteriam uma série de vantagens, pois além de ser um meio de satisfazer anseios dos trabalhadores poderiam divulgar a empresa e seus produtos, e por esse motivo, investiram em clubes esportivos.

Uma das empresas que ratifica a situação aqui exposta era ligada à Companhia Brahma. Na época, fundou-se, então, o Brahma Futebol Clube, conforme notícia que transcrevemos:

Brahma F.C.

Consoante ofício que recebemos, vem de ser fundado nesta cidade, sob o patrocínio da firma comercial Campos Assumpção & Cia; mas um clube desportivo denominado Brahma F.C., que tem como presidente de honra o conceituado comerciante sr. Adalberto Campos Assumpção, e presidente o sr. Ruy B. Tschaffon. O principal objetivo deste novo clube é, além do exercício físico de seus associados, propagar os reputados produtos da companhia Cervejaria “Brahma”, da qual a referida firma é agente nesta cidade (A Opinião Pública, 29/04/ 1933).

Para Antunes (1992), a razão de os industriais não só aprovarem, mas também contribuírem para a manutenção e controle das associações esportivas foi a identificação clube-empresa, que despertava um sentimento de integração entre funcionários e patrões e poderia servir para minimizar os conflitos no local de trabalho, otimizando a produção.

No imaginário social foi sendo criada uma representação do significado de o que era ser um sujeito trabalhador, isto é, aquele que estava condicionado a desenvolver atribuições na empresa e, através delas, prover as necessidades da casa. Ao modificar esse padrão, causava-se estranheza e desconfiança no grupo social mais bem posicionado na sociedade. O operário, ao realizar com sucesso uma prática esportiva fora do beneplácito patronal, nos intervalos do serviço, ficava em maior evidência, e isso despertou uma preocupação naqueles que viam nessa atitude um perigo por se estar fugindo do ideal de modelo de comportamento do bom funcionário que deveria ser responsável, ordeiro e pacato. Não foram poucas as vezes que apareceram matérias no jornal denunciando e condenando a prática do futebol em vias públicas, inclusive, criando estereótipos para os indivíduos praticantes do esporte, qualificando-os como malandros, vagabundos e perturbadores da ordem, como se pode observar a seguir:

Um dos aspectos que muito depõem contra os foros que gozamos de cidade civilizada é a prática do futebol em plena rua. Como todos sabem, é comum, mesmo nos pontos mais centrais, verem-se grupos de menores e até de barbados, empenhados na disputa de partidas de futebol, transformando os passeios em campos de desporto. As consequências disso são fáceis de imaginar. Além da interrupção do trânsito, são os transeuntes freqüentemente atingidos não só pelas bolas, em geral sujas, como também pelos jogadores, que, como é natural, no calor da disputa, não procuram desviar-se de quem passa. Essa prática, além de depor contra os foros de civilização da nossa cidade, como acima dissemos, dão, também, uma péssima idéia do nosso policiamento. Urge, portanto, que a subprefeitura tome as medidas que o caso exige para que não continuem dizendo que não há polícia nesta terra (A OPINIÃO PÚBLICA, 5/09/1933).

As matérias publicadas no jornal “A Opinião Pública” versavam sobre queixas de moradores relativas ao futebol em espaços urbanos comuns e pediam providências quanto ao policiamento da subprefeitura para que esta cuidasse da manutenção da ordem na cidade. Nota-se, no apelo, uma preocupação no que tange a necessidade de se manter o status da cidade: um local civilizado, onde habitantes deveriam compartilhar o mesmo código de posturas, norteado por comportamentos e hábitos cordiais. Portanto, com o intuito de a cidade continuar reconhecida por uma característica sócio-cultural positiva, deveria ser intensificada a ação de maior vigilância, principalmente em relação aos futebolistas.

O futebol nas ruas é uma praga que só um eficiente serviço de policiamento poderá extinguir. Raro é o dia em que a atenção do jornalista não é reclamada pelos abusos que, nesse sentido, verificam-se em todos os cantos da cidade. Ontem, por exemplo, mais um desses fatos chegou ao nosso conhecimento: na rua Dr. Miguel Barcellos, próxima à Praça José Bonifácio, o futebol vem produzindo danos, tendo sido quebrados nada menos de cinco vidros das janelas do edifício onde tem sua sede o Centro Espírita de Jesus. O prejuízo não é pequeno, pois se trata de vidros caros, sendo de notar que não é essa a primeira vez que isso acontece, ao contrário, repete-se constantemente. O caso, como se vê, reclama uma providência decisiva da autoridade competente (A OPINIÃO PÚBLICA, 18/05/1933).

2. O uso das fontes e a sua relevância no trabalho de pesquisa

As fontes⁸ são de fundamental importância na construção de um trabalho de pesquisa, porque apontam caminhos percorridos pelo pesquisador ao elaborar o seu objeto. As escolhas também fazem parte da rotina de quem pesquisa, portanto, há intenção naquilo que se escreve. Este trabalho, por exemplo, visa apresentar a prática esportiva do futebol como prática educativa capaz de produzir saberes no corpo dos operários da cidade de Pelotas. Para tanto, foi utilizada uma gama de instrumentos, tais como: Estatuto do E. C. Fiação e Tecidos e atas, atas do Grêmio Atlético Círculo Operário, revista esportiva, jornais da época, aporte iconográfico e depoimentos orais.

Sobre a imprensa local, Loner (1998)⁹ analisa os diversos jornais existentes em Pelotas e as correntes ideológicas que assumiam, contribuindo para a compreensão da história do meio impresso da cidade. O uso do jornal “A Opinião Pública”, um periódico que circulou nesta cidade desde os anos de 1896, foi motivado por apresentar um caráter peculiar em relação ao outro periódico centenário pelotense, o jornal “Diário Popular”, em atividade até os dias atuais. Quando o proprietário do jornal faleceu, o periódico foi herdado por sua viúva, que o arrendou para outros escritores, e, desse modo, o cunho informativo mudava de acordo com as ideologias dos jornalistas e colaboradores. Com o “Diário Popular” foi

⁸ Para compreender o que é uma fonte, utilizamos a definição de Ragazzini: “Por um lado as fontes não falam *per se*. São vestígios, testemunhos que respondem- como podem e por um número limitado de fatos- às perguntas que lhes são apresentadas. A fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica. Por outro lado, a fonte é o único contato possível com o passado que permite formas de verificação. Está inscrita em uma operação teórica produzida no presente, relacionada a projetos interpretativos que visam confirmar, contestar ou aprofundar o conhecimento histórico acumulado. A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado”(RAGAZZINI, 2001, p.14).

⁹ A autora ressalta a seguinte opinião sobre o jornal *Opinião Pública*: “Para o pesquisador, apresenta-se como um dos principais órgãos a serem investigados, justamente pelas mudanças que apresenta e as alterações que provoca no ‘*status quo*’ da cidade, quando muda de posição política ou apresenta inovações na linha editorial. Normalmente, os grupos que tomam a direção do jornal têm função mais inovadora que o grupo vinculado à família da viúva, com o que, nos momentos em que a família reassume o controle, observa-se uma falta de criatividade e o jornal ressurte-se de uma falta de estilo e projeto editorial (LONER, 1998, p.15).

diferente, ele manteve sua marca, tendo sido sempre o veículo oficial do Partido Republicano Rio-Grandense.

Na tentativa de realização de um estudo científico, é necessário averiguar as fontes utilizadas. No caso de manusear jornais, torna-se indispensável ter atenção às minúcias, por exemplo: quem escreveu no jornal, as idéias divulgadas no periódico e à qual corrente ideológica estava vinculado. Levando em consideração não serem os documentos neutros, mas possuírem implicitamente intenções, o mesmo acontece com os jornais, órgãos formadores de opinião, incutindo em muitos leitores determinados valores. As fotografias¹⁰ também representam um olhar sob a perspectiva de quem escolhe um ângulo, e não outro. Portanto, as indagações são necessárias a quem trabalha com pesquisa e utiliza jornais, revistas, atas, estatutos e imagens.

De acordo com Kossoy (2001, p.26), “ o mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia. Com a Revolução Industrial, e, principalmente, no século XIX, que a fotografia foi evoluindo, isto é, desenvolvem-se melhores tecnologias. Foi no século XX que o hábito de fotografar se propagou a vários países, despertando não só nos nobres e nos governantes, mas no indivíduo, o desejo de ver sua imagem eternizada. O homem passou a ter um conhecimento de outras realidades de forma mais precisa. A fotografia se apresentou como uma forma inovadora de informação e conhecimento, servindo como um importante instrumento de apoio à pesquisa. Dessa forma, as informações não ficaram restritas somente à tradição escrita, verbal e pictórica. A fotografia não se limitou só a revelar informações, ela também denotou emoções.

A foto da forma que foi trabalhada neste estudo é compreendida para além da reprodução do real. No caso daquelas que estamos utilizando, nos mostram imagens que foram produzidas segundo uma vontade do fotógrafo, que poderia ou

¹⁰ Sobre as etapas do surgimento da fotografia, Fabris (1991), fornece uma boa revisão.

“A primeira etapa estende-se de 1839 aos anos 50, quando o interesse pela fotografia se restringe a um pequeno número de amadores, provenientes das classes abastadas, que podem pagar os altos preços cobrados pelos artistas fotógrafos (Nadar, Carjat, Le Gray, por exemplo). O segundo momento corresponde à descoberta do cartão de visita fotográfico (carte-de-visite photographique) por Disdéri, que coloca ao alcance de muitos o que até aquele momento fora apanágio de poucos e confere à fotografia uma dimensão industrial, quer pelo barateamento do produto, que pela vulgarização dos ícones fotográficos em vários sentidos(1854). Por volta de 1880, tem início a terceira etapa: é o momento da massificação, quando a fotografia se torna um fenômeno prevalentemente comercial, sem deixar de lado sua pretensão a ser considerada arte (Fabris, 1991, p.17).

não estar recebendo orientação de terceiros, criadas para aquele momento, para eternizarem em forma de imagem uma intenção e uma mensagem para os que, por ventura, viessem a vê-las. Das várias fotos trazidas a mim, pelos depoentes, além dos jogadores, aparecia um outro personagem acompanhando o quadro de futebol, e que ganhava destaque, pois sempre aparecia na posição vertical, afirmando a hierarquia e o poder que ele representava em nome da empresa, pois ele mesmo nos momentos de lazer dos funcionários, estava a serviço da fábrica, para cuidar e acompanhar o comportamento dos trabalhadores, como pode ser observado na (Fig. 2).



Figura 2 - A presença dos dirigentes nos registros do quadro de futebol da empresa. À direita, o primeiro de pé, o senhor Raimundo Vieira da Cunha, foi treinador do clube de futebol e chefe do setor de contabilidade do escritório.

Data: década de 1960

Fonte: Acervo de Fotos do senhor. J.A.S.

Noutro episódio, o fotógrafo capturou o momento em que um dos profissionais realizava um procedimento comum, no caso, massagear um dos atletas. O foco parece proposital, procurando marcar o diferencial daquela indústria, que reservou uma quantia em dinheiro para gastar na forma de manter a saúde de seus desportistas. Como podemos notar na (Fig.3).



Figura 3: Os profissionais da saúde contratados pelo E. C. Fiação e Tecidos. Massagista das equipes do Fiação, o senhor Mário Marques
Data: década de 1960. Pose feita no campo do Fiação e Tecidos
Fonte: Acervo pessoal de fotos do Sr. J.A.S.

As imagens não são neutras, elas indicam a intenção de transmitir algo. A fotografia nos informa sobre a história; no entanto, é preciso averiguar, entender o contexto político, estético, econômico e social em que a foto foi produzida, preferencialmente, também, tentar descobrir quem foi o fotógrafo e perceber que a bagagem cultural, a sensibilidade e a criatividade daquele que tirou a imagem são pontos importantes e que vem a interferir no produto final. De acordo com Vasquez (1986, p.68), a fotografia tem um caráter subjetivo que se subordina aos ideais do fotógrafo. Segundo o autor, você fotografa com toda a sua cultura, os seus condicionamentos ideológicos, aumentando, diminuindo, deformando e deixando de mostrar.

A imagem, como nos diz Kossoy (2002), “tem múltiplas faces, algumas ocultas, invisíveis”. Não é demais e, novamente parafraseando Kossoy (2001), dizer que a fotografia pode estar a serviço de uma ideologia política (denunciando tensões sociais ou, pelo contrário, testemunhando a normalidade de uma situação apenas pela escolha de um outro ângulo, mais conveniente para o falseamento dos fatos).

A grande questão para a fotografia de Bavcar e para o pensamento está nisto: jamais vimos a substância das idéias ou as verdadeiras formas das coisas, mas vemos sombras, reflexos, vestígios e simulacros que jamais poderão ser apagados por uma luz aclaradora, porque eles também são luz. (BAVCAR, 2000, p.36).

A fotografia é um registro de um fragmento do real, produzida num determinado tempo e espaço por intromissão de um fotógrafo que fez determinadas escolhas e elaborou um enfoque da realidade, sendo possível outras tantas leituras. Segundo Kossoy (2001), toda fotografia tem uma história e ao olhar para seu passado é possível refletir sobre sua trajetória e sobre os três estágios que marcam sua existência.

Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e os sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. Neste caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas. Apenas o artefato, no seu todo, envelheceu (Kossoy, p.45, 2001).

No contato que mantive com os depoentes, um dos momentos mais significativos foi aquele reservado a falar sobre as fotos. Após a entrevista, ainda com o gravador ligado, eu apresentei imagens que eram reproduções das originais, de fotos que me foram oferecidas em outros encontros com diferentes entrevistados, e a conversa que se encaminhava para o final, acabava se prolongando por horas a fio. Sendo assim, a cada nova entrevista, portando mais fotos, o diálogo era ainda maior. Muitos depoentes se emocionavam ao ver a ação implacável do tempo; grandes amigos que já haviam morrido, períodos de maior estabilidade financeira dos operários pela razão dos empregos nas fábricas, aparências que não voltariam mais, momentos que nunca mais se repetiriam.

As fotos revelavam experiências humanas, denotavam sentimentos de alegria e tristeza e faziam lembrar de ocasiões há muito tempo adormecidas. Num dos

depoimentos, o senhor Danilo Plá, ao ver, numa imagem, um ex-companheiro de trabalho e jogador do Fiação, lembrou que o sujeito conseguiu lhe tirar do sério, e, apesar de não ser de briga e, talvez, segundo ele, nem soubesse brigar, de tanto que foi alvo de chacotas, naquele dia, ele estava decidido a revidar, mas, por sorte, um amigo apartou.

Segundo ele, ser guardião, por mais de cinquenta anos, de fotografias tão antigas, imagens que já apresentam sinais de deterioração, pois muitas estavam amareladas, rasgadas e borradas, se justifica porque esse período em que jogaram futebol com os amigos da empresa foi significativo, e, as imagens, representavam as poucas testemunhas que resistiram a ação do tempo.

O período definido para esta pesquisa remete às décadas de 1930 a 1960, quando grandes acontecimentos se desenrolavam no Brasil: a Revolução de 1930, com a ditadura de Getúlio Vargas; as mudanças do caráter agrário-exportador para o projeto de industrialização; as inovações no futebol, datadas para o ano de 1933 como o marco oficial do profissionalismo; a diminuição do preconceito quanto ao ingresso dos negros no desporto e, a educação passando a ser vista com entusiasmo, um meio condutor da Nação ao progresso, após o advento da Escola Nova.

A concepção de tempo trabalhada nesta pesquisa procura não ficar presa aos acontecimentos lineares, a uma evolução que sinaliza as décadas de 1930 a 1960. Contrariamente, seu objetivo maior é situar o leitor, mas, por diversas vezes, os dados retrocedem ao período definido ou chegam a trazer informações do presente. Assim, como Foucault desenvolveu a noção de rupturas no período histórico, buscou-se entender os saltos, as transformações pelas quais a prática educativa do futebol passou em Pelotas e, por isso, o enfoque de investigação não segue uma trajetória cronológica linear.

Um caminho promissor à construção do conhecimento é a História Oral. Apesar do pouco tempo de descoberta, segundo Meihy (2006, p.91), “Apenas depois da Segunda Guerra Mundial é que a história oral se armou de critérios que a diferenciaram das demais formas consagradas de entrevista”. Ela vem contribuindo para dar voz a grupos que, na maioria das vezes, foram ignorados, trazendo à tona interesses coletivos. Comentando sobre sua história, Meihy escreveu:

A moderna história oral nasceu em 1948, na Universidade de Columbia, em Nova York. Na ocasião Allan Nevins organizou um arquivo e oficializou o termo que passou a ser indicativo de uma nova postura em face da formulação e da difusão das entrevistas (MEIHY, 2006, p.92).

No Brasil, o contato foi bem mais tarde devido à agitação política e à ditadura que assolou o País. As décadas de 1980 e, principalmente, de 1990, foram o marco decisivo quanto ao uso da História Oral nas pesquisas desenvolvidas no meio acadêmico.

A história tradicional privilegiou os estudos de longa duração e as técnicas quantitativas, ao passo que desvalorizava a análise do papel do indivíduo, dos aspectos culturais e políticos, desqualificando o uso dos relatos pessoais e biografias. A crítica dirigia-se ao fato de não ser possível obter dados fidedignos, porém, baseados em opiniões particulares. No paradigma estruturalista, o fundamental era identificar as estruturas as quais comandavam os mecanismos econômicos, organizavam as relações sociais e engendravam as formas de discurso. Segundo Ferreira (1998), a partir dos anos 90, a história rompe com o paradigma estruturalista e passa a incorporar nas pesquisas, desenvolvidas no âmbito acadêmico brasileiro, o uso da história oral.

Até o começo dos anos 90, portanto, tinha-se o seguinte quadro no Brasil: a história oral não merecia figurar nos currículos dos cursos universitários, implicava pouca reflexão e não constava das programações de seminários e simpósios. Creio que várias ordens de fatores podem explicar essas dificuldades para a legitimação da história oral no Brasil: de um lado, questões de ordem política e econômica, e de outro, as características da própria concepção de história dominante nos meios acadêmicos brasileiros (FERREIRA, 1998, p.20).

A discussão sobre o estatuto da História Oral tem gerado diferentes formas de compreender seu uso. Alguns autores trabalham com o conceito de história oral como ferramenta; outros, como recurso, método, técnica ou pensando-a como uma disciplina. Neste estudo, sem buscar definir qual o papel da oralidade, entende-se que a história oral ocupa um papel central de construção do conhecimento e sua análise.

Como escreve Benjamin, “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção”.

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, p. 197 e p.198).

O ato de narrar e contar histórias não representar mais um hábito, pois as pessoas, devido à conturbada vida que levam e as exigências da modernidade, pela rapidez e praticidade, reservam menos tempo às conversas e trocas de experiências. Faz-se urgente refletir sobre as relações humanas, e um bom início seria o de valorizar os contadores de histórias.

Este estudo conta com três entrevistas de ex-funcionários e jogadores da Fábrica Fiação e Tecidos, sendo que um depoimento foi realizado com a madrinha do respectivo clube. Os depoentes ingressaram na empresa na década de 1950 e, se tratando dos homens, permaneceram na companhia até o ano de seu fechamento, em 1974. Também foram desenvolvidas cinco entrevistas com pessoas que estiveram envolvidas com o time da Cooperativa de Carnes, o Sudeste Futebol Clube. Nesse caso, também foi possível contactar a primeira madrinha da entidade esportiva. Para além dessas entrevistas localizamos um antigo jogador e funcionário da fábrica Laneira, uma das equipes mais fortes do setor industrial de Pelotas e que representou um dos maiores adversários do E.C.Fiação e Tecidos.

O conteúdo dos depoimentos, as informações, os recursos utilizados pelos entrevistados e a intensidade dos relatos foram fundamentais para compreender que, a partir das vivências dos sujeitos, os acontecimentos mais significativos vão atingir o status de experiências e são estas que irão de forma positiva ou negativa formar os sujeitos.

A primeira entrevista foi realizada na casa do senhor J.A. S., em outubro de 2006, que, por já ter realizado um contato anterior comigo, recebeu-me munido de lembranças: fotos, recortes de jornal e uma bolsa comemorativa do E. C. Fiação e Tecidos. Esses objetos foram guardados como testemunhos, isto é, provas de que realmente as histórias contadas aconteceram e tiveram significado. Esse depoente serviu como âncora facilitando meu contato com outros integrantes dos quadros de futebol da fábrica. A segunda entrevista ocorreu em maio de 2007, com o senhor Danilo Plá, em minha residência. Ele também utilizou recursos para conferir maior visibilidade à sua narração, trazendo consigo faixas de campeonatos pelo SESI,

medalhas conquistadas no futebol de campo, no futebol de salão, nas corridas e no ciclismo, além de fotos e recortes de jornais.

O senhor Danilo Plá chegou a afirmar que contabilizando as medalhas daria um total entre setenta e duas e setenta e seis, mas, segundo ele, já não possuía a coleção completa, pois, alguns anos atrás, resolveu dar ao filho algumas dessas lembranças. Esses objetos (fotos, medalhas, flâmulas e faixas) lhe eram caros, de grande estima, estavam impregnados de histórias e emoções e contavam a vida do narrador. Não falar desses objetos era deixar para trás décadas que lhe foram muito significativas. As palavras do depoente para com o herdeiro foram as seguintes: “...Olha toma isso aqui, pra que tu tenhas uma recordação minha guardada”¹¹.

Contudo, sabe-se que na sociedade capitalista, na qual vivemos, não há nenhuma preocupação em manter essa continuidade da memória de sujeitos que não se enquadram na posição dos vencedores. Segundo Ecléa Bosi (1994, p.25), “A sociedade industrial é maléfica à velhice”, pois nela todo sentimento de continuidade é destruído, o pai sabe que o filho não continuará sua obra e que o neto nem mesmo dela terá notícia. “Destruirão amanhã o que construímos hoje”.

No tempo atual é evidenciado um grande descaso com as pessoas que atingiram a terceira idade, a velhice só é vista pelo ponto negativo, por exemplo, desgaste do corpo, perda dos movimentos, repetição das idéias, senilidade. Os velhos na melhor das hipóteses são colocados em asilos ou clínicas da terceira idade, escondidos da sociedade. Não há lugar num sistema econômico competitivo para corpos cansados, que apresentam o resultado de uma vida inteira dedicada ao trabalho e condicionados à exploração. Numa época em que a rapidez de informações e a estantaneidade são as características principais num sistema, o velho vai de encontro a essa lógica, pois ele representa a tradição, o vínculo do passado com o presente.

Esse episódio relatado pelo senhor Danilo Plá é uma prática bastante comum na comunidade familiar, a de fazer em vida a doação de objetos que são significativos à pessoa. Outros exemplos de artefatos familiares são: álbuns familiares, diários, cadernos de receitas, relógios de parede, moedas... A (Fig.4) mostra a importância da incorporação dos objetos na vida do narrador.

¹¹ Informação Verbal.



Figura 4- A importância dos objetos como recurso da memória.
Fonte: Acervo pessoal do senhor Danilo Plá.

Sobre a incorporação dos objetos à vida dos sujeitos encontramos nas reflexões de Ecléa Bosi (2003), uma contribuição:

Quanto mais voltados ao uso cotidiano mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham, pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam. São estes os objetos que, Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa mundi do viajante... Cada um desses objetos representa, uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador (BOSI, 2003, p.26).

É importante salientar que, nos depoimentos, falava-se do passado com carinho, mas os depoentes não se limitavam ao saudosismo. Em todo momento, traziam o presente como referência, por exemplo: as mudanças nas táticas do futebol, a situação difícil apresentada atualmente na composição de times nas fábricas e o próprio caráter de amadorismo sustentado pela empresa, embora para os ex-jogadores, analisando sob a ótica dos dias de hoje, e, lembrando de toda a estrutura que detinham, classificavam a equipe como fazendo parte de um semi-profissionalismo. De acordo com Bosi:

Ouvindo depoimentos orais constatamos que o sujeito simêmico não lembra uma ou outra imagem. Ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca, ele está vivendo atualmente e com sua intensidade nova a sua experiência (BOSI, 2003, p.)

A participação no quadro da equipe da Fiação e Tecidos foi tão significativa que, mesmo após o fechamento da empresa, os jogadores mantiveram vivo o desejo de manter a associação, e os dois entrevistados continuaram jogando pela turma dos veteranos. Um aspecto destacado nas falas foi a tristeza sentida pelos sujeitos quanto ao fim que teve a história do memorial do clube, impregnada nos quadros dos homenageados e nos troféus conquistados pelos times, perdidos após a venda do complexo industrial. Segundo os participantes, isso foi um descaso da firma, pois poderiam ter doado todo aquele material para fazer parte da nova sede, criada na década de 1980.

Sobre a dissolução do patrimônio material do E.C.Fiação e Tecidos, o senhor Danilo Plá, fez a seguinte consideração:

Ali só teve uma falha que eles deixaram...claro que não era a época de Jesus, acho que nem do Ronaldo. Aquilo ficou meio desleixado, meio abandonado... então se perdeu aquele monte de taças que se tinha; se perdeu aquele monte de fardamentos que se tinha. Eu encontrava na rua, às vezes, um cara com a camisa do Fiação, um cara que nunca jogou pelo Fiação, com a camisa às vezes toda rasgada, batia uma tristeza, uma coisa. E, a gente lutou por aquilo ali (Informação Verbal).

Nas palavras do informante fica implícito que pertencer a um clube não se restringe somente a jogar pelo mesmo, mas implica fazer parte das lutas diárias para manter a entidade esportiva, auxiliando no que for possível para ampliar as conquistas do time. Um dos requisitos mencionados para se considerar digno de defender o quadro da fábrica era o de ter se doado a equipe. Portanto, nem todos estavam a altura de vestir a camisa, era preciso, antes, merecer.

Tratar das memórias do futebol apresenta uma característica peculiar, pois o corpo demonstra agitação, desejo de se manifestar. Ao lembrar de uma competição, torna-se impossível ficar imóvel, os gestos fluem com naturalidade, sendo a defesa mais bonita, uma vez que um dos depoentes era goleiro, ou o gol mais difícil, levando o time a uma final. Ao narrar, os sujeitos não apenas relatavam a sua experiência, mas, em todo instante, traziam passagens de outros amigos que contribuíram para o sucesso da equipe de futebol. Comparando as duas entrevistas,

várias vezes aparecem relatos semelhantes sobre um determinado acontecimento, demonstrando uma memória coletiva, e não somente individual.

O estatuto da agremiação, as matérias saídas nos jornais, as falas e as atas das reuniões permitiram compreender o que levou os dirigentes das empresas a patrocinarem o futebol dos empregados, bem como o funcionamento, a organização, as penalidades aos infratores, os convites, a participação em excursões, as relações cultivadas a partir do futebol e o significado desse esporte para os operários-jogadores do Esporte Clube Fiação e Tecidos e do Sudeste Futebol Clube.

A associação de diferentes suportes, tais como, fotos, depoimentos orais, o estatuto da agremiação e os recortes de jornais nos proporcionaram uma visão mais ampla sobre a pesquisa. Para construir uma versão próxima da realidade nos valem dos vestígios do passado encontrados nesses diferentes aportes, e através do diálogo entre os diversos tipos de material foi possível compreender mais sobre o fenômeno estudado.

Sobre a importância de cada fonte utilizada observamos que as imagens permitiram visualizar os sujeitos que participaram dos campeonatos do futebol de fábrica, também registraram a presença e o papel das mulheres nos jogos e a posição de destaque conferida aos dirigentes da empresa que apareciam ao lado dos jogadores sempre que havia a tradicional foto do time, revelando a presença atuante da chefia junto ao quadro.

Refletindo sobre a utilização da fotografia para a pesquisa, Simson, (1995)¹², concluiu no seu estudo, que essa fonte auxiliou na compreensão dos fenômenos pesquisados, pois, forneceu bases mais sólidas para as perguntas feitas pelo entrevistador, bem como, sugeriu novas questões, não constantes do roteiro inicial da coleta de depoimentos e, também, criou uma certa empatia entre entrevistado e pesquisador, invertendo-se a posição de poder que existe numa situação de entrevista, passando o entrevistado a ser o conhecedor do conteúdo da foto, assumindo o papel de introdutor do pesquisador nos meandros dos fatos ali registrados. Através da experiência do uso de imagens, concomitante a coleta de depoimentos com os jogadores-operários dos times de futebol de fábrica de Pelotas, podemos afirmar, assim como Simson, o papel da fotografia como um instrumento

¹² Para saber mais ver: VON SIMSON, Olga. Som e Imagem na Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: reflexões de pesquisa.

de fundamental importância para acionar a memória, uma vez que, preserva detalhes que não seriam possíveis sem a sua conservação.

Os depoimentos contribuíram para descrever a trajetória da agremiação, ressaltar os momentos de auge da entidade, por exemplo, a conquista de campeonatos e, também, do prestígio e do reconhecimento alcançado na mídia e na comunidade pelotense, pelos esforços dos jogadores-operários na obtenção de um título, e, por outro, trouxe à tona as fases difíceis de serem lembradas, tal como, o fechamento das fábricas e, conseqüentemente, o término gradual dos times de futebol operário. O estatuto da agremiação e os recortes de jornais usados na pesquisa permitiram saber sobre aspectos mais pontuais da história das entidades, identificando quem foram os fundadores dos clubes e como se deu a organização interna de cada agremiação.

3. O Futebol e as correntes ideológicas: comunistas e anarquistas

Um importante trabalho com ênfase no corpo dos operários como o centro para as suas próprias lutas é o estudo de Aravanis (2005). A autora parte de um estudo fundamentado no Rio Grande do Sul, nos primeiros anos da República. Nele, tece uma análise da imprensa operária e constata que a militância tinha como uma das ferramentas de luta o corpo do operário. Via-o como arma de luta, mostrando ser esse corpo não apenas objeto de exploração e de dominação pelo capital. Contudo, a fim de haver um engajamento na luta operária, era necessário ao trabalhador ter “posse” e gozar da integridade física de seu corpo.

As longas e estafantes jornadas, as condições de precariedade do local de trabalho e os baixos salários prejudicavam uma participação mais ativa. Para a transformação desse quadro de cansaço e abatimento, a autora aponta como um dos objetivos do movimento anarquista a conquista de mais tempo de descanso, com o propósito de restaurar o corpo, tendo em vista a mente pois “[...] um corpo descansado iria facilitar o estudo, a emancipação intelectual e a educação associativa.” (ARAVANIS, 2005, p.181).

No que diz respeito aos hábitos com o corpo, fica explícito, no estudo realizado por Aravanis (2005), que os militantes anarquistas procuravam ancorar entre os operários a idéia da necessidade de manterem um corpo fisicamente saudável, e isso se dava por meio dos combates desencadeados contra certas práticas da época, tal como o alcoolismo. Os lugares onde se vendiam bebidas eram taxados como ambientes de perdição, enfraquecimento do corpo, e provocavam sua degenerescência. Mas, como contraponto desta forma inapropriada de gozar o lazer, os anarquistas viam os exercícios ao ar livre, tais como a ginástica e possivelmente o futebol, como exercícios saudáveis.

Contudo, o futebol deveria estar a serviço da pregação libertária e ser oferecido com cautela, para esse esporte não diluir o espírito revolucionário dos

trabalhadores e não se tornar o ópio¹³. O grande incentivo dos anarquistas em relação ao entretenimento dos trabalhadores centrava-se no teatro, cujas peças eram escritas por intelectuais libertários e elaboradas para serem representadas pelos próprios operários. A inspiração vinha dos fatos reais, como as greves, e tinham por fim discutir os conteúdos do movimento político.

Numa outra ótica, a obra de Góes (1988) apresenta, a posição da imprensa operária anarquista do Rio de Janeiro sobre o lazer, e aponta ao alerta e às denúncias sobre o envolvimento dos trabalhadores com os jogos, especialmente, o futebol. Os jornais entendiam que esse esporte estava sendo o responsável por desviar o foco das reais intenções do movimento, a saber: combater o Estado, a Igreja e as formas de opressão e dominação que atingiam os operários. “E afirmavam: muitos operários se dedicam mais aos jogos, especialmente ao foot-ball, para agradar aos patrões, do que a instruir-se na luta para defender os seus direitos”(1998, p.77). Acrescentavam que de maneira alguma poderia ser esquecido o fato de o futebol ter nascido no meio burguês, e isso, por si só, já sinalizaria cautela, pois a prática do desporto não poderia desestruturar ou atrapalhar a organização da classe.

Percebe-se que os patrões estavam atentos e tentavam estender o controle sobre o trabalhador e intervir em seu comportamento. Nesse sentido, algumas fábricas organizavam jogos de futebol, promoviam atos religiosos (missas), direcionando e intervindo nas formas de comportamento e de distrações dos trabalhadores. Os anarquistas percebiam e denunciavam o que se escondia por trás dessas atitudes dos patrões. Alertavam os trabalhadores para não se deixarem envolver por “essas manobras” que visavam impedir que eles se organizassem como classe (GÓES, 1988, p.59).

Inicialmente, os anarquistas não tinham restrição quanto à prática futebolística, mas, como esse esporte foi ganhando força e exercendo cada vez mais atração sobre os trabalhadores, foi igualmente gerando um caráter de desconfiança e preocupação entre os intelectuais anarquistas, que acabaram por condenar essa atividade, preferindo promover a instrução do proletariado.

¹³ Caldas (1994) aponta não ser o futebol que aliena, mas os governantes os quais deliberadamente, usam os esportes de massa com objetivos políticos, quase sempre sem nenhum escrúpulo, sem nenhuma ética. Outro autor que faz menção a crítica dos intelectuais da esquerda ao esporte é Damo. Segundo Damo (2001), a visão principalmente dos marxistas concentrava-se no fato de que o esporte serviria como ferramenta anti-democrática que promovia a coesão interclasses e amenizava o enfrentamento entre patrões e empregados e que tinha também paralelo com o nacionalismo.

Sobre as tendências do movimento operário em relação ao futebol, apesar da difícil tarefa de encontrar livros tratando especificamente sobre esse tema, localizamos a obra de Antunes (1992) que, ao estudar o futebol de fábrica, em São Paulo, dialogou com os escritos de Eric Hobsbawn e Edgar De Decca sobre a posição do anarquismo e do comunismo. Na leitura sobre Hobsbawn, Antunes (1992) ressalta a crítica dirigida pelo autor aos trabalhadores, referindo-se a eles como “vasta massa apática”, a qual não se interessava pelo sindicato e pelos rumos do movimento operário, mas demonstrava um vivo interesse pelo futebol. Comenta que, na visão do autor, o futebol assumiu uma importância fundamental na cultura operária “ pois o futebol tornou-se o tópico principal da conversa social no bar, uma espécie de língua franca das relações sociais entre os homens, ele tornou-se parte do universo de todos os operários” (HOBBSAWN, 1987, p.287).

Segundo Antunes (1992), ao perceber a ampla conquista do futebol, com adeptos em todas as camadas sociais, o melhor a ser feito, segundo os comunistas, seria elaborar uma campanha para a “proletarização do esporte” (DECCA apud ANTUNES, 1992, p.48). A proposta era a de consolidar o futebol como elemento aglutinador da classe operária, visando a possibilidade da criação de uma federação que reunisse clubes de futebol organizados pelos sindicatos.

Em relação a influência das tendências ideológicas no lazer dos operários, temos uma passagem no jornal “A Opinião Pública”, datada de 1934, acerca da realização de uma tarde esportiva em benefício à Frente Sindicalista, que contou com o patrocínio de uma casa comercial, denominada Casas Pernambucanas, e a participação dos seguintes times: S.C.Fiateci, G.S.Lealdade, S.C. América do Sul, Vasco da Gama F.B.C., S.C. Juvenil e Bairro Simões Lopes F.C. Sobre a formação de clubes representando uma classe, possuindo, inclusive, mais de um quadro de futebol e que disputavam jogos entre si, temos a seguinte matéria do jornal “ A Opinião Pública”:

Interessante torneio, amanhã, no estádio do S.C. Pelotas.

Amanhã, às 9 horas, no estádio da Avenida Bento Gonçalves, será jogado um interessante torneio entre clubes compostos de *player* de profissão sapateiro. Tomarão parte os quadros das firmas Carvalho Teixeira & Cia; Edmundo Soares, Nicola Celente; Celente & Couto, como também os clubes Nivonio e Defeza (A OPINIÃO PÚBLICA, 19/05/1934).

Outro jornal que contribuiu com a divulgação dos esportes praticados em Pelotas e Rio Grande foi o “Gazeta Esportiva”. O periódico foi fundado em junho de 1932, pelo jornalista Saul Porto, na cidade de Rio Grande. As matérias divulgadas por esse veículo focavam temas voltados somente aos esportes e, num dos primeiros exemplares (31/10/1932), já anunciou o incentivo e o apelo à comunidade para a formação de clubes de futebol representando as diversas classes sociais. Em 1936, esse órgão esportivo transformou-se em um jornal veiculador de notícias gerais. Percebia-se um forte apelo quanto à defesa dos direitos dos trabalhadores, sendo, por diversas vezes, considerado pela imprensa e pelo meio social uma publicação comunista. Apesar das tentativas de negar essa denominação, era de conhecimento geral o vínculo do dono do jornal com o Partido Liberal.

Faz-se necessário mencionar o periódico da cidade vizinha pelo fato de não termos tido muitos jornais direcionados exclusivamente às notícias sobre esportes. Além do mais, as relações entre Pelotas e Rio Grande sempre foram marcantes, desde os intercâmbios culturais, educacionais, esportivos e econômicos. Havia enorme rivalidade entre as equipes de futebol das cidades e, nos depoimentos com os jogadores-operários, era nítida a competição entre as fábricas das duas cidades. O campeonato do SESI, que reuniu os times das empresas da região Sul, a partir da década de 1940, inicialmente promovia um campeonato na cidade. Nele, o quadro vencedor iria jogar com o melhor time de firma de Rio Grande, e o ganhador disputaria com alguma equipe de Porto Alegre, e se consagraria ou não campeão. O campeonato foi muito importante para o futebol em atividade pelas fábricas.

No Brasil, a corrente do anarquismo que mais êxito obteve foi o anarco-sindicalismo. No Rio Grande do Sul, em particular, essa corrente do anarquismo liderou as vanguardas de trabalhadores a partir dos primeiros anos do século XX, declinando no final da década de vinte. Para combater a Igreja, empreendedora na área da educação, um campo onde exercia grande influência, foram criadas, da mesma forma, como estratégia de luta, as escolas racionais de ordem anarquista.

Em pesquisas referentes à capacidade de resistência anarquista ao projeto de ideologização dirigido pelas classes dominantes, temos o estudo de Corrêa (1987), um esboço do percurso dos libertários sobre a educação no Rio Grande do Sul (1895-1926). A autora faz um resgate do pensamento pedagógico de intelectuais desse movimento, como Godwin, Proudhon e Bakunin para conceituar a função à

que a educação deveria exercer e aos princípios que, segundo os pensadores, deveriam ser assentados “na razão e na ciência”, e não na fé. Além disso, deveriam incitar: a liberdade, a emancipação do homem, a vontade, a força física, o espírito e promoção de condições de igualdade entre os sexos. No currículo dessas escolas, afiguraram como exercícios ensinados aos alunos a ginástica sueca e a música.

Sobre os espaços de lazer, a obra de Sidney Chalhoub (2001) oferece grande contribuição para se pensar os locais de descontração, tais como o botequim e os quiosques, os quais eram vistos como espaços de acontecimento político, onde se desenrolavam rixas e resistências aos interesses da ordem burguesa. O autor foi buscar nas histórias de amor, brigas de botequins, tensões entre indivíduos, grupos étnicos e nacionalidades, a trama do dia a dia, as formas de ganhar a vida no Rio de Janeiro, para descobrir, no cotidiano da classe, um outro lugar da política.

Nessa perspectiva, seria possível refletir acerca das resistências não só pelo viés da organização dos partidos políticos em defesa dos trabalhadores, mas também pelas micro resistências da ordem do cotidiano.

Mas aqui se revela também algo que talvez se desejasse ocultar: a tentativa de imposição de hábitos de trabalho compatíveis com os desígnios burgueses de acumulação de capital que encontrou firmes obstáculos nos velhos hábitos e no modo de vida tradicional dos pobres urbanos em questão. Neste caso, a estigmatização do espaço por excelência do lazer popular revela aquilo que a história na versão dos vencedores se empenha sempre em ocultar: a transição para a ordem burguesa na cidade do Rio de Janeiro no período foi um processo de luta, de imposição e resistências, e não um caminhar harmônico, linear e tranqüilo (CHALHOUB, 2001, p.257).

As práticas esportivas também estão presentes nas artimanhas utilizadas pelos sujeitos como meio para resistir à ordem dominante. O futebol é um exemplo vivo da reinvenção popular, uma vez que, inicialmente, estava destinado à classe mais abastada que lhe reservava um caráter elitista. O futebol foi uma prática esportiva importada, vinda da Inglaterra. Possuía regulamento e estilo próprios e exigia um espaço apropriado, além de materiais e vestimentas adequadas¹⁴.

¹⁴ Entre as vertentes que relatam o surgimento do futebol encontramos a que afirma sua origem remeter a um desporto bretão. Segundo essa visão o futebol apareceu no Brasil, em 1894, e seu fundador foi Charles Miller. Era esporte universitário e burguês. Também se caracterizou como um desporto elegante e obediente a um código. Foi trazido para o Brasil por Oscar Cox, em 1896 e iniciado no Rio de Janeiro. Para saber mais: SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol brasileiro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

Pelo menos nos dez anos seguintes, o futebol continuou um jogo inglês e de elite: os jogadores eram, na sua esmagadora maioria, técnicos industriais e engenheiros ingleses. Só se falava em field, full-back, inside-right, referee, linesman e por aí afora. Até 1930, se um jogador se machucasse, o ofensor só pedia desculpas sinceras se fosse em inglês: *I'm sorry*" (SANTOS, 1981, p. 13).

4. As práticas esportivas no Estado Novo (1937/1945)

O futebol consegue aglutinar, segundo DaMatta (2006), o símbolo do Estado Nacional e sociedade, bandeira, hino e cores, elementos anteriormente restritos a uma elite ou aos militares, com seus valores mais profundos. Segundo ele, o futebol tem servido como um instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira: primeiro porque é um formidável código de integração social, pois ajuda uma coletividade altamente dividida internamente a se afirmar, tornando-a capaz de atuar de modo coordenado, corporativamente e de, eventualmente, vencer. Permite ao povo, sobretudo ao pobre, a experiência da vitória e do êxito.

No período do Estado Novo (1937-1945), os esportes e, principalmente, o futebol, assumiram uma importante função qual seja, a de congregar a população, independentemente das diferenças de ordem econômica e social em torno de um esporte, ora praticando, ora assistindo, ora aguçando o espírito patriótico de cada um e, portanto, servindo para consolidar a política reguladora vigente na época.

O periódico A Opinião Pública, estampou no seu editorial, no ano de 1941, uma nota sobre a investida do Governo Vargas em nacionalizar e uniformizar os termos desportivos empregados no Brasil. O meio impresso local vinculava a seguinte informação: “Rio, 8- O ministro Gustavo Capanema designou uma comissão para estudar a nacionalização e uniformização das expressões usada nos desportos” (A Opinião Pública, 08/08/41).

É interessante observar que as regras que compunham o estatuto do futebol eram eminentemente estrangeiras, mais precisamente inglesas, e nesse momento histórico, vivia-se uma fase em que o desenvolvimento estava voltado para a economia interna, reforçando o nacionalismo e isso se refletia em todas as instâncias, inclusive, na necessidade de aporuguesar as expressões vindas de fora.

Outra iniciativa que veio a informar e formar a população pelotense sobre a importância da prática dos esportes foi a exibição de filmes com caráter esportivo.

No jornal não havia nenhuma referência de que esta ação tratar-se-ia de uma campanha nacional, contudo, tudo leva a crer que sim.

Esporte em Marcha

A empresa Cinearte Ltda. Iniciará, hoje, a exibição de filmes essencialmente de caráter esportivo, denominado “Esporte em Marcha”. Os desportistas cidadãos poderão, assim, acompanhar pormenorizadamente o desenvolvimento dos mais diversos esportes. Esses filmes esportivos serão exibidos, continuamente, todas as quintas-feiras. Hoje, será focado o primeiro desta série de esportes (A Opinião Pública, 01/07/44).

Sobre a Educação Física no Estado Novo¹⁵ temos um importante trabalho de Lima (1979) que buscou detectar, nos discursos dos teóricos e promotores da Educação Física, no Estado Novo, os princípios que regeram a construção e a determinação no uso de uma arquitetura desportiva, tal como: praças de esportes, colônias de férias, piscinas, clubes e escolas de Educação Física, elaboradas para incutir as representações oficiais(aperfeiçoamento da raça, integração nacional, sentimento nacionalista, etc.) da sociedade brasileira no período de 1937/1945. A Educação Física representou uma ramificação do poder, usada e orientada pelo Estado, um disciplinador da sociedade e, especialmente, da classe trabalhadora. O público alvo para o disciplinamento do corpo foram os seguintes grupos: a juventude brasileira, o operariado, os filhos destes e os menores vadios dos morros e favelas.

Lima (1979) constatou, nas entrevistas e nos documentos oficiais que a pesquisa utilizou, que havia grande vontade em divulgar a necessidade de instituir a Educação Física nos mais variados espaços, entendendo-a, como uma “poderosa arma” que teria como projeto a estruturação humana, contribuindo para formar o “homem brasileiro”, procurando homogeneizar nossa formação étnica, composta por três raças: brancos, índios e negros. A disciplina de Educação Física iria trabalhar diretamente com a cultura e a formação espiritual do povo brasileiro. Seus objetivos seriam introjetar a noção de coletividade, fundar a idéia de união de todos, representar a Nação, procurar modificar a tendência separatista existente nas regiões, paulistas/mineiros/ gaúchos, em nome de um nacionalismo, e reconhecer

¹⁵ Segundo Lima (1979), o modelo inspirador da organização dos espaços esportivos para a prática de Educação Física brasileira era baseado no treinamento da mocidade alemã e italiana que, através dos exercícios físicos, fortaleciam o corpo, disciplinavam o espírito, constituindo as gerações em um todo homogêneo e coeso, sabendo mandar e obedecer e podendo resistir aos embates dos dias incertos da Humanidade.

que, primeiramente, todos são brasileiros. No entanto, o estímulo ao coletivo não diminuía as diferenças sociais, sempre mantidas no País.

Homem este que não terá por sua vez tratamento idêntico, ou seja, terá projeto diferente para destinatários diferentes, com objetivos, portanto, também diferentes, ou seja: para as elites, aperfeiçoar os valores dirigentes e criadores, através de uma preparação cultural e, para as massas, as aptidões produtoras, através da formação eugênica (LIMA, 1979, p.22).

A intenção de divulgar o hábito da prática esportiva para os trabalhadores¹⁶ mostrou-se nítida durante o Estado Novo, basta verificar os objetivos norteadores da disciplina de Educação Física.

“Restabelecer” e “compensar” o “desgaste de forças” nos “estabelecimentos fabris”, com a criação de campos de esporte, assim foi a forma utilizada pela Educação Física para “padronizar”, “homogeneizar” e mais do que isto “forjar” este homem, esta “máquina humana pobre por herança” (LIMA, 1979, p.52).

A imagem enfraquecida da população brasileira e, principalmente dos operários evidenciou-se preocupante para as autoridades. Uma grande parcela dos homens candidatos a ingressar no exército foram barrados e dispensados por não atenderem aos mínimos requisitos exigidos: possuíam baixa estatura, deficiências físicas e “debilidade”, pouca resistência e pouca agilidade. Essa fragilidade do corpo se opunha ao modelo do homem desejado por uma sociedade dinâmica, industrializada e projetada internacionalmente. Mudanças faziam-se prementes, e transformações não só físicas, mas também internas eram necessárias a fim de despertar nos indivíduos iniciativa e confiança e, talvez, por isso, as práticas esportivas ganharam destaque.

¹⁶ Segundo Lima (1979, p.57), “A Portaria n 68, de 6 de dezembro de 1943, no Ministério do Trabalho, junto à Comissão Técnica de Orientação Sindical, o Serviço de Recreação Operária, que abrange em seu Plano “benefícios” para menores e adultos” são exemplos dessa intenção do Estado Novo.

5. As atividades esportivas como práticas educativas

A importância que a prática de desportos assumiu no meio urbano pode ser associada a dois objetivos: um, reservado a lhe conferir uma função profilática, pensada para prevenir doenças ou curar determinados males; e o outro o de amenizar os impulsos e adestrar o corpo e a mente.

No primeiro caso, a prática de esportes era recomendada com o propósito de corrigir a postura dos indivíduos, dar resistência, fazer circular e expelir as impurezas do corpo, aumentar a capacidade de oxigenação dos pulmões, tornar os músculos mais rijos e promover a elasticidade. Para as mulheres, a finalidade era a de propiciar forma e beleza harmônica as quais eram contempladas mediante exercícios direcionados à musculatura pélvica. Cabe ressaltar que o trabalho desenvolvido nessa região era importante para uma gravidez futura e sadia. Indiferente ao aspecto lúdico ou prazeroso do esporte, buscava-se o resultado biológico, a ser gerado no organismo, com a continuidade dos exercícios.

Para Lucena (2000), os banhos de mar, demonstraram uma outra relação dos habitantes das cidades marítimas no Brasil com esse espaço, até então relegado a um plano de quase completo distanciamento, e justificado pelo fato de o mar, entre nós, até as primeiras décadas do século XIX, ser um lugar de despejos de lixo e excrementos. O autor, com base nos escritos de Corbin, salienta ter sido o mar concebido durante muito tempo pela interpretação bíblica do oceano caótico, incompreensível, demoníaco e, responsável por essa visão que, somente no início do século XVIII, começou a mudar, fazendo emergir uma concepção medicinal em que os banhos gelados eram receitados como panacéia.

No caso de cidades litorâneas, como o Rio de Janeiro, e, em locais com extensas lagunas, a exemplo de Pelotas, nota-se, no início do século XX, um grande incentivo à prática de regatas, com a constituição, em 1914, do Clube Regatas Pelotense, e, em 1932, do Clube Náutico Gaúcho. O remo era um exercício aglutinador de espírito de união, força, condicionamento físico e aumento da

capacidade de oxigenação para os pulmões, melhorando a circulação sanguínea do organismo e promovendo uma vida mais saudável.

Os periódicos locais e jornais de expressão nacional divulgavam os esportes aquáticos como excelentes instrumentos para o combate à tuberculose, grave doença a afligir a população brasileira e provocar inúmeras mortes. Essa moléstia era associada às condições precárias de moradia, transmitida pelo contágio de indivíduos doentes habitantes de um mesmo espaço com pessoas as quais não tinham desenvolvido a enfermidade. O não cumprimento às normas de higiene, que previam ambientes arejados para a circulação de ar, somado ao elevado número de habitantes amontoados em locais diminutos, representaram os principais motivos para a propagação da doença. Com intenção de combater esse flagelo, a realização da prática de esportes náuticos era compreendida como uma medida necessária, a fim de melhorar o condicionamento físico, principalmente em relação aos pulmões. A esses esportes estava associada a possibilidade de evitar algumas moléstias a que estavam propensos indivíduos com corpos débeis. A natação também representou um outro bom método de treinamento.

Outro propósito para o qual as atividades esportivas buscaram contribuir diz respeito à diminuição da agressividade, ou à contenção da energia do dinamismo dos jovens, fato nítido ao se perceberem a força, a garra, a paixão, a vontade, a coragem e a liberdade brotando de seus corpos. Visando refrear os impulsos, as regras nos jogos foram a técnica escolhida com a intenção de assegurar a subordinação dos sujeitos. Uma vez participando de um esporte, os envolvidos deveriam acatar e respeitar o regulamento. Nesse sentido, o exercício físico representou um meio para extravasar as energias, tendo como meta um organismo calmo e controlado, ao final das atividades.

Sendo a atividade orientada por um instrutor – um professor ou um militar – seria coordenada e teria um objetivo a ser alcançado: exercitar-se-ia a regulação dos movimentos no seu desenvolvimento e na sua execução. O tempo também estaria sob controle, na medida em que não se tratava de um tempo livre, de movimentos espontâneos, mas de um tempo programado para cada atividade. Merecedor de destaque também, era o espaço, um componente a marcar o local onde deveria ser realizada a prática esportiva.

Partindo da experiência e da vivência dos jogadores-operários com o futebol, tendo em vista que os dois clubes analisados, o Esporte Clube Fiação e Tecidos e o Sudeste Futebol Clube, apresentaram propostas educativas diferentes na forma de conduzir a prática desse esporte, cabe distinguir as diferenças entre os vários tipos de educação. A educação formal vem a ser aquela transmitida nos estabelecimentos de ensino, onde há proposta, está distribuída no currículo escolar, apresenta-se na forma de seriação, avaliação e certificação. Outra forma de educação conhecida é a educação informal, que são os conhecimentos aprendidos ao longo da vida, através das experiências e com as pessoas e, temos, a educação não-formal, que precisa ser sedutora, envolvente e voltada para a prática, isto é, direcionada para os anseios da população atendida.

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (Afonso, 1989, p.78).

A estrutura criada para o futebol pela fábrica Fiação e Tecidos e direcionada aos trabalhadores, mostrou-se organizada, adaptada para atingir certos objetivos, tais como: o de ganhar campeonatos e formar corpos disciplinados. Para isso, contou, inclusive, com a presença de profissionais para melhorarem o físico dos atletas. Nesse sentido, percebe-se o tipo de educação não-formal com características parecidas com a educação formal. A proposta do futebol no Sudeste Futebol Clube teve outro direcionamento, tendo um cunho de maior entretenimento, diversão, visando a confraternização entre os participantes, não pretendendo, portanto, a participação em campeonatos e a busca de troféus. Nesse caso observa-se a transição entre educação não-formal¹⁷ a educação informal.

¹⁷ Na educação não-formal a transmissão do conhecimento acontece de forma não obrigatória e sem a existência de mecanismos de repressão em caso de não-aprendizado, pois as pessoas estão envolvidas no e pelo processo ensino-aprendizagem e têm uma relação prazerosa com o aprender. Para saber mais ver: SIMSON, Olga R.; PARK, Margareth.; FERNANDES, Renata (orgs). Educação Não-Formal: Cenários da criação.

Caracterizado por ser um esporte ao ar livre, o futebol permitiu a muitos indivíduos o envolvimento numa mesma atividade, respeitando uma norma em comum que estava sob o controle do juiz. Este seria o responsável por julgar os atos dos participantes e colocar em prática as regras que configuravam o estatuto do futebol. Os jogadores uniam-se num mesmo princípio, o de obter a vitória sobre o adversário; contudo, o respeito às normas, o controle do corpo nas disputas e a conduta representavam as qualidades indispensáveis aos envolvidos nesse desporto. Agilidade, rapidez de raciocínio na realização das jogadas, desempenho físico, cooperação entre os integrantes das equipes, disciplina e controle foram aspectos estimulados e formados pelo futebol, atividade de grande contribuição pedagógica à formação do corpo do atleta.

O futebol foi escolhido como prática formadora de grande valor não por se resumir a um conjunto de regras, técnica e táticas, mas, segundo Daolio (2006), por ser uma prática social representante da sociedade brasileira, com suas características e contradições. Sendo prática social, manifesta determinados sentimentos de alegria, amor, diversão, e alia outros valores, tais como espírito de união, superação individual, ética e vontade de vencer. Esse desporto ademais, tem como característica uma relação de igualdade¹⁸, pois todos os participantes do jogo seguem a mesma regra, independente de serem ricos ou pobres, possibilitando àqueles desprovidos dos meios de produção obter a vitória com os recursos de que dispõem, bastando para isso utilizar destreza.

O futebol e as comemorações do Dia da Pátria, o carnaval e as festas religiosas constituem-se em manifestações culturais que expressam dramatizações da sociedade brasileira. Cada data reserva uma particularidade: o futebol e o carnaval brotam da sociedade civil, sendo o povo o autor da festa. Desse modo, as diferenças do cotidiano são ignoradas nesses eventos, e, por algum tempo, os problemas são esquecidos em nome da euforia e da criatividade.

¹⁸ DaMatta afirma que o futebol foi o primeiro professor de democracia e de igualdade. "... o povo aprendeu a respeitar as leis assistindo a jogos de futebol, esses eventos onde o vitorioso não tem o direito de ser um ditador, e o perdedor, vale repetir, não deve ser humilhado. (DaMatta, 1994, p.12).

No caso do carnaval, os problemas sociais que inquietam a sociedade recebem destaque e são apresentados com espírito crítico. Na Semana da Pátria, o ritual reforça a hierarquia pois é dirigido pelas autoridades controladoras da Nação, a população apenas prestigia o ato, manifestando respeito aos símbolos nacionais. Nas datas religiosas, a finalidade é a de buscar refletir sobre os atos humanos tomando como comparação o divino. O tempo e o lugar igualmente são distintos nas comemorações desses feriados pois, enquanto no carnaval o espaço é a rua, aberto à comunidade e realizado à noite, o Dia da Pátria é reservado ao período diurno quando apenas as pessoas autorizadas fazem parte do desfile. Foi DaMatta(1997), quem se incumbiu de abordar os problemas levantados pelos estudos desses rituais.

Um modo de tentar resolvê-los é assumir a posição segundo a qual eles, individualmente, expressam uma maneira diferente de perceber, interpretar e representar aquilo que se deseja “construir” como “realidade” social brasileira. Esses ritos seriam, assim, modos de dizer algo sobre a estrutura social (conforme a sugestão de Leach, 1954); mas de dizer algo de um certo ponto de vista. Ou, para repetir Clifford Geertz, “é uma estória que eles contam a eles próprios, sobre eles mesmos”(1973, p.448). Em outras palavras, o Dia da Pátria, o carnaval e as festas religiosas são discursos diversos a respeito de uma mesma realidade, cada qual salientando certos aspectos críticos, essenciais dessa realidade, de acordo com uma perspectiva de dentro dessa realidade (DaMatta, 1997, p.66).

Na “Revista dos Esportes”, revista local que circulou em Pelotas entre 1948 e 1958, foi redigido um artigo sobre futebol por um professor de Educação Física. O autor concebeu o futebol como elemento educacional e enumerou várias razões para o estímulo a esse desporto.

A sua ação educativa não se reflete apenas sobre o físico, mas ainda, e talvez mais intensamente, sobre as qualidades do caráter e as condições psíquicas. Dentre as qualidades de ordem física que o futebol pode despertar figuram, além da saúde de um modo geral, o vigor, a força, a resistência, a destreza, a velocidade, a flexibilidade articular, a coordenação de movimentos, a acuidade sensorial, a independência das contrações musculares. As qualidades morais e sociais que o futebol poderá desenvolver, contribuindo assim para a formação de um caráter ideal, são a coragem, a tenacidade, a perseverança, a generosidade, o espírito de disciplina, de solidariedade e de cooperação, a energia, a confiança em si, a lealdade e a predisposição à luta. Tais qualidades terão de constituir parte integrante do homem, a fim de que possa, confiando nas próprias forças, conhecendo os recursos de que dispõe, triunfar nos embates quotidianos da vida (REVISTA DOS ESPORTES, 1954, p.21).

A I Guerra Mundial representou um marco para a incursão das atividades esportivas no cotidiano das populações. Países como a França, Alemanha e os Estados Unidos utilizavam os exercícios ginásticos e os esportes para preparar, desde a infância, o corpo dos futuros soldados. Os exercícios formavam características fundamentais para um soldado, como o hábito de obedecer a regras, o autocontrole, a coragem, a disciplina e a necessidade de manter o condicionamento físico.

No exército, intensificava-se o trabalho de aprimoramento físico, outrora já iniciado nas escolas e nos clubes. Com a pretensão de preparar o corpo para a luta, desde a tenra idade as crianças eram estimuladas a praticar exercícios físicos e estes se tornaram um hábito. Com o final da Primeira Guerra, fortaleceu-se o desejo das nações de constituírem um povo forte, preparado para as situações de conflito. No Brasil não foi diferente e, no ano de 1929, o Ministério da Guerra, elaborou um projeto de lei determinando a prática da Educação Física por todos os residentes no Brasil e tornando-a obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino.

Pelo exposto, é notória a prática de atividades físicas associada à medicina, ao caráter preventivo e ao de regeneração da raça, vindo ao encontro do interesse militar no que concerne à formação de um organismo forte e disciplinado, e confluindo ao estilo de vida urbano, exigente de um corpo ágil, produtivo e dinâmico. Ao ponderar sobre a descoberta do corpo como objeto e alvo de poder, é preciso lembrar que esse achado não é atributo da modernidade, essa percepção apareceu durante a época clássica. Foucault (1987), revela a ocorrência já nesse período, de uma atenção dedicada então ao corpo – ao corpo manipulável, moldável, treinado, obediente, hábil e cujas forças se multiplicam.

Retomando Foucault (1987), o filósofo destaca o papel da disciplina ao permitir o controle minucioso das operações do corpo, as quais realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade. Traçando um paralelo com o depoimento de um dos operários-jogadores da Fábrica Fiação e Tecidos Pelotense, o senhor Danilo Plá, que jogou pela empresa entre as décadas de 1950 a 1970, podemos perceber como operou a disciplina imbricada à prática esportiva. Ao ser questionado sobre a representação do futebol em sua vida, o depoente teceu a seguinte consideração:

Bom, ele representou para mim muitas amizades. Eu nunca briguei em futebol, nunca fui expulso. Tenho muito conhecimento através do futebol, porque depois do Fiação e Tecidos, eu fui jogar em São Lourenço, eu joguei em Pedro Osório, eu joguei no Capão do Leão, fora outras equipes em que joguei pela base lá na volta. Só que eu tenho arrependimento, porque eu acho que perdi muito tempo jogando futebol, chegava domingo, em vez de eu conviver com a minha família, com os filhos, alguma coisa, irmãos, não! Eu trabalhava toda a semana, chegava domingo, almoçava, ia para um campo de futebol e vinha de noite (Informação Verbal).

Apesar de o entrevistado creditar ao futebol os conhecimentos adquiridos e as amizades formadas, ao refletir sobre o tempo reservado à fábrica, onde realizou funções, percebeu que o seu envolvimento era total. Além da intensa jornada de trabalho, os feriados e os finais de semana também eram dedicados a uma atividade orientada pelos dirigentes da empresa e voltada para seus fins, não sobrando muito tempo para as relações familiares.

Os operários integrantes das equipes esportivas dos clubes da firma, seja no futebol, no basquete, no vôlei ou em modalidades do atletismo (corrida rústica) e do ciclismo – o futebol de campo não era a única modalidade ofertada – exerciam uma dupla jornada, deixavam o corpo extenuado nas funções desempenhadas na produção, e, após, o trabalho engajavam-se nos treinos para defender as cores do Fiação e Tecidos nas competições e excursões de que participavam.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 1987, p.119).

Os investimentos propiciados pela empresa às práticas esportivas foram vários: construção do campo, iluminação, vestuário e quanto à contratação de profissionais selecionavam-se, médicos, enfermeiras e massagistas, cuja função a ser exercida era semelhante à do preparador físico atualmente. Esses profissionais representaram apenas um pequeno gasto frente aos benefícios recebidos. Percebia-se o retorno do investimento mediante a disposição dos jogadores na realização das tarefas do dia-a-dia, na cooperação formada entre os funcionários e, principalmente,

na dedicação exclusiva ao local de trabalho, pois destinavam pouco tempo às outras atividades fora da empresa.

Sevcenko (1998), na obra “Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20”, procurou descrever o cenário de São Paulo no período da década de 1920, atentando-se ao quadro de crescimento urbano e desenvolvimento que essa cidade experimentou tendo, em pouco tempo, ganho destaque como a principal metrópole nacional. Para tanto, o autor conferiu especial destaque às tecnologias transpostas aos corpos e mentes, salientando o envolvimento físico dos indivíduos com a prática de esportes, com a representação do carnaval e as manifestações artísticas como, por exemplo, a Semana de Arte Moderna.

Considerando a análise de Sevcenko (1998), para além do caráter de distinção a que determinada prática era vinculada, as atividades esportivas criaram espaços, modificaram valores e permitiram a entrada das mulheres no âmbito público, com o ingresso em algumas atividades desportivas, seja como atletas ou expectadoras, espaço destinado, via de regra, aos homens, colaborando para a conquista de mais liberdade aos movimentos, à moda e à expressão artística.

Objetivando corroborar com a cidade moderna de São Paulo, que ia ganhando novos ares, tornou-se indispensável modificar o estilo de vida, mudar os hábitos e dar intensidade aos corpos, e, naquele momento, as atividades esportivas foram de grande valia para essa transformação.

Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito. Sob o epíteto genérico de “diversões”, toda uma nova série de hábitos físicos, sensoriais e mentais são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana: esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shopping, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo, de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversões, boliches, patinação, passeios e corridas de barco, natação, saltos ornamentais, massagens, saunas, ginástica sueca, ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade, toda a semana (SEVCENKO, 1998, p.33).

Esse movimento das práticas culturais que agitaram São Paulo prenunciou um novo cenário, exigindo um padrão de comportamento diferente daquele vinculado ao agrário. As relações desencadeadas no meio urbano mostraram uma realidade voltada à cidade como um espaço dinâmico, necessitando, portanto, de condutas que viessem atender a esse contexto. Os desportos, entre as qualidades que lhe eram reservadas, estimulavam o movimento, despertavam sentimentos de euforia, incitavam a superação individual, conferindo ao indivíduo a responsabilidade de seu sucesso e, conseqüentemente, do progresso de sua cidade.

Em se tratando do desenvolvimento dos modos de conduta, da civilização dos costumes e do condicionamento e adestramento da natureza humana, o estudo de Norbert Elias(1994), sobre o Processo Civilizador utilizou os tratados de boas maneiras para analisar os hábitos e maneiras que num determinado momento, representaram o padrão seguido pelos ocidentais. Mesmo tendo se revelado uma obra de destaque, expõe em demasia as mínimas funções como, por exemplo, o ato de comer à mesa ou de assoar, consideradas atitudes não naturais, mas apreendidas num determinado momento histórico.

Segundo o autor, os padrões exigidos e proibidos pela sociedade ocidental enfrentaram mudanças, e dois aspectos foram fundamentais às transformações: o sentimento de vergonha e de delicadeza. A civilização é entendida como um processo, e as mudanças afetam a estrutura da sociedade, ocasionam transformações no comportamento e na constituição psíquica.

Um dos exemplos no particular é o das roupas de banho. No século XIX, cairia no ostracismo social a mulher que usasse em público os costumes de banho ora comuns. Mas essa mudança, e com ela, toda a difusão do esporte entre ambos os sexos, pressupõe um padrão muito elevado de controle de impulsos. Só numa sociedade na qual um alto grau de controle é esperado como normal, e na qual as mulheres estão, da mesma forma que os homens, absolutamente seguras de que cada indivíduo é limitado pelo autocontrole e por um rigoroso código de etiqueta, podiam surgir trajos de banho e esporte com esse relativo grau de liberdade (ELIAS, 1994 p.186).

Outra obra importante de Elias que discutiu o esporte moderno foi “A busca da excitação”, onde assinala que o desporto praticado na contemporaneidade diferenciou-se de outros tempos por ser altamente organizado e regulamentado. Segundo Elias (1992):

[...]espera-se que a formação do Estado e a formação da consciência, o nível de violência física socialmente permitido e o limiar de repugnância contra o seu uso ou respectivo testemunho assumam formas específicas em diferentes estágios no desenvolvimento das sociedades (ELIAS, 1992, p. 197).

O autor faz severas críticas quanto ao uso do termo bárbaros e civilizados para designar uma sociedade, isso seria um equívoco, expressões de juízo moral etnocêntrico. De acordo com Elias (1992), nós evoluímos segundo a organização social e os controles específicos do nosso tempo, e, salienta que as pessoas da Antiguidade estavam muito mais entregues a si próprias, quanto a sua sobrevivência física, do que nós estamos.

A cidade, contrapondo-se ao campo pela extensão do número de moradias e pelo número de pessoas que detinha, mantinha instituições que auxiliaram na manutenção do controle social e da coesão, tais como: a escola, a fábrica, o asilo, o hospital, o exército, a prisão e as casas para órfãos. Esses são exemplos de aparatos disciplinares a fim de vigiar, controlar e projetar saberes.

A importância dos exercícios físicos como elemento da educação já era percebida há muito tempo. Filósofos como Locke e Rousseau reservaram bastante atenção aos ensinamentos que as atividades físicas propiciavam na formação integral do sujeito e suas idéias serviram de base filosófica e pedagógica ao desenvolvimento da Educação Física nos séculos XVIII e XIX. Os ideais burgueses também apostavam nos exercícios físicos com o intuito de promover o vigor físico dos trabalhadores, o qual iria colaborar para o aumento da produção do capital.

Os saberes do campo biológico desempenharam grande influência na consolidação da Educação Física escolar. A segregação dos corpos nas aulas de Educação Física, amparada pela premissa segundo a qual o corpo masculino é mais forte biologicamente do que o feminino, reservou um espaço diferenciado para a prática de atividades físicas; umas destinavam-se aos meninos, enquanto outras se direcionavam às meninas. Os conteúdos desenvolvidos nas aulas, optando pelo desenvolvimento motor, motricidade, força, resistência e agilidade também assinalavam o destaque anátomo-fisiológico do organismo. A preocupação com as medidas antropométricas, que acompanhavam a evolução do físico dos alunos, era outro indicativo do vínculo das atividades físicas com a biologia. As atividades com

fins recreativos, lúdicos e espontâneos, com ênfase na criatividade, eram relegadas a um segundo plano.

No Brasil, a escola de ginástica predominante nas instituições escolares foi a Escola Sueca¹⁹. Por lidar com uma ginástica pedagógica e higiênica, assegurava a saúde pelos exercícios respiratórios e a beleza pelos efeitos corretivos. Seus princípios estavam voltados prioritariamente à formação do caráter e profundamente à pátria. Rui Barbosa e Fernando de Azevedo foram os principais divulgadores desse método em território brasileiro. Como a influência dos métodos ginásticos na formação dos corpos atingiu todas as regiões do País, há o registro, no jornal “A Opinião Pública” da cidade de Pelotas, em 1934, de uma matéria estendendo um convite²⁰ aos jovens pelotenses para fazerem parte de um clube de ginástica que seguia os preceitos do método sueco. No tangente às medidas educacionais, havia um modelo de ensino nacional, base para as outras instituições a ele se equipararem.

Era também nessa disciplina que se ensaiavam os movimentos acrobáticos à comemoração do sete de setembro, bem como a marcha e todos os elementos característicos do evento. Ordem, controle, disciplina, fortalecimento físico e espírito patriótico eram princípios norteadores das aulas e iriam formar os corpos.

Os olhares médicos voltavam-se principalmente aos infantes, à confecção de manuais de puericultura relativos à educação dos bebês e dos cuidados que as mães deveriam ter com os filhos e com o lar, bem como a escrita de inúmeras teses sobre a necessidade dos exercícios físicos para as crianças e para a juventude, diante da necessidade de movimentação nessa fase. Estas foram algumas das iniciativas dos médicos sobre o posicionamento defendido concernente à realização das atividades físicas. Era bastante comum encontrar tais argumentos nos

¹⁹ A sistematização da ginástica na Suécia ocorre no início do século XIX. Voltada para extirpar os vícios da sociedade, entre os quais o alcoolismo, o método sueco de ginástica colocava-se como o instrumento capaz de criar indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios, porque preocupados com a saúde física e moral. Esses eram os indivíduos necessários, já que seriam úteis à produção e à pátria (SOARES, 2004, p.57).

²⁰ “Um grupo de jovens pelotenses, tenciona dotar Pelotas de uma casa destinada a prática de ginástica sueca e de alguns desportos que sirvam de complemento a ginástica. Esta casa que tanta falta faz a nossa cidade, será sustentada por sócios e terá como instrutor o sr. Bodih Simões, campeão pelotense de Box. Aos interessados serão ministradas todas as informações no Grande Hotel, pelo sr, Vicente Bianchi” OPINIÃO PÚBLICA, 08/01/1934).

periódicos em artigos escritos por esses profissionais sobre a prática de exercícios. Nessa vertente, a Educação Física assumia um caráter funcionalista e biológico.

Num dos artigos publicados no jornal “Opinião Pública”, um médico pelotense, Dr. Victor Russomano, cita a prática de algumas modalidades esportivas enquanto alternativa ao combate de doenças, como o nervosismo contemporâneo que acometia a indivíduos desocupados ou aos submetidos a excessivos trabalhos.

Uma higiene mental e física rigorosa se impõem para evitarmos a formação dolorosa desses batalhões “de traquês” que a civilização vai criando e devorando na sua terrível insaciabilidade de Moloch. O segredo de Maratona está na cultura física. Os povos fortes são como os indivíduos fortes:- vencem. A vitória pertence aos mais aptos. E a aptidão é uma forma de força. “Ser é lutar. Viver é vencer. Assim é na vida individual e na social (A OPINIÃO PÚBLICA, 31/10/1931).

O desânimo, a fadiga, a falta de perspectiva e a preocupação com o estado dos órgãos são conseqüências da vida moderna e do que ela exige. O pouco tempo de descanso, a elevada jornada de trabalho e os baixos salários simulam a realidade da grande maioria da população e, por isso, é urgente a criação de estratégias de intervenção para promover mudanças na ordem mental e física dos indivíduos. Imbuídas do propósito de atender à construção de um projeto que conferisse maior visibilidade a um futuro melhor, as práticas esportivas eram consideradas salutaras aos indivíduos. Com efeito, os exercícios contribuíram para suas conquistas individuais, pois dispunham de mais força se comparados aos “mais fracos”, e, de forma geral, fizeram emergir uma outra versão do povo brasileiro, a qual se distanciava dos estereótipos de nação colonizada, fraca e miscigenada.

6. Contextualizando a cidade de Pelotas

Remonta ao último quartel do século XIX o início do processo que iria definir Pelotas como uma cidade moderna. A cidade, no sentido que se está trabalhando, perpassa a idéia de espaço onde se realizam trocas comerciais, onde são tomadas as decisões políticas, local de informação e cultura, onde também acontecem encontros e sociabilidades.

É desse período o aformoseamento de ruas e praças, a iluminação pública a gás, a rede de esgotos, o sistema de transporte público, o fornecimento de água aos domicílios e chafarizes públicos, a fundação da Biblioteca Pública e a presença de grandes jornais como o Correio Mercantil, A Pátria, o Diário de Pelotas, o Jornal do Comércio, o Onze de Junho e A Discussão. Nesse período, a cidade é cosmopolita, resultado de intenso intercâmbio cultural proporcionado pela atuação de representantes de diversas etnias que em Pelotas se fixaram (ANJOS, 2000, p.161).

Pelotas reservou uma particularidade que a distinguiu de outra urbe quanto à preservação da sua marca cultural²¹. Um simples passeio pela cidade revela as magníficas construções dos casarões dos charqueadores e mostra também a imitação quanto ao estilo europeu e à maneira como vivia o berço da civilização. Teatros, chafarizes, o contato com leituras de obras em francês e em outras línguas, o cultivo de hábitos de sociabilidade que previam a participação em saraus, apresentações artísticas e culturais, o apreço à música, enfim, a adaptação a um estilo europeu explícito desde a moda de vestir das mulheres até a prática de mandar os filhos para a realização de estudos num continente longínquo. Constava nas matérias dos jornais da época o anúncio da chegada de professoras e professores oriundos da França ou de outros locais da Europa, vindo ofertar seus conhecimentos sobre o ensino do idioma e da cultura francesa. Isso nos permite

²¹ Como matéria para outros estudos, poderia-se questionar se o limite desse “transplante” de hábitos culturais europeus para Pelotas foi positivo. Observando a cidade nos dias atuais, vemos que ela continua sendo um destaque na região Sul pela oferta de ensino básico, técnico e superior; contudo, Pelotas enfrenta sérios problemas, como o desemprego, a pobreza e a violência.

refletir sobre os contatos estabelecidos entre o continente europeu e a cidade de Pelotas.

Os navios que exportavam o charque traziam, em seu retorno, livros, louças da Europa, revistas de moda, móveis, além de açúcar do nordeste. Era também no porto que desembarcavam os europeus oferecendo seus serviços como professores, músicos, técnicos, artistas de companhias líricas ou teatrais, e outros ofícios disputados por uma sociedade que estava sedenta de cultura e de modernização. Os teatros pelotenses recebiam companhias líricas ou dramáticas que, a caminho de Porto Alegre, Montevideo, Buenos Aires, ou Rio de Janeiro, aportavam em Pelotas (NEVES, 2007, p.57).

O aspecto da influência européia em Pelotas é foco de relevantes obras, contudo, nota-se certo vazio de estudos posteriores à década de 1930. Nesse sentido, esta pesquisa visa contribuir para o debate segundo o qual a cidade é percebida sob o ângulo de transição, dado o momento histórico em que estava inserida e considerado o período de transformações enfrentado pela sociedade brasileira. A tendência dos espaços urbanos era direcionada a um modelo de industrialização e modernização bem diferente daquele vivido outrora, cujo alicerce era solidificado pela pecuária e pelo latifúndio.

Para o novo momento, em que ia se configurando a sociedade brasileira, baseado no modelo internacional de desenvolvimento, novas exigências eram impostas, tais como: mudanças na economia, nos hábitos, na cultura, nas relações sociais e no espaço urbano. A educação foi entendida como um meio de modificar a mentalidade dos brasileiros. Sendo assim, o ensino tornou-se uma prioridade, não poderia mais ser privilégio dos afortunados, com condições de pagar seus estudos em instituições particulares, mas, um ensino público e gratuito deveria ser estendido àqueles que não tinham acesso historicamente à educação. Cabia à escola, além de transmitir conhecimentos, ensinando o mundo das letras, apresentar a realidade brasileira, sua condição histórica e geográfica, assim como incutir nos trabalhadores noções disciplinares, morais e higiênicas.

Naquele período, o corpo também foi visado, pois se fazia imprescindível um organismo vivo, dinâmico, forte, valente e trabalhador. Foi nesse caminho que as cidades brasileiras, nas primeiras décadas do século XX, com seus especialistas, tais como médicos, higienistas, engenheiros, arquitetos, educadores, intelectuais e políticos pensaram as transformações no meio urbano.

A instrução, o ensino ou a escolarização, sob esse aspecto, são pensados em função de seu caráter regenerador, enquanto veículos para a desejada reconstrução nacional, que só pode ser alcançada quando terminar esse traço que envergonha o País- a incultura geral, principalmente a ignorância popular (NAGLE, 1976, p.110).

Segundo Nagle (1976), com a I Guerra Mundial, as idéias nacionalistas ganharam força e se espalharam pelo território nacional. Combater o analfabetismo, defender o trabalho nacional, desenvolver o civismo e o culto ao heroísmo, promover o estudo da língua pátria nas escolas estrangeiras e difundir a instrução militar foram alguns dos objetivos da Liga de Defesa Nacional, criada em 1916. Nos currículos escolares, o ensino técnico que preparava para o mercado de trabalho foi um dos pontos prioritários no setor da educação.

Refletir sobre a educação em Pelotas, na década de 1930, mostra-se preocupante, pois o sistema educacional ainda apresentava resquícios negativos da experiência escravagista vigente durante o período das charqueadas. O alto índice de analfabetismo indicava que, mesmo após a abolição, os negros foram alvo de muito preconceito e exclusão, permanecendo à margem da sociedade, e, quando, realizavam algum trabalho, na maioria das vezes, eram aqueles renegados pelos brancos. Outro indicativo da indiferença para com os negros, foi o engajamento, após a declaração do fim da escravidão, de aristocratas e políticos, numa campanha para promover a vinda de imigrantes – com o projeto de “branquear” a sociedade, bem como de disseminar entre o povo brasileiro o comprometimento com o trabalho e, assim, com o progresso, haja visto o empenho de engajar os estrangeiros em funções no campo ou na indústria. A situação dos libertos permaneceu insustentável. Sem trabalho e sem condições de manter uma vida digna, continuaram tolhidos das vantagens da vida em sociedade.

Outra característica mantida no período de 1930 diz respeito ao reconhecimento e legitimação de alguns ilustres da sociedade. Personalidades que, anteriormente, viviam das riquezas do charque e da ostentação às quais eram vinculados e identificados, passaram a desempenhar outras funções e a exercer atividades também no ramo industrial.

Para compreender as singularidades que envolveram a cidade de Pelotas, é fundamental ater-se ao caráter paternalista e assistencialista das obras sociais projetadas, e, tendo como princípio balizador, vincular as iniciativas de prosperidade

a determinados nomes. Era comum ver atrelado a distintas famílias o engajamento em diversas áreas sociais. Por exemplo, participação em construções de escolas, abrigos, inserção na política municipal e estadual, envolvimento cultural na direção de jornais, movimentos intelectuais ou direção dos clubes de futebol. Também a geração dos filhos dos grandes latifundiários, devido à oportunidade de acesso à cultura e ao conhecimento, perpetuaram a causa de colaborar com as ações sociais para elevar ainda mais o nome das tradicionais famílias. Partindo do uso do capital econômico, somado ao capital cultural, reservou-se o reconhecimento dos demais habitantes a um pequeno grupo de indivíduos, detentores daquilo que Bourdieu(1999) denominou como “capital social”.

Neste trabalho, buscou-se retomar a importância do apoio das famílias tradicionais no sentido de analisar o vínculo estabelecido com a formação dos clubes de futebol. É preciso considerar que, além do notável empenho desses cidadãos referente a seus serviços prestados à cidade, nos ramos da indústria, pecuária, no meio intelectual, ou nos serviços militares, engajaram-se, também, em ações com vistas a projetar Pelotas em comparação a outros centros urbanos, por meio da política e de investimentos na educação. Estimularam atividades culturais, como a criação de jornais e revistas, e atividades esportivas, considerando-as bons veículos para conferir notabilidade aos idealizadores do progresso da cidade.

É preciso considerar, portanto, que a elite dominante encontrava algumas formas de controlar a vida dos segmentos mais pobres da população. Uma delas foi a intervenção do Poder Público, representado principalmente pela municipalidade e pela polícia. Obviamente outras tantas existiram, quer por meio da caridade, dos Asilos, do confinamento em instituições, quer através do disciplinamento obtido pelo trabalho e pela instrução que associava alguns conhecimentos com a educação moral (PERES, 2002, p.35).

No estudo de Peres (2002), a autora analisa a participação da elite pelotense na criação dos cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense nos anos de 1875 a 1915. O projeto de fundar uma instituição de caridade espiritual foi obra de intelectuais, poetas, políticos de renome, charqueadores, comerciantes e jornalistas que se uniram para propiciar a alguns homens das classes populares o acesso ao mundo da leitura e da escrita, condição básica para atuar em outras instâncias sociais. O objetivo centrava-se em formar sujeitos instruídos e civilizados os quais levariam os ensinamentos aprendidos a outros espaços. Além do reconhecimento aos ilustres pelotenses, pelas ações

desenvolvidas, estava em jogo uma forma de controle social. De acordo com Peres (2002): “ O projeto de instrução primária trazia em seu bojo a idéia de “moralizar” o povo, de incutir uma nova ética de amor ao trabalho (principalmente em função da luta abolicionista) com a perspectiva de novas relações de trabalho que se delineavam com o advento do trabalho livre”.

Torna-se, pois, evidente, quando observada a relação de nomes da diretoria dos primeiros times que consolidaram o futebol²² pelotense, figuras ilustres, tais como, o Doutor Joaquim Luís Osório, presidente do Club Sportivo Internacional, cuja fundação ocorreu em 1906, e o vice-presidente, tenente coronel Joaquim Assumpção. Na mesma relação aparecem Dr. Cypriano Barcelos e Frederico Jacob Ritter exercendo a função de fiscais e juízes.

Sobre a divulgação da imprensa em relação à fundação de times de futebol atrelados a grandes nomes pelotenses, temos uma manchete do jornal A Opinião Pública, sobre uma festa comemorativa dos treze anos de fundação do Osório Futebol Clube, que contou com a presença da viúva do Coronel Pedro da Rocha Osório.

Visita Honrosa

Na parte da tarde estive em visita á Sede do Osório F.C. a veneranda sra. Cecilinha Osório, viúva do saudoso Cel. Pedro da Rocha Osório, patrono do clube e a quem era prestada significativa homenagem. A distinta dama foi saudada, aclamada pelo numeroso público presente, fazendo uso da palavra nessa ocasião, o sr. Luiz S. Avendano, exaltando a figura e a vida do homenageado. Entre os presentes encontravam-se os srs. João Abrantes, procurador da firma Vva. Pedro Osório & Cia. A exma. sra. Cecilinha, agradeceu as homenagens prestadas a seu saudoso espôso, distribuindo, a seguir, às crianças, presentes e finos brindes. Valiosa Oferta- Antes de deixar o recinto, ocasião em que foi vivamente aclamada pela numerosa assistência, a veneranda viúva, do Cel. Pedro Osório, num eloquente atestado de seu boníssimo coração, ofertou ao clube mil cruzeiros (A Opinião Pública, 29/12/45).

²² Sobre o futebol em Pelotas o livro de Alves é elucidativo, pois conta a história do futebol pelotense no período de 1901 a 1941. Segundo esse autor, foi em 1901 a primeira vez que se mostrou em Pelotas o jogo da bola ou o *football* dos ingleses, na tarde do dia 6 de outubro, pelo Sport Club Rio Grande, na festa alusiva ao 2º aniversário de fundação da União Gaúcha e à posse de sua nova diretoria. Outra curiosidade reporta-se ao surgimento do primeiro clube de futebol em Pelotas, onde foi enfatizado o interesse da mocidade pelo *football association* e criado aqui o Atlético Foot- Ball Club, em 1904, sendo o seu fundador, presidente e *center-forward*, Octávio Mascarenhas, que trouxe a primeira bola de Montevidéu, uma bandeira e regras do jogo.

Mesmo após a morte, alguns ilustres cidadãos figuravam no imaginário da cidade como importantes beneméritos e, de tempos em tempos, esse reconhecimento ao que representou, por exemplo, o Coronel Pedro Osório, deveria ganhar forma, como, no caso, a realização de festas, que tinham por objetivo homenagear seus feitos. Essas iniciativas permitiam que a memória de um valoroso homem não caísse no esquecimento.

Os escritos de Pimentel (1940) apontam dados históricos sobre a cidade de Pelotas. Foi possível ter contato com os nomes dos representantes ocupantes de cargos de intendentes municipais. O autor estabeleceu uma ordem cronológica dos administradores, obedecendo desde a relação do século XIX até os anos de 1938. Percebe-se que vários prefeitos mantiveram larga relação com algum time de futebol. Como anteriormente exposto, foi o caso do Dr. Cypriano Corrêa Barcelos (administrou Pelotas de 1904 a 1908 e, na sua segunda gestão, de 1912 a 1920) e o cel. Joaquim Augusto de Assumpção (ocupou o cargo de 11/ 1933 a 13/8/1934). Outros políticos também declararam apreço pelo desporto, como o Dr. Vitor Russomano, além de consideráveis industrialistas, tais quais os integrantes da família Rheingantz, proprietários de uma companhia de chapéus, os da família Lang, Leopoldo Haertel e Jacob Ritter, donos de fábricas de cerveja na localidade.

Apesar de não ser um dos objetivos da pesquisa problematizar o surgimento das ligas de futebol, cumpre ressaltar a constituição de uma liga, no ano de 1919, composta exclusivamente por negros, denominada Liga José do Patrocínio. É importante salientar que ainda na década de 1930, essa liga se fazia notar, disputando vários jogos e chamando a atenção da imprensa que cobria matérias sobre a atuação dos quadros. Os periódicos também davam destaque à solidariedade existente entre os clubes de futebol organizadores de partidas a fim de arrecadar verbas para essa entidade.

A união de indivíduos negros na prática do futebol faz- nos supor que a resistência a sua presença em outras equipes ainda era marcante e, para usufruírem o lazer esportivo, sem terem de passar por maiores problemas, como perseguições e ofensas, criaram times para jogarem entre si. Não se está excluindo a idéia de que os quadros integrando “homens de cor” tivessem nessa prática manifestando uma forma de resistência, pois não havia nenhum elemento branco nos times. Sem

registrar mais dados sobre essa liga, todavia, é preciso frisar sua existência na cidade.

Pelotas, no início do século XX, chegou a ser comparada à cidade cujo desenvolvimento econômico lembrava o de capitais e representou, juntamente com Rio Grande, os dois pólos mais importantes da região Sul. Segundo Loner (2001):

[...]a base econômica pelotense reservou uma estrutura mista de industrialização, pois conciliava algumas indústrias de produtos derivados da pecuária de grande porte e destinados à exportação com “inúmeros pequenos estabelecimentos de caráter artesanal, que produziam uma grande variedade de bens de consumo para o mercado regional” (SILVA, 1992, apud LONER, 2001, p.44-45).

Ao analisar os motivos desencadeadores do entrave do processo de desenvolvimento de Pelotas, alguns fatores foram apontados como os responsáveis por retardar o crescimento econômico, tais como: a falta de investimento no porto de Pelotas, que, levou muitos produtos a serem transportados pelo porto de Rio Grande, Porto Alegre e Montevideu, mais significativos em razão da competitividade; a diminuição da exportação do charque, devido à abolição da escravatura; a crise das charqueadas, diante do surgimento dos frigoríficos²³, no início do século XX e a quebra do Banco Pelotense, em 1931, por uma manobra do governo, que retirou o dinheiro aplicado nos bancos estaduais, causando a descapitalização da região (LONER, 2001).

A década de 1930 representou um período histórico quando a sociedade brasileira deparou-se com consideráveis mudanças, e essa transição refletiu diretamente nos pólos regionais, os quais precisaram passar de uma economia baseada na agricultura-exportadora a outra, que conduzia à industrialização, com investimentos direcionados para o mercado interno. O impacto dessa transformação atingiu diretamente as economias das cidades, conforme se pode constatar no trecho a seguir:

²³ Segundo Vizentini (1998), “A economia gaúcha havia enfrentado uma fase de prosperidade com a expansão dos mercados internacionais para os produtos rio-grandenses durante a Primeira Guerra Mundial. A pecuária, particularmente, foi bastante beneficiada. Com o final da guerra, houve uma retração no mercado à medida que a demanda decrescia e a produção dos países que se participaram da guerra se recuperava, voltando a seus níveis normais. Com isto, a pecuária gaúcha ingressa na década de 20 enfrentando uma grave crise”. (VIZENTINI, 1998, p.24).

A década de vinte é marcada por uma profunda crise política e social. Esta crise está intimamente relacionada a uma série de transformações na sociedade brasileira, em sua estrutura econômica, e à contestação do seu sistema político. A crise da década de vinte manifesta-se através de uma série de lutas político-sociais, revelando três tendências básicas: a) uma revelando divergências intraclasse dominante, consubstanciada em lutas intra-oligárquicas; b) uma segunda vinculada a disputas político-econômicas entre as classes dominantes dos diversos estados, consubstanciadas em lutas interoligárquicas e, finalmente c) o acirramento de um processo de luta entre classes sociais que acompanha a industrialização, urbanização e a crise do modelo primário-exportador. (VIZENTINI, 1998, p.62)

Como alternativa para o conturbado momento vivenciado pela cidade de Pelotas, algumas experiências já realizadas na agricultura como, por exemplo, a plantação de arroz, foi intensificada. O cultivo dessa produção requeria grandes extensões de terra, portanto, não se diferenciava muito do exigido para a criação de gado[...constituindo-se o complexo gado-arroz e contribuindo para a permanência do mesmo modelo econômico...](BESKOW apud LONER, 2001, p.48).

A década de 30 constituiu-se num período de crise, especialmente para Pelotas, em que a falência do Banco Pelotense e o fim das charqueadas abriram um período de redefinição e readequação econômica, baseado na indústria da alimentação, desenvolvimento da agricultura do arroz e conservas. (LONER, 2001, p.50).

Apesar do período que remonta a década de 1930 ser compreendido como um momento de acelerado crescimento econômico do País, houve forte impacto sobre as regiões, ocasionando, em cada uma, reações de forma particular. Portanto, cumpre considerar a repercussão que a mudança de um modelo para outro representou em cada contexto.

Diante da nova orientação de investir na indústria, Pelotas passou a um quadro de instabilidade, pois muitas empresas não trabalhavam com a carne, entretanto fabricavam matérias-primas provenientes da pecuária. Contudo, quanto à mudança de hábitos e ao estilo de vida, o processo de adaptação à nova mentalidade já acompanhava o restante do País, uma vez que o incentivo ao consumo cultural diferenciado fora sempre latente.

Sobre a educação em Pelotas Pimentel (1940) tece as seguintes considerações:

[...] em 1937, mantinha no ensino primário geral: Escolas Estaduais-19; Municipais-50; Particulares-112. Total 181. Pessoal docente: 326 professores. Matrícula 10.218 alunos. Matrícula efetiva 9.428. Frequência média 8.690. (PIMENTEL, 1940, p. 142).

Sobre a economia pelotense nos reportamos aos dados trazidos por Pimentel (1940), referentes ao ano de 1937, que elucida a situação econômica do período e define a produção existente na cidade.

“Na sede do município, existem 89 fábricas, produzindo tecidos, chapéus, calçados, móveis de madeira e de ferro, fogões, utensílios de ferro, pregos, material sanitário, bebidas, conservas de carne, cerâmica, vidros, fumos, medicamentos, mosaicos, sabão, óleos, velas, acolchoados, espelhos, glicerina, adubos, conservas de frutas, escovas, pinceis, biscoitos, massa, veículos, painéis, ferramentas agrárias, roupas, etc...”.(PIMENTEL,1940, p.124) .

A transformação do espaço urbano apontando para um novo rumo passou a ocupar os debates²⁴. Medidas eram orientadas com a finalidade de aliar o moderno, o urbano e a industrialização e o interesse não se fez diferente em Pelotas. Houve mudanças na construção das residências, derrubada dos cortiços, emergiu o negócio imobiliário com o aluguel dos imóveis, aumentou a vigilância e os preceitos de como deveria portar-se o sujeito numa comunidade, e outros aspectos, como os ligados à saúde, no que diz respeito à formação de hábitos de higiene. Discursos higienistas e utilitaristas vinham atuar fortemente sobre a educação do corpo.

Para impulsionar a cidade na retomada de seu desenvolvimento, algumas estratégias foram pensadas pelos integrantes da liga “Em Defesa de Pelotas”, suscitando certas medidas, tais como, construir uma estrada de ferro que fosse unir Pelotas a Santa Maria e outras ações de menor projeção, como reduzir a arrecadação tributária no porto de Pelotas, pois, segundo Amaral (2003, p.63), “os impostos cobrados vinham travando a circulação de mercadorias, paralisando o comércio e produzindo a depressão de outras fontes de renda”.

²⁴ Na década de 1930, um importante movimento que tratou de expor os motivos desencadeantes de Pelotas à crise e a imperiosa urgência de mobilização para ações que revertissem esse quadro desolador foi a liga “ Em Defesa de Pelotas”. Segundo Amaral (2003, p.61): “Aproveitando-se do clima otimista de patriotismo e civismo que reinava na cidade, em novembro de 1930, o getulista Cássio Tamborindeguy, que desenvolvia atividades ligadas ao comércio, lançou a idéia de que fosse criado o movimento “Em defesa de Pelotas”, devendo ele contar com a participação de vários setores da sociedade Pelotense. Para tanto, inicialmente, enviou correspondência com minuciosos relatórios sobre a situação econômica da cidade àqueles que organizavam e viabilizariam o movimento: o Rotary Club e a Associação Comercial de Pelotas, o intendente João Py Crespo e o secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, o pelotense Francisco Antunes Maciel”.

Outros fatores preocupavam às autoridades engajadas no movimento “Em Defesa de Pelotas” e recaíam sobre a precariedade das vias de comunicação e transporte o que impunha a necessidade da desobstrução de canais condutores ao porto, e a possibilidade de acesso de navios de maior tonelagem. Objeto de inquietação foram, além disso, a construção de rodovias com acesso à zona rural e medidas referentes à intervenção do município quanto à saúde pública devido aos altos índices de mortalidade infantil e outras enfermidades que acometiam os pelotenses, como a febre tifóide e a tuberculose. Quanto à infra-estrutura urbana e social, no tangente à higienização nas ruas, havia denúncias da sujeira, um grande flagelo, bem como a proliferação de cachorros pesteando o ambiente, provocando incidentes e doenças, e a mendicância, que poluía e desqualificava a idéia de progresso de uma urbe.

O trabalho de Silva (1999), sobre a história do Frigorífico Anglo em Pelotas, no período de 1943 a 1970, investigou as relações entre o desenvolvimento dessa empresa e o processo de ocupação do Bairro da Balsa, contribuindo significativamente para a reflexão sobre a história da habitação popular e a formação das vilas operárias. A autora, nas leituras que fez, distinguiu, no debate teórico acerca da história da habitação popular no Brasil, três eixos.

O primeiro eixo teórico pensava a formação de bairros operários com base na decisão dos grupos de industriais dominantes de áreas próximas a suas indústrias e interessados em manter a força de trabalho disciplinada e sob seu poder. Outro seria aquele cujo processo de transformação tecnológica do capitalismo e sua evolução influíam na decisão dos industriais sobre a construção ou não de vilas operárias, e ainda, noutro eixo, a aproximação dos grandes industriais com uma visão filantrópica, que os levasse a construir moradias para seus operários e a lhes proporcionar, assim, uma vida mais digna.

Remetendo à análise sobre o Frigorífico Anglo, (Silva, 1999), valendo-se da pesquisa histórica e de entrevistas com ex-funcionários, considerou que a empresa não influenciou diretamente para a formação das habitações de seus funcionários. De acordo com os depoimentos feitos pela pesquisadora, parecia haver certa indiferença entre os dirigentes do Anglo em relação à construção das habitações. Sob um aspecto, isso foi positivo, pois, diante do seu fechamento, os trabalhadores

continuaram de posse de suas casas, diferentemente do que aconteceria se estas pertencessem à empresa²⁵.

Ao fazer uso da revisão bibliográfica sobre a construção de vilas operárias, concordo com a interpretação segundo a qual o modelo que buscou construir aparatos habitacionais, como também oferecer assistência médica e educacional, atividades esportivas e outros tipos de auxílio para a mão-de-obra operária, tinha como intenção a disciplina, e, nessa busca, invadiu até mesmo os espaços fora da fábrica, exercendo controle da própria privacidade.

A prática de investir num aparato que fornecesse todo tipo de assistência assumiu um caráter paternalista²⁶. O industrial passou a ser associado à imagem do pai, daquele condutor, orientador e detentor do poder e, em contrapartida, os funcionários, os filhos respeitadores e submissos. A dificuldade em obter empregos, a precária situação econômica de inúmeros cidadãos e a falta de acesso à moradia digna, eram razões a serem pesadas no momento de cogitar práticas que envolvessem insubordinação.

A dominação burguesa assume então uma conotação paternalista na medida que as atividades citadas à educação, assistência social, habitação e lazer são medidas pela figura do “bom patrão” que assume como pai, decide, orienta e ampara seus subordinados (PESAVENTO, 1988, p.57).

²⁵ Sobre a prática de empresas, em Pelotas, na construção de moradias para os funcionários, a autora apresenta a seguinte contribuição: “Tem-se referência de apenas duas grandes empresas que construíram moradias para seus trabalhadores. Foram essas respectivamente, a indústria de couros e calçados Arthur Lange, que edificou moradias, clubes de futebol, igreja e escola, entre outros benefícios, e a Granja pecuarista da família Fetter, que construiu quatro vilas para seus trabalhadores”. (SILVA, 1998, p.92). Sabe-se de outro trabalho desenvolvido por Beal sobre a Companhia União Fabril Rheingantz, em Rio Grande, fundada em 1873, que, entre 1903 e 1922 construiu casas para seus operários, criando a “Vila Operária”. Segundo a autora: “Para o alcance dos propósitos, a existência de habitações para operários próximo à indústria registrava a intenção dos patrões os quais esperavam através dessa organização que os funcionários mantivessem a guarda da empresa, como também a livrassem de qualquer sinistro” (BEAL, 1997, p.72).

²⁶ Sobre o caráter paternalista, e, na tentativa de negar a existência de conflito entre capital e trabalho, Rago afirmou: “Através de concessões, como a instalação de armazéns, cooperativas, farmácias, restaurantes, escolas, vilas operárias, assistência médica junto às fábricas, o cerco aos passos do trabalhador torna-se mais consistente, sistemático e globalizante. Procura-se destilar, juntamente com estes benefícios, a idéia de que trabalhadores e patrões pertencem a uma mesma comunidade, lutando por interesses comuns. (Rago, 1985, p.34).

O avanço científico e tecnológico, após 1930, reconfigurou a realidade das empresas, tornando-as mais produtivas e mecanizadas. As tarefas, anteriormente delegadas a um considerável número de trabalhadores, passaram a ser realizadas por poucos, somente por aqueles que detinham qualificação para operar o maquinário. A vasta oferta de mão-de-obra e o acelerado processo de mecanização nos complexos industriais fez diminuir a preocupação em formar o operariado e investir nas estruturas de outrora. Conseqüentemente, a simples competição gerada pelo mercado de trabalho encarregou-se de estimular a busca por conhecer os requisitos indispensáveis a um bom funcionário.

O procedimento da filantropia pode ser percebido no “auxílio desinteressado” que os dirigentes de várias fábricas pelotenses diziam ter em relação aos investimentos na estrutura esportiva. Mas tudo indica ser a boa ação convertida em rendosos lucros às fábricas, pois a divulgação do time da indústria em disputas, ao ganhar destaque no meio impresso, contribuía para aumentar as vendas dos produtos. Outro benefício era o de germinar, no meio operário, atitudes fundamentais com o intuito de manter um grupo coeso, despertando sentimentos de gratidão e orgulho em pertencer a um local de trabalho onde eram valorizados e atendidos os anseios dos funcionários. Atentava-se à vantagem em unir trabalhadores e patrões em torno de um objetivo comum, como o de obter a vitória nos desportos, propiciando, assim, conceituar o nome do estabelecimento, conforme se pode ler a seguir:

Teve lugar domingo último, em sua sede social, sessão solene e posse de sua nova diretoria, a qual tem a sua frente como presidente o desportista Sr. José Silva. A sede estava lindamente ornamentada, vendo-se ali distintas senhorinhas, exmas. senhoras, respeitáveis, cavalheiros, representações diversas, enfim desde o mais humilde operário ate o mais alto representante do importante estabelecimento industrial, de onde é o clube. O S.C. Fábrica de Chapéos conta recém 3 anos de existência e já possui 8 troféos, sendo 7 conquistados e 1 ofertado pela S. C. União Fabril, do Rio Grande (A OPINIÃO PÚBLICA, 11/09/1932).

A matéria evidencia a tentativa de mesclar, numa atividade esportiva, trabalhadores e patrões; neste caso, no clube de futebol da Fábrica de Chapéos, formando, assim, um único grupo, dos trabalhadores na empresa, independente do cargo exercido. A relação que se pleiteava era a de constituir um ambiente de harmonia e união onde todos se empenhassem ao máximo para representar o local de trabalho.

É comum estender o convite da participação nos eventos esportivos à família dos operários, aproximando a família-empresa dos familiares do empregado, transmitindo a idéia de parceria entre eles. As esposas dos trabalhadores desempenhavam algumas funções, como as de auxiliar na organização das festas, cuidar indiretamente para não haver exageradas disputas, em razão de estarem acompanhando as equipes de futebol, e, por vezes, participarem das excursões em jogos realizados fora da cidade²⁷. Era comum, no que diz respeito à participação feminina, o hábito de escolher como madrinha do time de futebol uma das funcionárias da empresa. O clima de amizade propiciado pela prática esportiva demonstrou-se útil para manter a ordem dentro do ambiente de trabalho. Nesse sentido, o futebol configurou-se um excelente instrumento a fim de garantir obediência e manter a ordem social.

No sentido de atestar a importância do futebol enquanto prática educativa aliada à construção dos laços de identidade e pertencimento entre os jogadores-operários e a fábrica, percebe-se uma relação semelhante àquela ocorrida com as atividades esportivas congregadas por alunos do Ginásio Pelotense e do Gonzaga, conhecida como Pe-Gon's, nas décadas de 1930 a 1960, levando os estudantes à frente, e com ímpeto, a representar suas instituições escolares dentro do campo.

Realmente não há como negar que muitas das tradições estudantis das duas escolas estão ligadas às competições futebolísticas. Os próprios apelidos "Gato Pelado" e "Galinha Gorda" nasceram no início da década de 1930, nos campos de futebol, quando os times rivais tentando diminuir seus adversários, utilizavam-nos pejorativamente (AMARAL, 2003, p. 230).

A reflexão apontada pelo estudo sustenta a idéia de que o futebol, para os alunos das duas instituições renomadas da cidade, não se resumia apenas à competição nos jogos, mas representava a disseminação dos valores característicos de cada colégio pelos estudantes, defensores desses interesses em outros espaços.

²⁷ Este comentário surgiu com base na leitura de textos na seção esportiva, que registrou a participação das mulheres nos jogos de futebol, e, também nas conversas informais com ex-jogadores da Fábrica Fiação e Tecidos.

A união possibilitada pelas atividades esportivas, permitindo o contato entre os sujeitos e a troca de experiências estimulou o grupo a compartilhar valores em comum e também os propagar. Ao disputar um troféu, que, em última instância iria se somar a outras tantas conquistas do colégio, não se notava a intenção apenas de mais um prêmio, mas agitava os sentimentos dos jogadores, dos estudantes torcedores, dos ex-alunos da instituição e dos simpatizantes dos ideais da escola.

Nos times das fábricas, principalmente na equipe do Esporte Fiação e Tecidos, constatamos, nos depoimentos realizados com os jogadores-operários da década de 1950, algumas menções semelhantes às aquelas vinculadas à participação dos estudantes no futebol. O desporto não se restringiu somente à participação dos jogadores nas partidas, mas incitava a grande maioria dos trabalhadores da empresa – que até a década de 1960 possuía cerca de 1000 operários – a carregar pelos lugares onde disputou jogos uma torcida fiel, composta pelos familiares dos atletas e dos dirigentes, bem como de inúmeros simpatizantes. De forma inconsciente, também propagavam os ideais dos industrialistas, caracterizados pelas noções de trabalho, desempenho, dedicação, tradição e perseverança.

Porém, somados a esses valores, construíram outros, tais quais a força e a garra reconhecidas da equipe do Fiação, a solidariedade compartilhada entre os membros dos quadros de futebol e o orgulho em sentir que o time era composto por operários do próprio local de trabalho, configurando uma idéia de pertencimento ao grupo.

A importância da cidade e dos espaços de socialização da empresa e do bairro marcou a memória dos depoentes de forma especial. Atuando no papel de pesquisadora, e, preocupada em obter dados, sempre estive acompanhada do meu gravador, para que, assim, não viesse a perder nenhum registro dos depoentes, mas já no primeiro contato, percebi que a relação entre entrevistadora e entrevistado transcendia o roteiro de perguntas por mim programadas. Antes de acionar o aparelho, uma pausa para um esclarecimento. O senhor J.A.S., usando de sabedoria e sensibilidade, percebendo não ser a pesquisadora de Pelotas, e, que, portanto, desconhecia as particularidades da cidade, durante aproximadamente vinte minutos, sintetizou, com propriedade, a trajetória da cidade, desde os anos 40 até a crise sofrida por volta de 1970, responsável pelo fechamento de inúmeras indústrias e postos de trabalho. Senti que havia uma espécie de obrigação e gratidão nas

palavras desse senhor quando relatava o período áureo da cidade. Na conversa informal, anterior à entrevista, na versão esboçada sobre o espaço urbano, o senhor J.A.S. revelou: “Era a coisa mais bonita de ver, ao som do apito aquele monte de gente, muitos de branco, de uniforme, indo trabalhar nas fábricas, afinal, na década de 40 e 50 não faltava emprego aqui”.

Quanto a emergência de suas subjetividades, vale lembrar com Portelli, em seu texto *A Filosofia e os Fatos*, que o grande desafio da História Oral e do trabalho com memórias é que os depoentes, não aceitando reduzir suas vidas a um conjunto de fatos, produzem narrativas para além de um acúmulo de dados, trazendo à tona suas subjetividades ao interpretarem como experimentaram relações e entenderam acontecimentos. No lidar com esse desafio, está o potencial da História Oral, que possibilita a escrita de uma história historicamente vivenciada, distante de abstrações e generalizações homogeneizadoras do social (PORTELLI apud ANTONACCI, 2002, p.41).

“Era fábrica pra todos os lados, no porto estava cheinho”²⁸. Na concepção dos operários-jogadores entrevistados, a cidade era próspera e bonita naquele tempo; as pessoas, mesmo as mais pobres, andavam dignamente e, ao compararem com os dias de hoje, criticam o fato de a cidade parecer feia, perdida em meio a tantos problemas: falta de emprego, difícil acesso aos serviços de saúde e segurança, a pouca expectativa de uma situação melhor para o chefe de família. É interessante que, mesmo após terem deixado de exercer funções como empregados, pois o senhor J. A. S. e o senhor Danilo Plá são aposentados, o vínculo com o local onde trabalharam e cresceram, estimula-os a continuar morando próximo à Fábrica Fiação e Tecidos, pois ali a vizinhança é conhecida, amiga e viveu um passado comum.

Diferente da visão dos jornalistas que trabalhavam no jornal “A Opinião Pública” e de uma parcela da população, que se queixava sobre as péssimas condições de estrada e transporte para a região do porto, isso nem mesmo foi lembrado como empecilho na memória desses sujeitos. Nas palavras de Pesavento (1999) “Perpassa essas designações a idéia de que há uma assimetria social que atravessa a ocupação do espaço”. É importante acrescentar a sensibilidade do olhar dos sujeitos que contam a história da cidade de forma diferente daquela dos discursos oficiais.

Ora, uma metrópole propicia aos seus habitantes representações contraditórias do espaço e das socialidades que aí têm lugar. Ela é, por um lado, luz, sedução, meca da cultura, civilização, sinônimo de progresso. Mas, por outro lado, ela pode ser representada como ameaçadora, centro de perdição, império do crime e da barbárie, mostrando uma faceta de insegurança e medo para quem nela habita. São, sem dúvida, visões contraditórias, de atração e repúdio, de sedução e rechaço, que, paradoxalmente, podem conviver no mesmo portador. Essa seria até, como lembra Marshall Berman, uma das características da modernidade como experiência histórica individual e coletiva: a postura de celebração e combate diante do novo, que em parte exerce fascínio e em parte atemoriza (PESAVENTO, 1999, p.19).

As razões para as pessoas permanecerem há bastante tempo morando num mesmo lugar, demonstra que, de alguma forma, aquele espaço onde realizaram e desenvolveram atividades foi muito significativo para os sujeitos. Não se trata somente de uma referência, um endereço de uma residência, uma rua, um bairro, ruínas onde já existiu uma fábrica, mas um local permeado de histórias, cultura e sentido que compõem a cidade. De acordo com Vieira (1997), não se pode aceitar como única explicação os fatores de ordem estritamente natural_ os definidores da condição atual da sociedade. Sob a ótica desse autor, o espaço é um produto social, portanto, deve ser considerado seu viés econômico, social e político, e percebida a cidade em seu processo histórico.

Muitos indivíduos vinham de cidades vizinhas como Canguçu, São Lourenço, Pedro Osório, entre outras, com a esperança de ascensão econômica e social ao chegarem aqui. Ao conseguirem um emprego, mudavam para localidades próximas às empresas, passando a residir em Pelotas. A conquista desse emprego garantiria uma tranquilidade maior à família, contudo, o comportamento e os hábitos dos habitantes de uma cidade interiorana, ligada ao rural, eram abandonados e passavam a aprender outras regras de conduta, condizentes com o acelerado desenvolvimento encontrado em Pelotas.

Segundo Pesavento (1999), a cidade-progresso, no anseio de cada vez mais se modernizar, corrompeu valores e, por sua vez, também fez emergir seu lado sombrio. A ingenuidade, simplicidade, solidariedade foi cedendo lugar à individualidade, voracidade e a desconfiança do dia-a-dia. Além do mais, os indivíduos tornaram-se reclusos nos espaços privados, o contato com os vizinhos era bem menos freqüente, e, devido ao grande volume de tempo destinado ao

²⁸ Informação Verbal. Entrevista realizada com o senhor J.A.S. em nov.de 2006.

trabalho, foi se perdendo o hábito de apreciar a natureza e as pequenas e simples sutilezas da vida.

O bairro, nesse sentido, veio suprir esse distanciamento causado pela vivência na cidade. Seus habitantes identificam-se com o local, compartilhando valores, criando espaços de socialização e formando parcerias para ajudar aqueles que ingressavam no bairro. Em Pelotas, existem nomes de ruas conhecidas pelos moradores não pelo nome oficial, mas denominadas pelos próprios habitantes como sinal de gratidão a quem tenha mantido esforços com vistas a proporcionar melhores condições a esses locais, muitas vezes, a um morador antigo participante da associação do bairro.

7. A imprensa esportiva e o futebol: amadorismo(?) X profissionalismo

Na década de 1930 passaram a ganhar mais destaque no jornal “A Opinião Pública” as matérias esportivas. Podemos visualizar, conforme mostra a (Fig.5), uma demonstração de reconhecimento da imprensa aos clubes esportivos que ofereciam o futebol. Independente da condição financeira do clube. O jornal tinha como objetivo apresentar à comunidade pelotense o que existia em relação ao futebol nesse período, na cidade. O periódico “A Opinião Pública” ciente das adversidades econômicas enfrentadas por algumas entidades esportivas, disponibilizou profissionais, tais como repórter e fotógrafo para obter o registro das equipes.

Figura 5- O destaque do futebol no meio jornalístico.
Fonte: Jornal “A Opinião Pública” de 20/02/1932.

Os cronistas que escreviam manchetes sobre o futebol, deixaram transparecer, em diversas passagens, a posição saudosista do futebol amador que, segundo eles, teria um caráter diplomático e virtuoso em comparação ao caráter mercadológico do futebol profissional²⁹.

A Opinião Pública F.C. X Diário Liberal F. C.

Está marcada para domingo, 9 do corrente, no campo do G. S. Brasil, uma partida de futebol entre os quadros acima, recentemente organizados. Esse encontro promete ser verdadeiramente sensacional, não só pelo fato dos quadros disputantes contarem com elementos de forças parelhas, como ainda, e isso o mais importante, será praticado nessa partida o futebol de 1910. O encontro será em disputa de farto churrasco, regado a chopps, cuja despesa, é claro, ficará por conta do quadro derrotado (OPINIÃO PÚBLICA, 01/07/1933).

Nesse trecho, manifesta-se de forma contundente a simpatia dos jornalistas pelo futebol amador, e o curioso é que, no decorrer da matéria, a qual não foi descrita aqui na íntegra, aparece: “as entradas custarão 5\$000”. O amadorismo era compreendido como um futebol praticado por amigos, como passatempo; já os jogadores profissionais, de acordo com a posição dos cronistas esportivos do jornal “A Opinião Pública”, não estavam interessados em defender o clube por carinho, mas em obter lucro com o jogo. Apesar de o futebol já ser considerado um esporte popular na década de 1940, nota-se, que, lentamente os interesses capitalistas vão se infiltrando nessa prática.

A charge divulgada no jornal “A Opinião Pública” suscitou uma crítica sobre os altos valores cobrados pelos ingressos; mas esse tipo de manifestação já tinha aparecido noutras matérias. As notícias faziam menção sobre as dificuldades que as pessoas de baixo padrão aquisitivo tinham em assistir às partidas de futebol. Assim, o grande paradoxo é que, esse esporte, que se tornou popular gradativamente,

²⁹ Apesar da tentativa de manter resquícios de uma prática esportiva distinta, experimentada em um ambiente diferenciado, considerando-se, também, a relação harmônica e cordial exercitada entre os participantes, observa-se que, paralelamente os especialistas em esporte foram ocupando espaços e passaram a encarar o jogo com mais profissionalismo. É comum encontrar críticas sobre os árbitros que, por ventura, tiveram atuação fraca no certame, assim como esclarecimentos sobre as regras do futebol com o intuito de ensinar aos simpatizantes conhecimentos sobre o futebol. Também desmistificando o ambiente conciliador, o jornal *Opinião Pública* registrou o assassinato num campo de futebol na partida entre o Grêmio Sportivo 15 de Novembro e o Esporte Clube Fábrica de Chapéus Pelotense, com participação de operários. É importante registrar que a matéria ocupou grande parte do jornal e, naquele dia, esgotou a tiragem de 6000 exemplares. Para saber mais, ver: (A OPINIÃO PÚBLICA, 19/09/1932.)

também afastou um vasto público por meio do alto preço das entradas, impelindo-o de frequentar os estádios. Como podemos perceber na (Fig.6).



Figura 6- Futebol: esporte das multidões.
Fonte: A Opinião Pública, 05/04/1945.

Apesar de os jornalistas não demonstrarem ser a favor da entrada do futebol no profissionalismo, divulgavam o aspecto positivo da mudança, como a vantagem de não perder os craques para os times estrangeiros, e, devido ao caráter competitivo de almejar o ingresso num clube, a melhor capacidade técnica dos atletas. Entre outras idéias cultuadas entre comentadores de futebol, na época, destacavam-se a difusão das regras àqueles que se interessassem pelo desporto e a exigência dos profissionais responsáveis pelas apresentações, tal como os juizes, que deveriam proceder nas partidas com conhecimento do estatuto do futebol, não sendo mais permitida, portanto, a existência de erros grosseiros de arbitragem. Mas os elementos de uma nova fase do futebol já estavam enraizados no esporte, inclusive bem antes da década de 1930, e não havia mais como ignorá-los.

Sobre o futebol praticado na firma Fiação e Tecidos, percebe-se que acompanhava o caráter semi-profissional, evidenciado na cobrança de mensalidades, na preocupação com resultados, na entrada de profissionais

especializados para manter e melhorar a saúde dos atletas e na preocupação com a formação de bons jogadores, preparando-os já nas categorias de base, formando times infantis. Outra evidência que mostra a seriedade com que os dirigentes da empresa Fiação e Tecidos pensavam a concepção de esporte, bem como, transmitiam aos seus atletas, diz respeito, as atitudes valorizadas em campo, que eram vinculadas a honra, portanto, aos valores morais, de um futebol que tinha por objetivo trabalhar o corpo, socializar os sujeitos e respeitar o adversário. Para ilustrar esse misto de sentimentos que permeava essa entidade esportiva, trazemos uma passagem que ressalta a postura dos atletas do E.C.Fiateci em abrir mão da oportunidade de aumentar o placar em nome da disciplina.

Um adversário valoroso!

Por isso não houve vitória!

Quando o Fiateci, em seu campo foi derrotado por um a zero pelo Esporte Clube Pelotas, muitos de seus torcedores apaixonados, é claro, afirmaram-me, que se não ganharam por um escore maior, foi unicamente devido a impraticabilidade do campo, e que meu clube, na virada, seria fragorosamente derrotado. Esses apaixonados não quiseram compreender que, naquele dia, a segunda phase do jogo foi toda do Fiateci. Domingo, chegou, finalmente, o dia em que meu quadro seria derrotado. No entanto, o máximo que seu valoroso adversário pôde conseguir foi um empate: A técnica dos milionários, em seu próprio campo, desapareceu ante o ardor dos "miseráveis". O Fiateci, por ser um clube composto de operários é vítima de todos os apodos, mas apesar disso tudo, tem demonstrado disciplina, um dos factores que tem dado brilho em todas as partidas que tem disputado este anno. Ainda domingo, quando o Alcides, o valoroso goleiro do Pelotas, deixou escapar a bola e que Pacheco carregou-lhe em cima, se não fosse a educação e a disciplina desportiva deste jogador, o que teria acontecido? Onde estaria o sympathico goleiro se encontrasse pela frente naquela posição, um adversário indisciplinado e de instintos perversos?

O Fiateci não venceu domingo porque encontro um adversário valoroso, e não foi vencido porque soube ser adversário de valor. E... os palpites foram tão errados como apaixonados... Mas, como tudo é possível, poderá, honrosamente, ser vencido sem arrefecer. Leopoldo Pancaro. (A Opinião Pública, 15/07/1937).

Pela notícia, podemos entender que o empate do E.C.Fiateci frente ao poderoso time do E.C.Pelotas repercutiu como se tivessem conquistado uma vitória. A ênfase na disciplina do time dos operários foi associada a educação dos atletas no que diz respeito a reconhecer o valor do adversário e, por sua vez, este último, apesar de deter bem mais recursos, parece que se descuidou de um princípio básico do futebol, que vem a ser: o de nunca desprezar um oponente.

Vencer ou empatar com um time que trazia na bagagem inúmeros títulos, era considerado um grande feito para uma equipe mais humilde, pois, além de ser muito difícil conseguir um resultado favorável, pois o Fiateci foi inúmeras vezes goleado pelo E.C.Pelotas, outros sentimentos estavam em questão.

Apesar de a equipe do Fiateci ser composta exclusivamente de operários, indivíduos que conviviam diariamente com situações adversas, e, por isso, certas atitudes eram mais rígidas, vindo a ser explicadas com base na própria condição social. No entanto, a concepção de esporte que pairava, principalmente entre os que comandavam o time da várzea, primava pela disciplina em campo e por gestos cordiais para com os oponentes. Buscava-se, com isto, quebrar a idéia de que os trabalhadores se utilizavam de violência e força física, a qualquer custo, para chegar à vitória. Para mostrar que o jogo dos trabalhadores era limpo e leal, torcedores e diretores do esporte da própria empresa aproveitavam da organização das festas e da participação em campeonatos para encaminhar notas à redação do jornal destacando os feitos do time, principalmente quando na competição o quadro recebesse congratulações pela disciplina.

No comentário do dirigente do time dos industriários, estavam sendo constantemente reforçadas as qualidades do quadro do Fiateci, salientando, inclusive, a técnica dos jogadores e, contribuindo para desconstruir alguns preconceitos associados aos times de fábrica.

Por sua vez, uma das manobras dos responsáveis pelo treinamento dos atletas da equipe Tecelã, na tentativa de manter um quadro de qualidade, foi a de preparar equipes juvenis, contando com a colaboração de clubes menores para que inscrevessem os jogadores, com idade de até dezoito anos incompletos, num torneio organizado pelo E.C.Fiação e Tecidos. A pretensão era a de que num futuro próximo, esses garotos, já homens, estivessem prontos para defender o emblema da empresa.

O Fiação está organizando um certame infanto-juvenil

Conhecemos junto a alta direção do E.C. Fiação e Tecidos, que o clube “industrial” da várzea, está organizando um campeonato infanto-juvenil para ser disputado no Estádio “Umbú” aos domingos pela manhã. A mesma fonte que informou do empreendimento da dinâmica direção “tecelã”, também disse que essa idéia ocorreu, em face do grande número de jovens atletas que não têm oportunidade de apresentarem-se através de clubes organizados e que este certame viria estimulá-los, ao mesmo tempo que estará criando os atletas do futuro dentro das leis e regras do futebol (A Opinião Pública, 13/07/1960).

Nos bairros mais pobres da cidade, como o da Zona do Porto, apesar de inúmeras fábricas estarem implantadas ali, os benefícios da vida urbana custavam a chegar. Uma das opções de lazer dos jovens se reservou à prática do futebol, por ser este um esporte que não necessitava de grandes recursos, quando experimentado no improviso.

O jornal A Opinião Pública, acompanhou o contato dos meninos com o futebol de várzea, praticado nos campinhos perto de casa, como também, observou a grandiosidade que esta prática foi tomando no ambiente familiar e nas relações de vizinhança. Esse órgão redigiu uma extensa matéria descrevendo, em pormenor, a imersão dos garotos no futebol e a participação das mães na organização dessa atividade.

O Quadro da Zona

Escreveu O'Mar

Especial para a “A Opinião Pública”

Quando a criança do sexo masculino começa a perceber que os seus pés não foram feitos somente para caminhar e passa a dar pontapés nas tampinhas de cerveja, casca de laranjas e outros objetos pode o respectivo pai destinar uma parte de suas economias para a aquisição da primeira bola de borracha e a respectiva mãe destinar uma boa parte das suas arengas para a repreensão à tal criança e pode, também, o sapateiro da família contar com mais um freguez assíduo e garantido. Os primeiros ensaios de “craqueza” são feitos no pátio, no quintal e, em última instância, num estreito corredor; o que é certo é que o fedelho não abandona o seu “preparo” por causa do espaço vital. Daqueles terrenos passa ele para a rua, a bola para o meio da rua e o fedelho para o meio da rua também... Neste período as reprimendas maternas tomam um cunho de maior severidade, ao menos simbolicamente. – Olha esse meio da rua. Vou contar a teu pai quando ele chegar. Eu ainda vou dar sumiço à essa bola... Olha o auto... As vezes, às palavras seguem-se pequenas demonstrações de energia que terminam no mais das vezes pela capitulação materna. – Não tenho culpa, mamãe... é a bola que vai pro meio da rua sem a gente querê... Cinco anos mais tarde, lá pelos nove ou dez da criança encontraremos a mesma mãe ralhando com a mesma criança: -olha esse meio da rua... Eu ainda vou acabar com esse futebol. Mas não acaba, não. É força de expressão, ou melhor, uma expressão de força... A vizinhança que é muito mais poderosa e de cujas casas foram quebradas diversas vidraças, não

conseguiu acabar com aquele futebol... A própria polícia como é que aquela mãe iria ter a pretensão de terminar com ele... Numa zona onde existiam dez ou doze mães nestas condições, ralhando alternadamente com os filhos(todas ao mesmo tempo seria o diabo...) e procurando dar cabo ao futebol, esta praticamente fundado “ O Quadro da Zona”. Como não pode deixar de ser, o quadro da zona conta, sorrateiramente, com o apóio incondicional e disfarçado dos maridos daquelas mães. O “velho” sempre se orgulha, ou pretende se orgulhar do seu rebento que rebenta as vidraças alheias... As suas também já foram esvaçadas pelos filhos de outras mães, de modo que não ha grandes preocupações neste sentido. E neste ambiente agitado, com todas as mães da zona mandando contra e todos os pais “torcendo” na “surdina” foi fundado o Bela Vista A. C. Para começar com o futebol que as mães queriam matar um dos pais da zona prometeu um jôgo de camisas. Prometeu e deu e o seu prestígio cresceu assustadoramente no meio dos guri... Foi um dia de alegria para quem, como eles, fingem que estudam todo o dia... O mesmo pai prometeu que conseguiria uma publicação sôbre a fundação do clube prometeu e conseguiu. Tornou-se o ídolo da petizada... “A Opinião Pública” inundou as zonas e os craques, empunhando o jornal, fizeram ver às mães, com provas irrefutáveis, que eles já começaram a ter o seu valorzinho... Então os seus nomes nos jornais não era motivo de orgulho para elas?... Nesta altura, alguma fonalezazinha materna que ainda resistia, começou a dar sinal de rendição. O pai da zona que prometeu e cumpriu, tornou-se o presidente nato da Bela Vista. O guri mais idoso da turma “ ad-referendum” resolveu fazer um presente ao pai- presidente e, por vias diplomáticas, mandou saber o número de carpins que ele calçava. Foi organizada a tradicional lista de contribuições para a compra da “redonda” e para atender às primeiras despesas . Uma expressiva legenda tornava quase obrigatória a doação. “ O senhor não ficaria mais pobre por causa de 50 centavos” e os centavos iam caindo e o tesoureiro provisório em pouco tempo suplantou o próprio presidente em importância social. Contribuições misteriosas de um cruzeiro e até de dois começaram a aparecer, formando um bolo bem apreciável; a gurizada esquivava-se de declarar a procedência daquele “maná” mas não resistiu por muito tempo com o sêgreto. Era a cooperação anônima das mães para o quadro da zona... – Toma lá... e não digas para teu pai, senão eu perco o prestígio. Joga direitinho e procura não te machucares... E o orgulho materno, escondido até então, diplomaticamente, por causa dos meios da rua e dos automóveis começou a aparecer de forma alarmante. Ao menos daí por diante as mães da zona estariam mais tranquilas, porque o futebol iria ser praticado nos campinhos da redondeza e longe dos automóveis... A tranquilidade reinaria ao menos, até que viessem os netos, quando então elas ajudariam as novas mães a acabar com o futebol que elas não conseguiram terminar... – Olha Tiquinho, si vocês quiserem, eu arranjo a lavadeira para o fardamento. – Não mamãe, a mãe do nosso “halfe” esquerdo se encarregou das lavagens... – Bem, então quando houver alguma meia rasgada, traz que eu me encarrego de costurá-la. – Não, mamãe. A mãe do nosso meia direita já pediu a preferência para consertar as meias... – Bem, então eu vou dar os barretes para vocês. – Não, mamãe. A mãe do nosso ponta esquerda já deu... Decididamente não havia mais vaga no Bela Vista para as funções femininas-e a mãe do Tiquinho retirou-se meio enciumada... – Não precisa a senhora se aborrecer mãe... a senhora fica de suplente... (A Opinião Pública, 14/08/1943).

A longa matéria publicada no jornal, mostra que apesar da resistência ao futebol, esse esporte prevaleceu, e, alguns contrários à prática, por não conseguirem terminar com o jogo, resolveram, então, aderir, fazendo parte e

auxiliando nas atividades. Ficou evidente que as relações de solidariedade, de engajamento, e o envolvimento das pessoas que, mesmo dispondo de poucos recursos, contribuíram com singelas doações foram cruciais para dar origem e constituir o patrimônio do clube. A via da união, que congregou inúmeros sujeitos, foi, na maioria das vezes, a única responsável pelo êxito de um esporte no bairro.

Devido à tradição do E. C. Fiação e Tecidos em participar de campeonatos da cidade desde a década de 1930, e, também, por ser reconhecido como uma equipe forte em nível estadual, possuindo consideráveis títulos³⁰, o clube conquistou bastante adeptos na comunidade pelotense, despertando, inclusive, interesse entre aqueles que jogavam em outros clubes em obter uma vaga para ingressar num dos quadros.

Sobre a entrada de jogadores advindos de outras equipes no clube Fiação e Tecidos, o senhor Danilo Plá trouxe um dado interessante sobre a acirrada competição entre o E.C.Fiação e Tecidos e o Laneira Futebol Clube. De acordo com o relato, a fim de obter bons jogadores para compor os respectivos quadros de futebol, ambas indústrias ofereceram salários mais altos àqueles que aceitassem defender a empresa em campo e desenvolver funções na fábrica. Fazia parte da estratégia dos dirigentes do Fiação e Tecidos como também da Laneira tentar trazer por meio de propostas mais tentadoras, atletas do time adversário.

O senhor Plá, também lembrou que uma das medidas aplicadas pela diretoria do E.C.Fiação e Tecidos para dificultar o sucesso em campo do time de futebol da equipe da Laneira, se resumia em recepcionar, com farta mesa de doces e bebidas, os quadros que vinham de outras cidades para participar de partidas do campeonato do SESI. Além de alojar os adversários do Laneira F.C., os integrantes do Fiação e

³⁰ Sobre os títulos conquistados pelo Esporte Clube Fiação e Tecidos, localizamos uma matéria do jornal A Opinião Pública, alusiva aos quatorze anos de fundação da entidade, trazendo os seguintes dados: Campeão invicto de futebol do SESI em 1952, 54, 55, 57 e 59; vice-campeão de futebol em 1953, 56 e 58; hexa campeão de atletismo do SESI em 1954, 56, 57, 58 e 59; tri-campeão de voleibol do SESI em 54, 55 e 56; campeão de bochas do SESI em 1955, 1958 e 1959; pentacampeão de ping-pong do SESI em 1955, 56, 57, 58, 59; tetracampeão de damas do SESI em, ..., 57, 58 e 59; hexacampeão de corrida rústica do SESI em 1954, 55, 56, 57, 58 e 59; campeão musical da Rádio Pelotense em 1956; vice-campeão da Associação Esportiva da Várzea em 1957; bi-campeão de futebol de salão do SESI em 58 e 59; vice-campeão de futebol de salão no campeonato PEPSI-COLA em 1958; super-campeão amador invicto da Liga Pelotense de futebol em 1959; campeão da disciplina na Associação Esportiva da Várzea em 1957 e 1959; campeão estadual da 3ª categoria de amadores em 1959, campeão estadual do SESI em 1960 (A Opinião Pública, 22/10/1960).

Tecidos forneciam valiosos dados sobre os jogadores do Laneira F.C., referente a posição que ocupavam, as qualidades e as deficiências da equipe.

O E.C.Fiação e Tecidos e o Laneira F.C. eram os dois times de fábrica que mais se destacavam no futebol, portanto, os mais fortes em comparação aos demais quadros. Por ser bastante freqüente, na final do campeonato, o encontro entre esses dois times para vir a representar a cidade de Pelotas na mais importante disputa de futebol das indústrias, o E.C.Fiação e Tecidos e o Laneira. F.C conheciam bem as características da equipe uma da outra e, além do estímulo em obter uma classificação na cidade para seguir na competição, ambas procuravam uma afirmação no âmbito local, desejavam o posto de serem reconhecidas como a melhor equipe de futebol do meio operário.

Nesse sentido, também revelou-se uma medida interessante, a possibilidade de captar bons jogadores no próprio bairro, poupando a empresa de maiores esforços, uma vez que o clube não fazia contratos, nem pagamentos aos atletas.

Saber aproveitar essa experiência anterior que os meninos traziam com o futebol era conveniente ao E.C.Fiação e Tecidos, pois, o clube teria apenas de aperfeiçoar a técnica. Mas para ingressar na equipe era necessário que o corpo se conformasse a determinadas regras. Segundo o depoente João Pedro Santos, fundador do Sudeste F.C., que treinou por mais de dez anos a equipe do juvenil, para ter a chance de jogar num clube que já tinha certo conceito, os adolescentes teriam de se comprometer em manter-se na linha, isto é, tirar boas notas no colégio, não beber, não fumar e ter boa índole. Não bastava somente jogar bem futebol. O esporte era compreendido como um colaborador direto para a formação do caráter. Nesse caso o futebol teria a função de educar o homem com base nos bons princípios e, ficava a cargo dos clubes, assim como, de outras instituições (escola, família e igreja) esse papel.

Sobre as desvantagens do profissionalismo e o apelo à moralização do esporte muitas reportagens do jornal Opinião Pública vinham salientar a necessidade das entidades esportivas em promover ensinamentos e formar valores que seriam levados para a vida dos sujeitos.

O futebol deveria ser iniciado no período escolar, sob as vistas de pessoas que fossem inculcando nos garotos os indispensáveis rudimentos de educação esportiva: “fair-play, cavalheirismo, respeito aos adversários e ao árbitro, lealdade absoluta, compreensão das regras do jogo, instrução física adequada, espírito altruísta, etc. Toda e qualquer publicidade exagerada tende a exacerbar sentimentos de vaidade ou inveja, de ambição ou despeito deveria ser evitada. Assim, os garotos adquiririam com solidez um caráter esportivo que seria de grande vantagem para o futuro do esporte e deles próprios. A indisciplina que vemos, com a alarmante frequência, em nossos campos de futebol, é na grande maioria dos casos, fruto de deficiente ou falsa educação de berço. Se os clubes adotassem o salutar regime de punir os indisciplinados, a tarefa de moralização do futebol se tornaria mais fácil. Mas, se um clube o faz, outro se aproveita disso para ganhar as boas graças do jogador e contratá-lo na primeira oportunidade. Deste modo, cria-se uma situação desagradável, que estimula os faltosos à repetição dos atos anti-desportivos. José Brígido (A Opinião Pública, 27/04/1945).

Os discursos pedagógicos não estão presentes somente no espaço formal da escola eles circulam em diferentes lugares e instituições. Segundo Garcia (2002), os discursos pedagógicos estão para além da produção e veiculação de certas formas de representação do mundo e do fenômeno educativo, mas que é preciso considerar seus efeitos práticos na fabricação dos indivíduos e de certas formas de subjetividade. Os discursos constituem certas formas de experiência que os indivíduos possam ter de si mesmos, dos outros e do mundo, quando confrontados e interpelados por esses discursos, nas salas de aula e em outros espaços. De acordo com Garcia (2002, pg.23), “a pedagogia está implicada na produção e na fabricação de seres humanos exercendo uma forma de governo...” Cabe ressaltar que o conceito foucaultiano de governar é compreendido como uma maneira de dirigir a conduta dos indivíduos e da população de modo a atingir determinados fins.

Os discursos instituem campos de objetos, concorrem na produção de formas de subjetividade, estabelecem diferenciações, presenças, exclusões, saberes e verdades acerca de como pensar, ser e agir, quando os indivíduos estão investidos de certos papéis sociais e formas de autoridade (GARCIA, p. 26, 2002).

Nos artigos publicados no periódico “A Opinião Pública”, os problemas apontados no futebol estavam concentrados na falta de pessoas especializadas para orientar valores sobre o esporte. Formar a subjetividade³¹ dos indivíduos para conduzir a condutas apropriadas era um dos objetivos da educação esportiva. No entanto, as regras eram facultativas, segui-las e aplicá-las no dia-a-dia estava sujeito

a um aspecto ético, em virtude de um modo de existência que se desejava ou não alcançar.

7.1- A presença das mulheres no mundo do futebol e sua aparição na mídia

Visando conferir ao futebol um estilo mais familiar, estimulava-se a participação feminina. O incentivo para a assistência das senhoritas às partidas esportivas mostrava-se facilitado. Normalmente a entrada era gratuita às moças, quando muito, cobrava-se um ingresso com preço bem mais singelo daquele vendido ao público masculino. Como exemplo, trazemos o periódico “*A Opinião Pública*” (8/10/1932) quando o Vasco da Gama F.C. promoveu uma grande festa esportiva, um encontro de várias turmas das casas comerciais, representantes dos cafés, a fim de participarem de um torneio de futebol. Naquele dia, a entrada para as mulheres foi gratuita. Além do mais, findo o torneio, foram realizadas apresentações circenses e distribuídas, às gentis senhoritas surpresas oferecidas pelas próprias fábricas de café que disputaram os jogos.

O jornal *A Opinião Pública* também divulgou notas, no período compreendido entre as décadas de 1930 a 1950, sobre a promoção de torneios de futebol organizados por mulheres, com a finalidade de angariar donativos que seriam revertidos para causas sociais, tais como: construções de escolas e abrigos, em benefício a soldados que defenderam a nação contra os inimigos, bem como, destinaram recursos a enfermos que passaram por necessidades financeiras. O meio esportivo, as casas comerciais e a mídia davam aprovação e contribuíam para que esses eventos filantrópicos³² que contavam com a participação feminina obtivessem sucesso.

Diante da presença feminina nos espaços esportivos, um outro campo de destacado crescimento foi o da propaganda de produtos para a saúde da mulher que, lentamente, começou a ganhar as páginas dos periódicos. Diferentemente de antes, quando as mulheres estampavam rótulos de produtos domésticos, como

³¹ Segundo Garcia (2002), o processo de subjetivação é a produção de novas possibilidades de existência e de certos estilos de vida. É um processo múltiplo, constante e instável, não resultando em formas definitivas de subjetividade.

³² Segundo Moura (2003, p.16) praticar o futebol não seria o problema, desde que no limite dado, ou seja, voltado para a filantropia e não direcionado para sua expressão corporal ou como um novo espaço de lazer.

panelas e fogão, na década de 1930, elas já começaram a ser associadas a objetos os quais remetiam ao mundo esportivo e à estética.

A mocidade de hoje

A época atual tende a cultivar o máximo possível as atividades físicas da mulher. Na idade de seu desenvolvimento, as meninas conseguem mais saúde e beleza participando nos desportos e exercícios ao ar livre. Meninas acanhadas ou delicadas, sem o desejo natural por semelhantes atividades, devem receber um estímulo para tais exercícios, com o uso de um produto medicinal tonificante que, como a Emulsão de Scott, aumente-lhes a nutrição, ajude a criar sangue rico, vivacidade, robustez e formas perfeitas. Assegure o bem estar futuro às suas filhas dando-lhes agora a Emulsão de Scott, rica em vitaminas (A OPINIÃO PÚBLICA, 12/06/1931).

Como o ambiente dos esportes era freqüentado também por mulheres, os torcedores deveriam dosar as palavras e o comportamento, evitando o uso de termos pejorativos aos jogadores, tornando o espaço mais respeitoso. Segundo “A Opinião Pública” (18/05/1931), era considerada uma atitude indisciplinar aquela na qual os torcedores agredissem a torcida adversária com palavras indecorosas.

A participação das mulheres não se reservou somente à propaganda de produtos ou como um público consumidor de medicamentos que prometiam melhorar a saúde e dar mais disposição a elas. Sobre o papel do sexo feminino no futebol os jornais deram divulgação sobre a atuação das moças como madrinhas dos times de futebol, representando os clubes nos mais remotos locais. As mulheres ganharam destaque também pelas funções que desempenharam, e, mesmo exercendo atividades secundárias³³, elas contribuíram na organização do esporte.

Mesmo que incipiente, a participação das mulheres no futebol representava uma transgressão ao hegemonicamente aceito como constitutivo da identidade feminina que tinha na imagem da mãe grande aceitabilidade (Goellner, p.146, 2005).

A seguir, estão alguns exemplos de atribuições dirigidas ao sexo feminino: lavar os fardamentos, costurar os uniformes, e auxiliar na organização das festas

³³ Sobre a figura coadjuvante da mulher no futebol Moura (2003), analisando as relações entre lazer, futebol e gênero, chegou a conclusão de que essa posição secundária se deu devido ao impedimento imposto pela Legislação Esportiva, em 1941, em que o Governo, através de normas veio enquadrar as práticas físico-esportivas vivenciadas pelas mulheres, usando a lei para proibir algumas práticas, alegando não serem condizentes para o corpo feminino. Cabe ressaltar que o futebol figurava entre os esportes não permitidos a elas. Segundo o autor, apenas em 1979, é que o Conselho Nacional de Desportos regulamentou o futebol feminino no país. Para saber mais ver: MOURA, Eriberto José Lessa. As relações entre lazer, futebol e gênero.

esportivas. Nos clubes e nas escolas foi estendido, também a elas, o acesso a determinados esportes, no entanto, a prática se restringiu mais ao tênis, voleibol, basquete e natação.

Neste estudo localizei duas senhoras que foram madrinhas de futebol em períodos diferentes, uma delas representante do E.C. Fiação e Tecidos nas décadas de 1950 e 1960 e, a outra, foi madrinha do Sudeste F.C. na década de 1960 e 1970. O método aplicado às investigadas foi o da coleta de depoimentos. Em ambos os relatos um aspecto foi comum, o de que a etapa em que acompanhavam os clubes, excursionando com o time por diversas cidades, representou um momento da vida que simbolizava a juventude, as possibilidades e incertezas e, ao anunciar um compromisso sério com um rapaz, adentrava-se num outro estágio da vida, num período de responsabilidades e seriedade, no qual não era recomendada a exposição da mulher.

Sair de casa , ir para a rua, para o jogo e, assim, ter as possibilidades do convívio, do “namorico”, enfim de se colocar além das fronteiras do permitido, era barganhar atitudes e posições com o universo futebolístico masculino (Moura, p.21, 2003).

Mesmo que a mulher tenha conseguido certo desprendimento através do futebol, afirmando valores e atitudes contrários aos preceitos da época, havia muito tensionamento nessa relação que envolvia os gêneros masculino e feminino no campo futebolístico.

Pouco tempo depois de anunciar a entrada nos enlaces matrimoniais, o ritual que envolvia a participação das mulheres no futebol- tendo em vista a posição que ocupavam como madrinhas, promovendo o time pela beleza e graça feminina, assim como, pelos auxílios prestados- era perpetuado na passagem da faixa para outra menina.

Nas falas das senhoras, a razão para abdicarem da posição que desfrutavam no clube, se justificou, na medida em que, havia o ciúme e a questão do respeito pelo namorado, noivo ou marido. O casamento provocava mudanças nas relações das mulheres com o clube e nesse novo momento, cabia à esposa dedicar-se ao espaço privado, ao lar, exigindo atenção integral, não sendo possível participarem de outras atividades que as desviassem de suas novas obrigações.

Mesmo que as mulheres participassem de alguns eventos esportivos, o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição (Goellner, p.145, 2005).

A entrevista com a senhora Jacira Santos, a primeira madrinha do Sudeste Futebol Clube foi deveras significativa, pois, ela confidenciou que a escolha da representante do clube se dava por meio de votos, isto é, quem vendia o maior número de votos vinha a ser a nova madrinha. Cabe salientar que o dinheiro arrecadado tinha por destino os cofres da entidade esportiva. Ela também relatou que um dos momentos especiais dava-se quando ocorria o batismo de um clube. Conforme pode ser visto na (Fig.7); esse encontro era realizado entre dois clubes e, numa espécie de ritual, as madrinhas derramavam champanha na bandeira do clube que iniciava suas atividades no meio esportivo. Ressaltou, também, que era tido por hábito, conceder à madrinha da equipe convidada, o ato de começar o jogo, efetuando o pontapé inicial da partida. Como pode ser observado na (Fig.8).



Figura 7- Batizado do time do Centro Português. À direita a madrinha do Sudeste Futebol Clube, a senhora Jacira Santos.
Data: década de 1970
Fonte: Arquivo pessoal de fotos da senhora Jacira Santos



Figura 8- Inauguração do campo do Sudeste F.C.
Sudeste Futebol Clube X Esperança do Povo Novo
Data: década de 1970
Fonte: Arquivo Pessoal de fotos da senhora Jacira Santos

Sobre a influência das mulheres nos jogos, a senhora Jacira Santos destacou que num dos anos, por iniciativa das torcedoras, houve torcida organizada para o Sudeste F.C. e as jovens combinaram de padronizar as vestimentas: saia verde, casaquinho amarelo e boina verde para combinar com o uniforme dos jogadores. Era uma forma que as mulheres entendiam de homenagear o clube, de se identificarem como pertencentes a essa entidade esportiva e, também, como uma maneira de chamar a atenção dos adversários. Essa ação mostra a lealdade e o carinho para com o clube, não bastando apenas ir aos jogos e torcer de forma comedida. Era preciso externalizar o sentimento, sentir realmente que faziam parte do grupo.

Outra passagem demonstrando a atuação da torcida feminina diz respeito ao fato que envolveu o E.C.Fiação e Tecidos. O episódio foi narrado pelo senhor Danilo Plá, que fez referência a uma senhora, esposa de um dos jogadores do Laneira F.C e que foi o pivô de uma confusão entre as duas equipes. Segundo o depoente, os

atletas do Fiação seguiram de caminhão para um jogo que foi realizado no campo do Bancário contra o Laneira F.C. Nessa partida o massagista do Fiação fez uma manipulação de pomada errada e ao passar nos jogadores causou muitas caimbras, conferindo um aspecto avermelhado às pernas daqueles que jogavam. Apesar do desconforto e da dificuldade do jogo, o placar foi positivo para o Fiação e Tecidos. Consternada pelo resultado, uma das torcedoras agrediu o jogador que fez o último gol, fazendo vários arranhões na sua face. No final da partida, a mulher correu até o veículo que levava os jogadores do Fiação para mais uma vez tentar agredí-los, no entanto, escorregou do caminhão e quebrou o braço. Essa cena foi suficiente para gerar uma confusão entre os competidores.

O “pertencimento” clubístico é uma máscara social, uma das tantas existentes nas sociedades complexas. A partir dela se tem acesso a um universo no qual a brincadeira e a jocosidade são essenciais, pois é por intermédio delas que se expressam sentimentos e pontos de vista, não raro preconceituosos, que dificilmente seriam ditos de outros modos e em outro lugar (Damo, p.88, 2001).

Quando se observa uma torcida na arquibancada nota-se, ali, um ajuntamento de pessoas que formam, com suas vozes, uma espécie de coro, gritando palavras de incentivo ao clube ou também demonstrando desprezo por algum gesto interpretado de forma negativa pelos torcedores. Nesse coletivo é possível dizer ou tomar certas atitudes que individualmente não poderiam ser feitas.

Sobre o contato com a madrinha do time do Fiação, houve uma grande expectativa para encontrá-la, pois esta foi a primeira madrinha do Esporte Clube Fiação e Tecidos, e representou uma figura importante e muito querida pelos jogadores da empresa, que, inclusive, faziam questão de apresentá-la nas fotos que guardavam e que utilizavam para evocar a memória. Ao localizar a residência da depoente, local onde seria realizada a entrevista, percebi que ela morava na rua que coincidentemente levava o nome do sr. Francisco Vieira da Cunha, pai do seu Raimundo Vieira da Cunha, figuras que tanto contribuíram para o desenvolvimento do futebol na empresa Fiação e Tecidos.

Sobre o depoimento da senhora Rute Plá ficou a sensação de que o futebol não havia tido grande significado para sua vida, nem tão pouco mobilizou suas lembranças. Apesar de a entrevistada contar com perfeita saúde, ao ser

questionada, principalmente, a partir das fotos que trazia, ela não demonstrou muita vontade em rememorar o tempo em que foi madrinha pelo time do Fiação. Com respostas secas e curtas ela não parecia ter prazer em falar daquela experiência, não lembrava de datas, nem dava destaque às conquistas obtidas pelo quadro da empresa, posição bem diferente daquela empreendida por todos os outros depoentes. De certa forma a entrevista foi um pouco frustrante e, buscando entender o que causou esse distanciamento e a falta de sentido da narradora para com o grupo e o futebol foi que localizei Halbwachs. Segundo o autor (1990), para que a memória tenha sentido ao evocar a lembrança esta deve ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no próprio espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (Halbwachs, p. 34, 1990).

Os operários-jogadores que compõem esse estudo continuam permanentemente em contato e ainda participam de atividades referentes ao futebol; freqüentando a sede e as festas comemorativas ao aniversário do clube. Já a antiga madrinha do Fiação desligou-se há muitos anos do grupo e, ao que parece, o afastamento quebrou a afetividade que havia na relação de pertencimento ao clube de futebol.

Diferentemente do ambiente da entrevista realizada com a madrinha do Sudeste F.C, em que várias pessoas da mesma família estavam reunidas, a casa de dona Rute Plá era habitada somente por ela, e dava impressão que nesse lugar havia um certo ar de solidão. É bom lembrar que a representante do Fiação conta com sessenta e sete anos, uma idade em que os filhos já estão criados e muitos se encontram morando longe, algumas vezes, em outras cidades, e, também, dependendo do caso, convivem com a condição de estarem viúvas. Em contrapartida, a madrinha do Sudeste F.C era bem mais jovem, contando com

cinquenta e dois anos, e, no dia em que conversamos, ela estava visitando os pais e ao redor tinha a irmã, os sobrinhos e o esposo.

No depoimento de dona Rute Plá ficou evidente que o contexto em que viveu era bem mais rígido para as mulheres, não sendo possível estabelecerem muitas escolhas e cabendo-lhes apenas obedecerem fielmente a certas regras sociais. As mulheres que desobedeciam às normas não eram vistas com bons olhos e sofriam uma série de punições, tais como, desprezo e exclusão. Ao ser questionada sobre como lhe foi feito o convite para ser madrinha do Fiação, a senhora respondeu da seguinte forma:

Como é que a senhora foi escolhida pra ser madrinha do time de futebol? Eles fizeram uma eleição entre o pessoal da diretoria que, inclusive, meu pai era um dos diretores, o Francisco Vieira da Cunha, meus tios. Então, fizeram uma eleição, como naquela época, os outros não tinham filhas mais ou menos na idade para que desse para ocupar esse cargo, era somente eu (Informação Verbal).

A eleição se restringiu apenas à opinião dos diretores, não levou em consideração a escolha dos sócios nem de suas esposas. Sendo assim, a decisão foi imposta, não foi outorgado o direito, a uma garotinha de sete anos, de optar se queria ou não o cargo, apenas se anunciou a resolução. Ao ser indagada se gostava de futebol e, também, se aceitou, com prazer, de ter representado a equipe do Fiação, dona Rute Plá, novamente reafirmou que aos homens cabia decidir e as mulheres acatar.

Por que a senhora gostava de futebol?

Não sei, acho que porque a gente se acostumou a acompanhar desde guria pequena. Eu gostei porque desde pequena me levavam, o pai ia, a mãe ia e a gente não tinha como dizer: Ah! Eu não vou ir! Não quero ir! A gente era obrigada a ir, não era como hoje. Então me criei naquilo e aprendi a gostar na marra (Informação Verbal).

Nas palavras da depoente, apesar da forma com que foi levada a simpatizar com o futebol não parece que tenha havido algum arrependimento por ter sido madrinha do E.C. Fiação e Tecidos. Em diversos momentos, ela fala das inúmeras vezes que excursionou com a equipe, sempre acompanhada pelo pai e pela mãe, e, salienta que foi por intermédio do clube, que teve possibilidade de conhecer

praticamente todo o Estado. Também frisou que tudo parecia uma brincadeira, uma grande diversão. As festas e os bailes na sede esportiva foram episódios que marcaram e vieram a fazer parte das suas lembranças. A (Fig.9) mostra uma das participações da madrinha acompanhando a premiação ao E. C. Fiação e Tecidos.



Figura 9- Colocação de faixas do E. C. Fiação e Tecidos
Fonte: Arquivo Pessoal de fotos da senhora Rute Plá.

Sobre o papel da torcida feminina, apesar de a senhora Rute Plá ter minimizado a atuação das mulheres, os jogadores do E.C.Fiação e Tecidos e outro atleta que jogou pelo Laneira Futebol Clube, um dos maiores adversários da equipe dos industriários, disseram que as garotas do Fiação formavam uma torcida vibrante, provocativa e, por vezes, agitavam tanto que causavam conflitos³⁴. Elas costumavam acompanhar as excursões e iam nos estádios, nem mesmo o mau tempo impedia que o sexo “frágil” assistisse as partidas.

Na matéria referente a vitória do Esporte Clube Fiação e Tecidos na conquista do campeonato Estadual, do Serviço Social da Indústria, na modalidade

³⁴ O Senhor J.A.S., um dos jogadores e operários da Fábrica Fiação e Tecidos contou que numa das partidas com um time de Rio Grande as mulheres gritaram e perturbaram tanto os adversários que o goleiro pegou duas senhoritas pelo cabelo. Mas, segundo ele, a história não parou por aí. Como haveria partida de volta, as garotas se articularam e resolveram fazer uma vingança contra o jogador que havia sido bruto. No dia do certame, os atletas que vinham no ônibus já estavam preparados para uma possível represália, mas nunca imaginaram o que estava para acontecer. As moças organizaram um corredor e jogaram pétalas de rosa em cima dos jogadores que faziam o trajeto, o jogador em questão, aquele que foi o alvo da ação, então, se pôs a chorar.

futebol, pelo escore de 5 X 2 sobre o Amadeo de São Leopoldo, o jornal A Opinião Pública deu destaque a atuação do público no resultado.

A umidade e as chuvas constantes e garôas não afugentaram a grande família “Tecelã” do Estádio da rua Garibaldi, bem como o público esportivo, que esteve presente com seus guarda-chuvas dando um espetáculo diferente ao estadinho do “Umbú”, vibrando com os lances sensacionais e as copas-pretas dançando no ar, misturadas com as coloridas do belo sexo, festejando o magnífico título que minuto por minuto foi conquistado e saboreado pelo Fiação e sua torcida (A Opinião Pública, 14/06/1960).

Outra passagem que reforça o elo entre as operárias e o incentivo que davam aos jogadores da fábrica, se revela na nota enviada ao periódico Opinião Pública, que atribuiu às torcedoras a iniciativa de presentear os atletas campeões. O respectivo jogo se daria entre a equipe do Fiação e a equipe da Tecelagem, ambos os quadros representavam diferentes seções da empresa.

Fiação e Tecelagem empataram

Realiza-se, amanhã, a quarta partida de desempate.

Perante numerosa assistência realizou-se, terça-feira última, a final da melhor das três, entre os quadros acima em disputa de um finíssimo tinteiro a ser oferecido pelos combatentes, ao clube operário: Na primeira partida venceu o Tecelagem por 3 a 2: na segunda venceu o Fiação por 2 a 1, e, na terceira empataram em 2 a 2. Na terceira partida, as operárias do Fiação ofereceram aos combatentes uma caixa de guaraná sendo que as operárias torcedoras, ofereceram uma finíssima taça ao vencedor. Por este motivo haverá a quarta partida para a posse da taça, amanhã, as 18 horas antes de iniciar esta partida, os “capitães” dos quadros acima farão entrega do belíssimo tinteiro aos dirigentes do clube operário como lembrança desse memorável embate (A Opinião Pública, 06/02/1939).

A parceria e o estímulo das torcedoras do Esporte Clube Fiação e Tecidos com os jogadores se estendia para além do campo, sendo comum namoros e casamentos entre eles. A senhora Rute Plá, madrinha do time na década de 1950 e 1960, revelou no seu depoimento, um exemplo da união de um dos atletas mais importantes da equipe, o jogador Spilman, com a torcedora Idalina, lembrando que esta costumava acompanhar vários jogos. A depoente reforçou seu vínculo com a firma, pois além de representar a fábrica como madrinha do time de futebol, também havia sido funcionária no setor de tecelagem, porém, salientou que não houve envolvimento dela com nenhum jogador da equipe.

Pelo fato de tradicionalmente o clube de futebol do Fiação e Tecidos formar times competitivos e, devido a forte identificação entre os colegas de trabalho, uma vez que a torcida feminina, na sua maioria, era composta por funcionárias da empresa e os jogadores eram operários desse local, frente ao desempenho dos atletas nas partidas, gerava nas operárias admiração e reconhecimento, que transformavam-se, em alguns casos, em sentimentos maiores.

Sobre a trajetória feminina no futebol brasileiro percebemos a incursão das mulheres de forma gradativa, primeiramente exercendo uma função coadjuvante, dando assistência as equipes, passando por conquistas, no sentido de expressar suas emoções num campo esportivo, eminentemente, masculino, vindo a circular no espaço público e, por sua vez, vivenciando também retrocessos, como o impedimento legal que proibiu as mulheres da prática do futebol. Com o fim da proibição do jogo, em 1979, as mulheres também passaram a experimentar o esporte, mas ainda lutam contra o preconceito que ainda impera no meio futebolístico de que esse esporte não é adequado a harmonia do corpo feminino. Conforme Moura (2003) o futebol feminino pode ser expresso da seguinte forma:

Vimos que as mulheres não seguiam um caminho único e homogêneo, ou seja, suas manifestações ocorreram em diferentes setores e grupos sociais distintos. Da espectadora que flertava, à “fã” que acompanhava os jogos dos “marmanjos” com afinco. Da “jogadora beneficente”, passando pelas “mulheres do subúrbio”, praticantes efetivamente do futebol, às vedetes, e as primeiras “atletas da abertura” chegando às “mulheres olímpicas”, este é o caminho percorrido que perfaz o futebol feminino no Brasil (Moura, p.89, 2003).

7.2. O futebol como fonte de lucro para o marketing empresarial

As propagandas veiculadas pela mídia, ao que parece, utilizaram o futebol para aumentar o capital financeiro das empresas. A estratégia pensada para atrair consumidores, foi, inicialmente, a de conquistar o público com ações que iriam agradar o mundo esportivo e os torcedores. As casas comerciais se solidarizaram com o esporte que deixou de ser restrito a um pequeno grupo e ganhou adeptos em todas as camadas sociais, e para demonstrar a simpatia pelo futebol constituíram uma série de medidas para beneficiar aqueles que praticassem o esporte.

As formas de auxílio dos estabelecimentos comerciais variavam. Houve desde o oferecimento de patrocínio nos jogos, a doação de taças e prêmios às equipes campeãs, como, também, foi comum reservar um espaço na loja para expor os novos fardamentos das equipes pelotenses. Ao perceber os esforços empregados pelas entidades esportivas para conseguirem obter os uniformes, pois, vale lembrar, que para a época o material esportivo tinha elevado custo, porque esses produtos eram trazidos de distantes regiões do Brasil; por essa razão, justifica-se o apoio do setor comercial para manter em atividade torneios e campeonatos de futebol. A (Fig.10) mostra o incentivo dos estabelecimentos comerciais com o desenvolvimento do futebol.



Figura 10- Contribuição de empresas para disputa de campeonatos
Fonte: Jornal "A Opinião Pública" de 11/07/1939.

Essas gentilezas praticadas pelos estabelecimentos comerciais permitiram uma ampla divulgação do nome do comércio que, aos poucos, tornou-se bem conhecido pela comunidade pelotense, pelos sportistas e simpatizantes do futebol, e, ademais, paulatinamente, essas ações possibilitaram ganhar a confiança das pessoas.

O jornal Opinião Pública registrou um evento esportivo que estava despertando bastante interesse entre o comércio. Tratava-se do jogo entre os empregadores em Secos e Molhados X Caixeiros Atacadistas, e independente do quadro que se sagra-se vencedor seriam entregues diversas premiações.

Ao quadro vencedor uma taça Super Café Carpena. Aos dois teams 3 garrafas caninha caçadora, oferta de Saraiva e Carvalho. 2 vidros de Xarope Peitoral, ao goleiro menos vazado, oferta de S.A.Carvalho; 1 caixa de charutos a equipe vencedora, oferta de Alvaro Rochedo; frios Guilain, oferta da F. Matadouro Pelotense, a ambos os degladiantes; Carvalho & Magalhães- pão para a festa; Lamego, irmão & Grande quantidade de cigarros para ambos os contendores (A Opinião Pública, 22/07/1939).

O confronto entre as equipes Secos e Molhados X Caixeiros Viajantes teve como resultado um honroso empate, e, por iniciativa dos envolvidos foi sugerida a realização de um desempate. O destaque para essa partida no meio impresso se deu pela bela iniciativa da comissão responsável pela organização do evento que resolveu destinar toda a renda do jogo ao ilustre humanitário Dr. Armando Fagundes. Esse cidadão ficou conhecido como médico do povo em Pelotas, e ao participar de uma missão humanitária contraiu uma doença, estando enfermo em Minas Gerais. Essa nobre campanha foi abraçada pelos lojistas que auxiliaram ainda mais a nobre ação. O jogo de desempate iria acontecer no campo do E.C.Fiateci com a presença da banda União Musical Democrata, e os ingressos estariam à venda nas lojas Abrigo Municipal e na Confeitaria Gaspar, com o valor de 1\$000.

Apesar de o setor comercial da cidade ser solidário com os campeonatos que envolviam clubes menores nada se comparou a mobilização causada quando o jogo fosse um clássico, por exemplo, Brasil e Pelotas. As casas comerciais mais fortes faziam questão de presentear os jogadores com os seus próprios produtos e a visibilidade na imprensa representava uma forma de alavancar ainda mais as vendas, divulgando o estabelecimento, os produtos e conquistando mais clientes para os empresários.

Auxiliar o esporte permitia construir uma boa imagem para determinada empresa, afinal, o principal objetivo era dar condições para abrilhantar um esporte que além da diversão do público cuidava para melhorar a saúde física, emocional e social dos adeptos do futebol. O retorno aos investimentos dos industriários vinha com a gratidão da população e isso era um diferencial, pois, no futuro, este público poderia tornar-se um importante consumidor.

Prêmios para o clássico BRA-PEL

Taça “ Restaurante Pátria”. O sr. Carlos Eulalio Lopes, proprietário do “restaurante Patria” militou por muitos anos no desporto brasileiro, sendo campeão de waterpolo, tendo representado o Brasil em Antuérpia. No momento em que a cidade está empolgada pelo clássico Bra-Pel, o distinto desportista não quis ficar indiferente, instituindo uma belíssima taça com o nome “Restaurante Pátria”. Para o vencedor o sr. Carlos Eulalio Lopes oficiou ao presidente da Associação de Cronistas Esportivos, nosso colega Armando Goulart para que a Associação fize-se a entrega da taça mencionada, achando-se a mesma em exposição na casa Pinto Ferreira. “ Casa Clark”. Esta conceituada casa de calçados resolveu oferecer ao autor do segundo golo da partida Brasil-Pelotas, um finíssimo par de sapatos, e assim, os craques reservar-se-ão para marcar não o primeiro, mas o segundo tento.“ Ao Bicho da Seda”. A bola para a partida é uma oferta deste conhecido Empório das sêdas trata-se de um cauduro-extra sem tentos. “Casa Procópio”. A conhecida Casa Procópio resolveu premiar um jogador do quadro vitorioso. Não quiz, porém, deixar ao critério de uma comissão julgadora qual o melhor jogador; aquele que deveria receber o prêmio adotou um novo sistema o premio será sorteado entre os componentes do quadro vencedor. Em caso de empate, o sorteio efetuar-se-á entre os 22 que pisarem em campo. Ao contrário do que ontem, noticiamos, o sorteio não será efetuado no campo e, sim, na casa Procópio, na próxima segunda-feira, à noite, sob a direção da Associação de Cronistas Desportivos de Pelotas.“Bazar da Moda”. A firma Rafael Mazza proprietária do “Bazar da Moda” e instituidora do interessante “Taça Eficiência” resolveu contribuir também para o maior brilhantismo do clássico pelotense, oferecendo um abafante Rheingantz para o autor do primeiro golo (A Opinião Pública, 19/06/1941).

Os dois clubes citados, Brasil e Pelotas, possuíam as maiores torcidas da cidade, pois eram equipes tradicionais de futebol. A tática de entregar a premiação na loja que havia se comprometido em doar um presente, nos indica que se tratava de uma manobra para garantir repercussão no meio impresso, e, também, uma alternativa para levar inúmeros torcedores a acompanharem os atletas para o recebimento do prêmio. A escolha dessa forma de marketing pode ter revertido em significativo aumento nas vendas, uma vez que o público teria interesse em comprar o mesmo artigo (sapato ou seda) com o qual seu jogador predileto fora presenteado.

Ainda sobre a atração exercida entre o marketing dos comércios e as partidas que mais agitavam as rodas de conversa e os interesses dos pelotenses, temos um comunicado no jornal Opinião Pública sobre uma firma que produzia cigarros e que batizou uma nova marca com o nome “cigarro BRAPEL”.

A cidade conhecerá o cigarro “BRAPEL”

A firma Lamego, Irmão & Cia lançará amanhã, uma nova marca de cigarros, o “Cigarro BRAPEL”, em homenagem ao grande chôque que será travado dentro de vinte e quatro horas. Ao jogador que marcar o primeiro tento a firma Lamego oferece mil cigarros da nova marca, e mais mil para o clube vencedor. É essa iniciativa uma prova conteste do imenso prestígio do maior clássico do interior (A Opinião Pública, 15/07/1950).

O futebol acabou despertando cada vez mais a atenção dos empresários, pois a assistência das pessoas às partidas era crescente. Vale acrescentar que alguns hábitos acompanham determinados períodos históricos, tais como, a moda, o gosto musical, as práticas de socialização, as leituras e o consumo de certos produtos. Conforme podemos perceber na (Fig.11).



Figura 11: Tendência da época para o uso de boinas ou gorros
Fonte: Arquivo Pessoal de fotos da senhora Rute Plá.

Na década de 1950, ou até mesmo antes, o ato de fumar tinha uma outra conotação do que se tem hoje. Para fazer parte do grupo era necessário aderir a certas práticas, e fumar era uma delas. Esse produto estava associado a modernidade e tanto os homens como as mulheres acabavam introjetando esse hábito. Fumar e realizar um esporte não era compreendido como antagonismo, pois ambos eram vistos como prazeres que se complementavam. Todavia, a bebida era considerada um mal e os jogadores eram policiados para que não se entregassem a esse vício.

Na transição de um país agrário para uma nação que caminhava para um novo momento, que se caracterizava pelo viés moderno e industrial, percebemos

que os espaços de sociabilidade foram fundamentais para a formação de novos hábitos.

Nesse contexto de reorganização urbana, até mesmo os gostos alimentares assinalaram mudanças. Uma bebida que se destacou pela composição, pois possuía em sua fórmula elementos que causavam excitação, entre aqueles que a consumiam, foi o café. Os lugares de encontro para apreciar essa bebida também foram representativos, pois esses ambientes eram reservados para todo o tipo de assunto e, também, para debater sobre o desempenho dos jogadores nas partidas. Até hoje, a cidade de Pelotas, possui um estabelecimento denominado Café Aquários, que já é tido pela comunidade pelotense como parte do patrimônio da cidade. Ao passar pelo local é possível ver muitos senhores, na maioria aposentados, falando sobre política e futebol.

Sobre o vínculo café e futebol temos uma matéria no jornal “A Opinião Pública”.

Taça Café 35

Amanhã, pela manhã, no campo do CAB, realizar-se-á a primeira partida da melhor de três, entre os fortes conjuntos do Café Nacional F.C. X Bromberg F.C. em disputa da “Taça Café 35” gentil oferta da empresa Café Nacional S/A. Espera-se grande brilhantismo nessa pugna, dado a performance dos contendores (A Opinião Pública, 29/06/1940).

A promoção de torneios também era uma alternativa para ingressar no mercado, mostrando-se como uma forma de apresentar o produto a um público em potencial.

Os cigarros “start” vão patrocinar interessante torneio de futebol menor. A nova marca de cigarros “Start”, que será lançada na praça no dia 1º de Agosto vindouro pela Cia de Cigarros Souza Cruz, ao preço de Cr\$ 2,10 vai patrocinar um atraente torneio entre os clubes de futebol menor, com valiosos prêmios aos vencedores (A Opinião Pública, 29/07/1950).

Nas décadas que seguem, 1960, 1970, 1980 e, principalmente, a partir de 1990, o impulso dos empresários no campo esportivo tornou-se cada vez maior. Os campos de futebol foram cercados de placas que enalteciam as marcas de grandes empresas, vimos também que os programas de rádio abriram espaço para o anúncio de determinados produtos e as empresas passaram a patrocinar o futebol. O espetáculo esportivo acabou tornando-se um pouco refém do capital e com os

elevados salários pagos aos jogadores ficou cada vez mais difícil sobreviver competitivamente apenas com as rendas dos jogos e das mensalidades dos sócios. Sendo assim, a influência do financiamento empresarial para com os clubes tomou grande proporção.

Sobre uma das grandes campanhas publicitárias utilizando o futebol para a promoção de seus produtos temos o concurso esportivo promovido pela Pepsi-Cola, na década de 1950, que ao final da promoção daria um ônibus ao clube que obtivesse maior número de votos no Estado do Rio Grande do Sul. O lema associado a propaganda era de que essa marca já era a preferência das famílias e também tornar-se-ia a dos desportistas.

Hoje à noite, mais uma apuração do concurso esportivo de PEPSI-COLA. O concurso instituído pelos fabricantes de PEPSI-COLA "Dê um ônibus ao seu clube" vem se cercado de invulgar expectativa em todos os municípios do Estado onde se consome o saboroso refrigerante. Como é do conhecimento do público, este original concurso destinasse a dar um luxuoso ônibus ao clube de futebol mais votado no Rio Grande do Sul. As tampinhas de Pepsi-Cola estão sendo recolhidas pelos simpatizantes das diversas agremiações esportivas e enviadas aos postos de trocas.

Outros Prêmios

Aos votantes de menos de 15 anos, serão distribuídos bolas de futebol e, para os outros, caixas de Pepsi-Cola. Prestígio, portanto, amigo leitor, o clube esportivo de sua predileção. Vote muito em diversos postos de arrecadação existentes nesta cidade e contribua para o integral brilhantismo do concurso instituído pelo refrigerante que já se impôs a preferência geral (A Opinião Pública, 28/02/1956).

Numa das chamadas publicadas no periódico "A Opinião Pública" o responsável pela divulgação do afamado refrigerante depositava nos torcedores a responsabilidade em dar como presente ao seu clube o referido prêmio. Em nenhuma das inúmeras matérias sobre o concurso foram mencionadas as cifras em dinheiro que recebeu a Pepsi-Cola com o aumento das vendas.

Compareça com urgência ao pôsto mais próximo e efetue a troca. Com isto você estará livrando o seu clube de um prejuízo que poderá significar para ele a perda do mais completo e bonito ônibus que PEPSI-COLA mandou fabricar para entregá-lo ao clube que provar através das urnas ser realmente o mais simpático do Rio Grande do Sul. Porque na realidade o seu clube está dependendo de sua ajuda para sagrar-se nesse emocionante certame que vem encontrando grande repercussão dentro e fora do Estado. Lembre-se, no entanto, que a partir de amanhã os votos antigos serão considerados totalmente nulos (A Opinião Pública, 12/09/1956).

A empresa de refrigerantes também estimulou a prática do futebol entre os funcionários. Conforme a nota encaminhada à redação do jornal “A Opinião Pública” foi informado da realização de um certame entre casados e solteiros da Pepsi-Cola.

Os “casados da Pepsi-Cola venceram os “solteiros” por 5 a 3 consoante noticiamos, realizou-se na praça de esportes da Pepsi-Cola, perante numerosa assistência, o embate-revanche entre os solteiros e casados daquele estabelecimento industrial. Ao termino da peleja, realizou-se um churrasco de confraternização (A Opinião Pública, 02/08/1955).

No ano de 1957, no campeonato do SESI, torneio mais importante disputado entre as indústrias da cidade, também a Pepsi-Cola se fez representar com um time na competição. Ao que parece o ambiente esportivo foi um dos caminhos para conquistar clientes e garantir entre os empregados um bom clima de trabalho.

Mas não foi somente com o futebol que a marca de refrigerantes obteve destaque. Houve um ano, em Pelotas, em que o carnaval nos bairros esteve sujeito a não se realizar ou ter bem menos importância se comparado a outros tempos. Nesse período o jornal “A Opinião Pública” divulgou a iniciativa da Pepsi-Cola para com o evento, salientando que graças ao empenho dos sócios e empresários da renomada bebida a festa seria salva e poderia ser comemorada.

Pelotas vibrará este ano com o Carnaval Pepsi-Cola

Com a chegada a esta cidade do dr. Heitor Peres, diretor-presidente da Refrigerantes Sul-Riograndenses, fabricantes da PEPSI-COLA, surgiram novas perspectivas para a realização do carnaval de rua da Princesa do Sul. Com efeito, as entidades carnavalescas, desanimadas com a pouca receptividade encontrada até agora no comércio e na indústria, tencionavam desistir da sua participação nos próximos folguedos do Momo. Graças, então, a mais uma iniciativa dos ‘refrigerantes da fábrica riograndense’, que fizeram compreender as dificuldades encontradas pelos foliões, os pelotenses verem coroada de êxito a sua excepcional festa popular. Assim sendo, os clubes, entidades, escolas de samba e outros grupos foliônicos, auxiliados por Pepsi-Cola sairão às ruas da cidade para festejar o tríduo de Momo prestando, assim, sua homenagem ao rei da Galhofa (A Opinião Pública, 09/02/1957).

O apoio as duas maiores festas populares não pode ser entendida de forma despretenciosa; causar uma boa impressão no meio popular poderia ser uma excelente manobra para os fins que a empresa ambicionava.

Na busca de sucesso e ampliação dos lucros, várias empresas tentaram associar o seu nome ao futebol. Na (Fig. 13) podemos perceber a ênfase da marca sobre a surpreendente disseminação do futebol no Brasil e no fator da higiene.

Tentando pegar uma carona com o fenômeno do futebol o produto faz um apelo para que aqueles que pratiquem o esporte também tornem-se adeptos da Gillette.



Figura- 13: Gillette³⁵ e Foot-Ball

Fonte: Jornal "A Opinião Pública" de 30/12/1940.

Os produtos começam a ser direcionados especificamente para o público que assiste e joga futebol. Conforme podemos ver (Fig.14).

³⁵ A campanha da Gillette não se restringiu só ao futebol através da história de diversos esportes ela associou a sua marca. Havia também um caráter pedagógico na propaganda, pois além de divulgar práticas esportivas que contribuíam para a saúde dos adeptos, melhorando a higiene da população o produto também tinha como premissa promover uma estética mais aprazível nos homens. Para analisar as demais propagandas desse produto vinculado ao surgimento dos esportes ver: Gillette e Gymnastica (5/ 08/1940); Gillette e Box (19/ 08/ 1940)); Gillette e Volley Ball (16/09/1940); Gillette e Foot-Ball Americano (30/09/1940); Gillette e Golf (14/10/1940); Gillette e Corrida (28/10/1940); Gillette e Remo (11/11/1940); Gillette e Tênis (25/11/1940); Gillette e Polo Aquático (17/12/1940); Gillette e Esgrima (14/07/1941); Gillette e Arremesso de Peso (29/07/1941); Gillette e Natação (22/09/1941); Gillette e Jiu-Jitsu (20/10/1941) e Gillette e Basket- Ball (3/11/1941).



Figura 14- Propaganda de remédio relacionando o futebol
Fonte: Jornal "Folha do Povo" de 09/06/1938

Cabe destacar o anúncio na mídia de alguns patrocinadores³⁶ dos torneios de futebol em Pelotas. Nas competições era normal o oferecimento de taças por iniciativa dessas casas comerciais. A (Fig.15), (Fig.16), (Fig.17) e (Fig.18) mostram alguns dos patrocinadores nos eventos esportivos da cidade.



Figura 15- Propaganda de remédio.
Fonte: Jornal "A Opinião Pública de 07/11/1940".



Figura 16- Propaganda de medicamento
Fonte: Jornal "A Opinião Pública" de 09/11/1940.

³⁶ Ver por exemplo, o Torneio Taça Galenogal realizado no campo do Fiategi (A Opinião Pública, 30/01/1939).

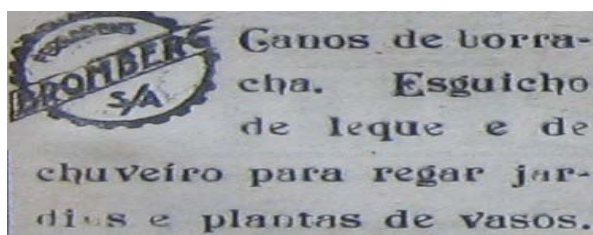


Figura 17- Anúncio em jornal.
Fonte: Jornal "A Opinião Pública" de 09/11/1940).

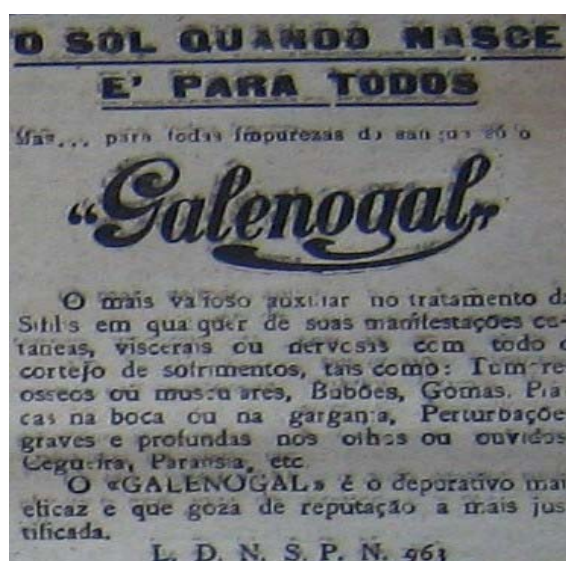


Figura 18- Anúncio de medicamento
Fonte: Jornal "A opinião Pública" de 09/11/1940).

Também remete às origens do futebol como esporte amador a utilização de termos ingleses, presentes na própria denominação das posições ocupadas pelos jogadores e na linguagem própria desse esporte.

Paulatinamente, o futebol foi sendo incorporado pela cultura brasileira, ressignificando essa prática. A improvisação foi o meio permitido aos populares para experimentarem o esporte, desde a realização da prática do futebol em locais diversos, por exemplo, praças, ruas e várzeas, até o uso da criatividade em utilizar materiais alternativos (pedras para simbolizar as traves, bolas de meia em lugar da bola oficial, etc.) e, assim, desenvolver a habilidade no jogo. De um público que, em princípio, reservou-se a espiar, aos poucos, foi se integrando às equipes e se mostrando capaz de driblar os conflitos sociais, como os referentes à participação dos negros no esporte. Foi nesta trajetória que se desenvolveu não só na comunidade pelotense, mas também na sociedade brasileira o gosto pelo futebol, o

qual, mais tarde, tornou-se o esporte mais popular, transformando-se em “mania nacional”.

Ao fazer um paralelo com o grau de profissionalismo que atingiu o futebol na contemporaneidade, percebemos que nem só de glórias foi preenchida essa concepção de esporte, mas também revelou um lado sombrio.

Um crescente número de meninos advindos de realidades sociais desoladoras, apostaram no futebol como um meio para atingir um futuro mais promissor. A divulgação pela mídia de contratos milionários envolvendo jogadores, representa, na verdade, menos de 1% dos atletas contemplados com excelentes salários. Mas é essa idéia que impulsiona milhares de crianças e adolescentes a investirem nesse esporte. Indiscutivelmente, poucos são os que conseguem ingressar em clubes maiores, mais renomados. Muitos ludibriados pela idéia de uma vida mais tranquila e digna, assinam contratos para jogar no exterior. Ao chegarem lá, se deparam com outra realidade, se vêem abandonados, sem ter a quem recorrer e impedidos de voltar ao País.

A situação descrita é de conhecimento do mundo esportivo do futebol e nos leva a refletir sobre o que acontece, também, em outros desportos, por exemplo, o boxe profissional. A condição social dos indivíduos que participam dessa modalidade é semelhante a anterior. Homens oriundos de bairros pobres e com baixa escolaridade, ingressando no esporte com a pretensão de conquistar uma vida melhor, acabam deparando-se com a exploração dos empresários, e, em particular, nesse desporto, convivem com danos irreparáveis à saúde e, por fim, se encontram frente a uma dura realidade: a de não alcançarem a expectativa desejada.

Wacquant (2000) realizou um trabalho etnográfico numa academia de boxe situada no gueto de Chicago, nos Estados Unidos, procurando explicar como os lutadores profissionais percebiam e expressavam o fato de serem “mercadorias vivas” e como reconciliavam a ferocidade da exploração, com a preservação de um senso de integridade pessoal e finalidade moral. Três termos foram elencados pelos boxeadores na forma como compreendiam o corpo: a prostituição, pelo comércio do corpo, a exploração, na medida em que o dinheiro destinava-se aos empresários e, uma pequena parte aos lutadores e, como animais, desenvolvendo uma rigorosa força física e através de dieta alimentar.

O autor constatou que o boxe representou uma rota de fuga diante do destino certo e infeliz dos desprovidos. Utilizando de observação participante e das entrevistas, a pesquisa revelou, considerando as falas dos boxeadores, a idéia de que exercendo atividades profissionais menos importantes, os homens de nível cultural inferior nunca seriam ninguém, e, esse fato, conduziria alguns indivíduos a arriscarem a própria vida em determinados esportes. Segundo Goffman (1959, apud Wacquant, 2000) o boxeador recebe: “[...] um palco onde pode afirmar seu valor moral e construir um *self* heróico e transcendente que lhe permite escapar do status de “não-pessoa” que costuma ser o destino de (sub) proletários como ele”.

[...] todo boxeador se apegava à noção autojustificadora de que ele será a exceção individual à regra coletiva: ele será aquele que vai conseguir dar a volta por cima, ir contra todas as expectativas e transgredir a lei universal da extorsão pugilística. Com base apenas na sua dedicação, vontade física e constante vigilância, ele vai conseguir “ganhar o seu” sem “se dar mal” nesse processo (WACQUANT, 2000, p.139).

Respeitando as particularidades inerentes a cada esporte, mas ao mesmo tempo comparando as duas modalidades esportivas, verificamos que o futebol também é uma espécie de palco, onde os sujeitos envolvidos procuram exibir a sua genialidade, destreza e criatividade. Da mesma forma que o ocorrido no boxe, os jogadores de futebol apostam suas expectativas nesse desporto, pretendendo um relativo sucesso, visto que, o presente de muitos desses futebolistas se mostra rodeado de obstáculos. O problema, fora a má índole de certos empresários, que também acompanham o futebol, é que, no Brasil, existem muitos gênios com a bola e, por isso, milhares de aspirantes a jogador profissional vêm-se fora das disputas e com a carreira encerrada rapidamente.

8. O Esporte Clube Fiação e Tecidos e o Sudeste Futebol Clube

Neste capítulo, procurou-se apontar para a importância do futebol no aspecto educativo na formação psico-social do imaginário de operários da indústria têxtil e de uma cooperativa de carnes, no período que compreende 1930 a 1960. Esses dois clubes foram escolhidos, dentre outros, pela razão de possuírem, até os dias de hoje, as sedes esportivas e, por continuarem, apesar das dificuldades econômicas, incentivando o futebol entre os mais jovens e mantendo o quadro de veteranos. As entrevistas que compõem o trabalho tratam da memória de operários sobre o futebol, revelando espaços de sociabilidade do bairro, e contribuem para mostrar uma geografia da cidade que nem sempre é contemplada nos estudos, além do mais, permitem reviver experiências que foram significativas na formação ética e moral dos trabalhadores.

Segundo Jesus (2002) a Inglaterra foi o berço da revolução industrial e guardou relação direta com a invenção dos esportes modernos e, o futebol, exclusivamente na sua configuração, se aproxima em vários aspectos do mundo fabril. O autor aponta para duas características que representam a industrialização e que estão presentes no futebol, tais como o trabalho em equipe, que diferencia a fábrica moderna da produção artesanal e, resultante da ação articulada coletivamente, a especialização individual. De acordo com Jesus (2002) “Um jogador de futebol assume determinadas funções relacionadas a sua posição no time e no campo de jogo, e deve nela se especializar, tal qual o operário numa linha de montagem”.

A assimilação do futebol no meio operário, ao que parece, foi rápida e progressiva, sendo comum a cada fábrica ou pequena empresa comercial, formar um time para representar o estabelecimento. Uma hipótese para a atração que o futebol despertou entre os industriais esteve associada à possibilidade de inserir nos trabalhadores o senso de coletividade, disciplina, hierarquia, competitividade e especialização. Além do mais, o esporte aproximou patrões e empregados, dando a impressão de que pelo menos nesse espaço não haveria classes antagônicas, com

interesses distintos. De acordo com Ribeiro (2005), [...] neste aspecto, o esporte cumpre com o papel de deixar as coisas muito iguais. Quando se opera sua prática, rompe-se a barreira de classe e aparece um princípio de “igualdade”, de “socialização”.

A trajetória dessas duas empresas apresenta vários pontos em comum, por exemplo, ambas auxiliaram economicamente os times, e divulgaram seus produtos através da identificação do nome da firma pelas iniciais estampadas no uniforme dos jogadores. Outra característica refere-se à prática de ensinar às novas gerações certos valores, tais como, o amor ao clube, a responsabilidade e o respeito, e, assim, garantir a continuidade do trabalho desenvolvido. Em contato com a atual diretoria do Sudeste F. C. encontramos além de alguns fundadores, filhos, netos, primos, entre outros. A (Fig.19) mostra a sede do Sudeste F.C., situada na rua Tiradentes, na Zona do Porto.



Figura 19: Sede do Sudeste Futebol Clube

Data: 10/02/2008

Fonte: do autor.

Para entender melhor o local em que se encontram as duas sedes é necessário recorrer à geografia da cidade. A Zona do Porto, nas primeiras décadas do século XX, era um espaço repleto de fábricas de médio e grande porte, era um local de inúmeras moradias de operários que residiam próximos aos seus ambientes

de trabalho. Percorrendo, hoje, esse ambiente é desolador ver as ruínas que restaram das fábricas que um dia abrigaram tantas pessoas. A permanência das entidades em uma zona considerada pobre da cidade nos conduz a pensar no empenho desses velhos operários-jogadores em não deixar com que toda a história do clube caísse no esquecimento.

Nas palavras dos funcionários que zelam pelos prédios, há um grande orgulho em dizer que a estrutura continua ali, resistindo a todas as intempéries. Através das entrevistas e conversas que mantive com os narradores do Sudeste Futebol Clube consegui compreender aquilo que Thompson (1992) escreveu, “a história oral leva os historiadores a tomarem consciência da atividade que exercem e que ela está inscrita num contexto social específico e tem implicações políticas”. Nas falas dos depoentes havia uma nítida intenção em afirmar que aquele espaço era dos funcionários, mas, também, da comunidade, servindo como um alerta para entender a dimensão que tomou aquele local, não só para os ex-operários, mas para uma parcela da população que se vê desassistida pelos órgãos públicos e cerceada de seus direitos, como, no caso, o lazer.

As sedes esportivas tiveram uma posição de destaque nesse estudo, uma vez que preconizaram um local de encontro entre amigos e empregados da Zona do Porto. Nesse sentido podemos associar esse espaço à categoria “pedaço” desenvolvida por Magnani (1998), que, segundo o autor, “designa aquele espaço intermediário entre o privado (casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”. Nesse lugar as pessoas se conhecem e sabem do que gostam, os membros se reúnem regularmente, existindo um código de reconhecimento e comunicação entre eles. São identificados pelos ‘de fora’ como sujeitos pertencentes àquele local.

Nas relações compartilhadas entre os agentes, também estão presentes conflitos, brigas e disputas. De acordo com o seu Júlio Vitória que jogou pelo Sudeste F.C e que continua participando dos encontros na sede do clube e freqüentando os jogos, não foram poucas as vezes que eles, jogadores, tiveram de retirar à força posseiros que tentaram invadir o lugar onde se realizam os jogos de

futebol. Apesar de utilizarem o campo há mais de quarenta anos, não conseguiram ainda a propriedade desse terreno.

Segundo Magnani (2002), o método etnográfico contribui para investigar a dinâmica cultural e as formas de sociabilidade no contexto urbano. Proporciona visibilidade aos arranjos feitos pelos atores sociais no espaço urbano, contrariando as análises que colocam como foco, exclusivamente, o espaço físico da cidade.

A emergência do clube de futebol da Fábrica Fiação e Tecidos não segue um consenso. Na obra de Pimentel (1940), há um registro de que em 1918, houve um quadro de futebol de empregados dessa companhia, no entanto, noutra fonte as informações divergem quanto ao ano, e apontam para 1925. Os dados tirados do jornal Opinião Pública mostram que até a década de 1940, ele era chamado FIATECI, e, também, que durante alguns anos, o clube chegou a pertencer à primeira divisão da Liga Pelotense de Futebol Amador³⁷. Por ser um clube que contava com elementos oriundos do meio operário, as notícias divulgadas pelo periódico, indicam que o quadro dos tecelões sofreu muita resistência por parte dos times já de tradição na cidade e que jogavam na série. Para se ajustar às exigências da liga os dirigentes do Fiateci investiram na construção do pavilhão e na iluminação do campo e houve uma campanha, chefiada pelos jogadores, com apelo na mídia, a fim de impedir ações que iam de encontro aos objetivos do clube.

Do esforçado desportista sr. Joaquim Assunção Avendano recebemos a seguinte carta que prazeirosamente, estampamos:

Ilmo. Sr. Cronista esportivo d' "A Opinião Pública" N/ cidade

Presado sr. tenho ouvido falar nas rodas esportivas que os clubes filiados à Liga Pelotense de Futebol iriam pleitear a condenação do campo do também filiado E. C. Fiateci, por não estar o mesmo dentro das medidas regulamentares, venho, por meio desta, solicitar a V. S. apelar para os dirigentes da L.P.F. a fim de não ser efetivada esta grande injustiça. Acredito, sr. Cronista, que realmente não está na medida, mas devemos levar em conta que, quando o E.C. Fiateci pediu, há três anos, filiação a L.P.F., foi por esta nomeada uma comissão para examinar o campo, a qual deu- o por aprovado. Não se justifica, pois, que, depois de ter disputado o campeonato por três temporadas e ter conseguido com muita dificuldade construir o seu pavilhão e iluminar o campo para jogos noturnos, veja de um momento para o outro cair por terra os sacrifícios de tanto tempo. O E.C. Fiateci é um clube pobre que tem lutado para o desenvolvimento do esporte bretão e sem ambição disputou durante três anos o campeonato da cidade. Já foi campeão de disciplina e foi elogiado no relatório

³⁷ No ano de 1936 o E.C. Fiateci ingressou na primeira divisão da Liga Pelotense de Futebol Amador, jogando com os principais e mais antigos clubes da cidade. Em 1944, o E.C. Fiateci desligou-se da competição pela razão do campo não estar em condições, isto é, não possuía as medidas de acordo com a regra. Mas, antes da retirada da liga, o jornal Opinião Pública divulgou matérias que ressaltaram a pressão exercida pelos times tradicionais ao mau desempenho do Fiateci nos jogos. Por ser um time de natureza operária, convivendo com problemas de toda ordem financeira e por não representarem nenhuma dificuldade aos adversários a campanha para a retirada dessa entidade esportiva ganhou bastante adeptos.

apresentado pelo ex-presidente da L.P.F. sr. Silvério Aleixo. Certo de ser atendido neste meu justo pedido firmo-me com elevada estima e consideração. Vosso amº crdº obrigado- Joaquim Assunção Avendano (A Opinião Pública, 14/11/1940).

Devido aos maus resultados frente aos times tradicionais de Pelotas, tais como, E. C. Pelotas e G. E. Brasil, e da desilusão diante das tentativas de retirada do Fiategi da divisão, os dirigentes se desinteressaram por realizar partidas fora de seu campo e optaram por aderir somente ao amadorismo, participando de disputas com times do futebol menor e, assim, em outubro de 1946, surgiu o Esporte Clube Fiação e Tecidos.

Sobre o histórico da Companhia Fiação e Tecidos³⁸, sabe-se que ela foi fundada em 1908, e contribuiu em grande medida para o desenvolvimento econômico de Pelotas. Localizada na região do porto, possuía um considerável complexo industrial e empregava no quadro de funcionários homens, mulheres e crianças.

Sobre o surgimento da Companhia “Fiação e Tecidos Pelotense”, Nobre (1992) elaborou um histórico da empresa, salientando que sua formação partiu de uma solução econômica. Comentário do autor:

Os navios que levavam o charque de Pelotas para o Nordeste do País retornavam vazios, tornando os custos proibitivos, pois aos índices normais somava-se o “frete morto” ou o valor dos porões não ocupados. Decidiu-se, então, que o problema estaria resolvido com a instalação de uma fiação e tecelagem de algodão em Pelotas, voltando os navios que levassem o charque ao Nordeste, carregados de algodão (NOBRE, 1992, p.15).

³⁸ Sobre a fábrica Fiação e Tecidos nos valem do trabalho de Essinger (2006), que partindo da análise do livro de registros de sócios do Sindicato de Empregados das Indústrias Fiação e Tecelagem de Pelotas, pesquisou o espaço dos operários nessa empresa. Esse trabalho contribuiu para compreender como era o controle sobre os funcionários e as condições na fábrica. De acordo com a pesquisadora: “Os operários da fábrica Fiação e Tecidos Pelotense trabalhavam de segunda à sexta das sete horas e trinta minutos às onze horas e trinta minutos e das treze horas até as dezessete horas e quarenta e cinco minutos. Aos sábados a fábrica funcionava apenas no turno da manhã” (Essinger, p.22, 2006). Nos depoimentos que a autora utilizou na pesquisa foi relatado que às sete horas ouviam-se três apitos vindos da fábrica, às sete e vinte, dois, e às sete e trinta a sirene da fábrica apitava mais uma vez, e o portão era fechado. Quem não entrasse até esse momento perdia o dia de trabalho e era descontado no final do mês. Os depoentes relataram que não havia pausas para descanso e os minutos para ir ao banheiro eram contados, duas vezes por turno, durante cinco minutos. No final de cada turno de trabalho os operários faziam fila até o portão da fábrica, onde alguns eram escolhidos para a revista. Uma funcionária verificava roupas e pertences, em busca de algum objeto ou material furtado. Sobre a salubridade no local de produção, segundo a autora, encontrava-se pó, felpas de algodão no ar, pouca iluminação, pouca ventilação, calor e barulho caracterizando o ambiente em que trabalhavam os operários da fábrica têxtil. Para saber mais, ver: ESSINGER, Cíntia Vieira. Bicho da seda: O espaço dos operários das fábricas de fiação e tecidos em Pelotas.

Uma característica da empresa, que garantiu reconhecimento pela comunidade pelotense, refere-se ao fato de fazer parte da política dos dirigentes incentivarem o hábito esportivo entre os empregados e, também, a identificação com os propósitos do amadorismo³⁹.

Sobre a prática do futebol no âmbito operário como aspecto lúdico e profissional, um paralelo que se faz com este estudo, diz respeito ao trabalho desenvolvido por Ribeiro (2005), que pesquisou o caráter mercadológico do futebol praticado na Associação Desportiva Confiança. Esse autor investigou a trajetória de um clube operário que assim como o E. C. Fiação e Tecidos também se originou da indústria têxtil; o respectivo clube pertencia à Fábrica de Tecidos Confiança que fora fundada em 1907, na cidade de Aracajú. Segundo Ribeiro (2005), o clube de futebol surgiu em 1949, passando por diversas transformações no período que segue 1949-1966, e teve muita repercussão no meio futebolístico no Estado do Sergipe. Todavia, a Associação Desportiva Confiança emergiu em 1936, oferecendo a prática de basquete e voleibol. Cabe ressaltar que o aparecimento do futebol refletiu numa perda drástica do número de adeptos e de renda dessas duas atividades.

A política dos empresários da empresa de Tecidos Confiança se resumiu em contratar os melhores jogadores de futebol do Estado, dando-lhes um trabalho de “fachada”⁴⁰ na fábrica. Sobre o poderio das equipes é importante dizer que um bom volume de capital era destinado às equipes esportivas de basquete, vôlei, atletismo e futebol. O autor verificando os jornais da cidade localizou vários “slogans”, construídos ao longo de sua história, que deram a idéia do potencial da equipe. Segundo Ribeiro (2005), a equipe de futebol esteve associada às seguintes denominações: Dragão do Bairro Industrial; Da Caverna do Bairro Industrial; ADC; o Gigante Operário; Campeão dos Campeões e, o maior destaque foi para o nome “Já Nasceu Grande”, sintetizando não só o clube no cenário esportivo, como também, vindo a marcar a posição de GRANDE.

O Esporte Clube Fiação e Tecidos, de Pelotas, também figurou na imprensa, utilizando outros apodos, tais como: Clube Industriário da Várzea, Clube Tecelão e Clube Operário. Essas denominações reforçavam o local de origem da equipe. Em

³⁹ Segundo Bourdieu, no texto “Deporte y Clase Social”, a teoria do amadorismo é uma dimensão de uma filosofia aristocrática de esporte como prática desinteressada, uma finalidade sem um fim, que afirma as virtudes varonis dos futuros líderes.

⁴⁰ Função fictícia que disfarçava a verdadeira obrigação que era a de jogar futebol.

diversas passagens nos periódicos locais, o time da empresa era mencionado como uma equipe pobre, que através do esforço lutava com seus poucos recursos para manter e melhorar seu patrimônio esportivo.

Ao que consta, foi bastante comum, desde o início do século XX, no Brasil, a prática de nomear os clubes de futebol pelos vínculos que possuíam, fossem esses distintivos sociais, para salientar uma origem elitista⁴¹, ou marcar na denominação uma homenagem a um país, ou ainda, vincular a equipe a determinadas profissões. Ainda hoje é hábito associar os clubes de futebol menor atribuindo ao mesmo nome do bairro, ou ainda, impingir nos nomes das equipes uma qualidade referente à própria condição geográfica do bairro, por exemplo, time do Alto do Morro ou time da Baixada.

As datas referentes ao 1º de maio e ao aniversário do clube de futebol do E.C. Fiação e Tecidos foram escolhidos pelos dirigentes da empresa para comunicar à imprensa a participação de festas, a realização de torneios, as freqüentes viagens, a aquisição de materiais para os quadros de futebol e as melhorias no estádio. Em diversas matérias, era enaltecida a benevolência dos industriais frente aos empregados no que tange o lazer. Sempre que possível, a origem humilde dos funcionários era ressaltada.

[...] apesar de seus apoucados recursos, a única agremiação pelotense que instalou em seu gramado, à rua Benjamin Constant, iluminação elétrica, permitindo assim treinos noturnos, dada a impossibilidade de serem os mesmos realizados de dia, pois figurando em seus quadros somente amadores, suas ocupações não lhe permitiam praticar o desporto em dias úteis como acontece nos demais filiados da LPF⁴². Além dos treinos na cancha iluminada do Fiaterci foram disputadas várias partidas amistosas, constituindo isso um fato inédito (A Opinião Pública, 30/04/1942).

⁴¹ Sobre o hábito de formação dos clubes de futebol com base na distinção social, percebemos que em Pelotas, na década de 1940, mesmo após a legitimação do profissionalismo, ainda existia a tática da exclusão do ingresso de negros nos times. Um dos clubes mais tradicionais da cidade era rotulado pelos desportistas e simpatizantes do futebol como um clube que fazia preconceito de cor. Numa das matérias divulgadas pelo jornal Opinião Pública, esse órgão pôs em destaque um apelo à diretoria do E.C. Pelotas para que se permitisse o ingresso de jogadores negros no time. No título da reportagem ficava explícito do que se tratava e a urgência para modificar a visão de certos dirigentes “Um velho preconceito que deve ser abolido”. A justificativa apresentada no pedido era a de que o que deveria ser observado eram as qualidades técnicas do atleta; também foi estabelecido uma comparação com outros times tradicionais de nível nacional, reportando aos clubes do Rio de Janeiro, tal como, o Fluminense, que também usava da prática de excluir os elementos de cor de seus quadros e, que, repensando a posição, resolveu optar por democratizar o esporte, abrindo vagas para bons jogadores, fossem eles brancos ou pretos. “Fortalecida pelo exemplo do elegante clube guanabarrino (Fluminense), é que mais se volumou uma antes pequena corrente “reformista”, pretendendo que também o nosso Veterano quebre com sua praxe abertamente, obtendo tantos craques quantos precisos sem distinções anilímicas” (A Opinião Pública, 7/10/1943).

⁴² No ano de 2007, a Liga Pelotense de Futebol, comemorou cem anos de existência na cidade de Pelotas.

Sobre as campanhas incitadas pelos dirigentes da Companhia Fiação e Tecidos a fim de desenvolver o esporte entre os trabalhadores se têm a seguinte notícia:

Campanha da garrafa vazia Pelotense amigo! Contribui com a insignificante doação de uma garrafa vazia, e estarás colaborando para a iluminação do estádio do E. C. Fiação e Tecidos, um orgulho e uma tradição no setor do esporte amadorista de tua terra (A Opinião Pública, 02/03/1959).

Essa iniciativa não envolvia somente os empregados, mas contou com a participação da comunidade que auxiliou a campanha na medida em que guardava e doava os engradados à companhia. O recolhimento das garrafas era feito por intermédio dos funcionários da indústria têxtil que passavam nas ruas para obter o material. As garrafas, posteriormente, seriam vendidas e o dinheiro revertido para iluminação do “Estádio do Umbú”⁴³, reduto do clube dos industriários. Esse tipo de ação garantia maior visibilidade à fábrica, além do que, aproximava empregadores e funcionários em torno de um único objetivo: promover um espaço de lazer mais adequado para o uso dos trabalhadores. A proposta de melhorar o campo através da solidariedade contribuiu para reforçar os laços de amizade no grupo de trabalhadores e chefes da empresa, bem como o destaque da ação na mídia, causava uma boa impressão para os pelotenses que reconheciam a nobre campanha.

Diferentemente do conjunto da Associação Desportista Confiança, de Aracajú, que pagava os atletas somente para jogar, os operários do Fiação e Tecidos eram convidados para trabalhar na fábrica, muitas vezes, devido ao desempenho em campo, contudo, desempenhavam funções na empresa. A matéria divulgada no jornal Opinião Pública, confirma que paralelo à função de jogador estava a de operário.

⁴³ No jornal Opinião Pública aparece a inauguração, no dia 1 de maio, do Estádio do Umbu, campo do E.C. Fiação e Tecidos, e, segundo consta na nota, a denominação atribuída ao estádio foi devido a existência ali, há muitos anos, de um Umbú, árvore originária e tradicional do Rio Grande. De acordo com a matéria, os quadros do Esporte Clube Fabril, da cidade de Rio Grande, foram convidados para o confronto. Para ajudar no pagamento das obras estava sendo cobrado o ingresso no valor de cinco cruzeiros. Para saber mais, ver: A Opinião Pública, 22/04/1954.

Henrique Pereira

Quando trabalhava na fabrica de tecidos, teve o valoroso player do S. C. Fiategi, Henrique Pereira, seu braço esmagado em uma machina. Transportado para a Santa Casa, foi imediatamente amputado seu braço, dado o estado em que se encontrava. Lamentamos o doloroso ocorrido com o excelente extrema esquerda do Fiategi (A Opinião Pública, 02/07/1936).

Ainda sobre o incidente ocorrido com o operário-jogador da Fábrica de Tecidos, o jornal Opinião Pública publicou:

Ainda acha-se internado no hospital da Santa Casa vítima de um doloroso accidente ocorrido na Fábrica Fiação e Tecidos Pelotense, onde trabalhava, conforme noticiamos há dias, o sr. Henrique Pereira, player do S.C. Fiategi e que vem sendo visitadíssimo, prova de quanto é estimado no seio desportivo local. A todas essas atenções que muito o penhoram, Henrique Pereira agradece por nosso intermédio, especialmente à L.P.A.D. que destacou a comissão composta dos srs. Justino Sereno Ribeiro e Silvério Aleixo, para lhe levar recursos que muito o auxiliou (A Opinião Pública, 09/07/1936).

O doloroso episódio que vitimou o jogador da fábrica também deixou transparecer a rede de solidariedade tecida entre os envolvidos com o futebol. A ajuda para com as vítimas de um acidente vinha por meio de compras de medicamentos, auxílio financeiro, assistência à família e amizade. Outro recurso destinado aos enfermos estava na promoção de torneios⁴⁴, elaborados pela própria empresa, a fim de angariar recursos que seriam oferecidos à família do doente.

Ao comparar a estrutura esportiva, o número de empregados, o espaço físico e os recursos empregados pela Fábrica de Tecidos no lazer de seus trabalhadores, ao auxílio destinado pela Cooperativa de Carnes ao Sudeste Futebol Clube, constatamos, por meio dos depoimentos, que o incentivo dessa última era bem menor. Sobre a Cooperativa de Carnes Sudeste Limitada sabe-se que foi criada na década de 1940, contando com um número bem inferior de operários e, seu fechamento, ocorreu no final da década de 1970. Os registros apontam para a

⁴⁴ O jornal Opinião Pública divulgou a seguinte nota sobre o auxílio a um enfermo: Futebol menor. Festa Esportiva. No próximo domingo, será realizada pelo Fiação e Tecidos uma festa esportiva em benefício do atleta Alberto Silva que se encontra enfermo. A referida festa constará de sete partidas[...] (A Opinião Pública, 27/12/1957). Esse mesmo atleta foi um dos depoentes desta pesquisa, no entanto, esse acontecimento não foi mencionado pelo entrevistado. Nesse caso, os silêncios são perfeitamente compreendidos na história oral, situações de sofrimento ou desentendimentos são passíveis de não serem revelados nas entrevistas, uma vez que a memória é seletiva e rememora aquilo que deseja reviver, enquanto que outras lembranças continuam guardadas. A assistência aos trabalhadores vitimados, seja por doença ou acidente, ganhou destaque positivo na mídia impressa. Isso sugere que não foi de forma despreziosa o auxílio dos patrões, constituindo-se numa outra possibilidade de melhorar, ainda mais, a imagem da fábrica perante a comunidade pelotense.

existência de um time, que levou o nome da Cooperativa, no ano de 1956, participando do Campeonato do Sesi⁴⁵. No entanto, a constituição organizada do clube ocorreu somente em 1966.

Diante da pouca existência de material vinculado ao lazer de operários em Pelotas e, mais especificamente, aos clubes de futebol, não encontramos muitos documentos sobre o assunto. Em busca de material, localizamos uma revista local, denominada Revista dos Esportes, que circulou entre 1948 e 1958, o jornal Opinião Pública, atas e estatutos dos respectivos clubes, mas principalmente, as entrevistas foram os recursos mais utilizados.

Através da história oral fomos organizando uma rede de depoentes. A solidariedade entre os sujeitos entrevistados fez com que, eles próprios, entrassem em contato uns com os outros. Num dos casos, o interesse em conceder a entrevista era tão grande, que fez com que um senhor, de quase setenta anos, jogador de futebol do Fiação e Tecidos, na década de 50 a 70, se deslocasse da sua moradia indo ao encontro da pesquisadora, munido de fotos, medalhas, faixas, recortes de jornal, flâmulas, etc. Noutro episódio, quando localizei um ex-jogador do Sudeste F. C., o mesmo, após a entrevista, me convidou para ir ao encontro de um dos fundadores e conhecer a torcedora número um⁴⁶ do clube; para minha surpresa, a família do senhor João Pedro Santos⁴⁷. quase toda participou intensamente, por, aproximadamente, trinta anos, trabalhando na entidade esportiva. Além deles, uma das filhas havia sido a primeira madrinha do Sudeste F.C. na década de 60.

O mais marcante da fala do senhor João Pedro Santos foi o carinho na forma com que se dirigia ao Sudeste Futebol Clube. De acordo com esse depoente, foi,

⁴⁵ Em 1948 o campeonato do Sesi (Serviço Social da Indústria), no seu setor esportivo desenvolveu uma competição que denominou de Olimpíadas de Confraternização Operária. Essa disputa mobilizou as indústrias do Rio Grande do Sul. As modalidades esportivas eram as seguintes: futebol, vôlei, basquete, atletismo, ping-pong, bocha, damas, entre outros.

⁴⁶ A senhora Hormandina Santos., chamada carinhosamente pelos jogadores de “mandinha” trabalhou apenas dois anos na Cooperativa de Carnes, mas o seu destaque não foi como operária, mas por sua atuação no futebol. Apesar de contar com oitenta e três anos ela ainda manifesta ardorosamente sua torcida pelo Internacional. No dia da entrevista ela expressou desejo em ver o jogo Brasil X Internacional que seria realizado em Pelotas, mas os filhos não queriam levá-la devido as suas dificuldades de locomoção. Cabe ressaltar o papel desta senhora na história do Sudeste F.C., pois, durante seis anos, antes da construção da sede do clube, foi cedido um galpão nos fundos do terreno onde morava dona H.S. para as reuniões dos jogadores.

⁴⁷ Seu João Pedro Santos é um senhor de setenta e oito anos que participou por mais de trinta anos da direção do Sudeste Futebol Clube. A entrevista foi realizada na varanda de sua casa, no dia 8/02/ 2008. Apesar de ter se afastado do clube, segundo sua filha, até hoje ele levanta bem cedo para limpar a frente da sede.

aproximadamente, trinta anos zelando pelo patrimônio da entidade, e, para ele, não havia cargo mais importante do que este, pois para manter e conquistar materiais para a sede foi preciso engajar-se numa árdua tarefa. Foram muitos dias difíceis vividos pelo clube, uma vez que a origem humilde dos integrantes os impedia de melhorar a capacidade das instalações do local e da locomoção dos quadros de futebol em retorno às visitas recebidas. Conservar tudo em ordem era um motivo de felicidade. Seu João Pedro Santos está atualmente desligado do clube, não exercendo mais nenhuma função; o motivo, segundo ele, foi devido a sua opção religiosa, virou evangélico, mas o afastamento não se deu por completo, pois, conforme o relato da filha, seu pai levanta bem cedo todos os dias, atravessa a rua e vai limpar a frente do clube do coração.

Segundo Benjamin (1994), “a arte de narrar está em vias de extinção”. O hábito de contar histórias, de ouvir e de trocar experiências está cada vez mais se extinguindo. Os meios da tecnologia têm modificado as relações humanas, tornando os sujeitos passivos diante das informações. É preciso que se repense os novos hábitos e se conceda mais atenção aos velhos, pois eles são fontes vivas, personagens históricos de épocas que não conhecemos, mas que poderemos vir a conhecer através deles.

Apesar dos documentos serem essenciais numa pesquisa, existem detalhes que não são revelados por essas fontes. Na conversa sobre a história do Sudeste F.C., que tive com o senhor João Pedro Santos uma das questões se reservou a refletir sobre o porquê das cores do clube serem verde e amarela, e, a resposta veio da seguinte forma:

A Cooperativa Sudeste de Carnes Limitada possuía fábricas em outros estados, como Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, e um dos representantes da Charque e Arroz, do Rio de Janeiro, que era presidente do Vasco da Gama. O nome dele era Ciro Aranha, em passagem por esta cidade viu que os empregados gostavam de futebol e falando com o Rudinei e o Telmo, que eram funcionários do escritório da Cooperativa, mandou como presente camisas verdes e amarelas, mandou doze camisas e uma do goleiro (Informação verbal).

Pelo relato percebemos a atuação importante dos amantes do futebol para disseminar essa prática nos mais distantes recantos. Essa experiência, que estimulou o futebol para com os empregados da cooperativa de carnes, não é privilégio somente dessa firma, muitos clubes emergiram dessa forma.

O Esporte Clube Fiação e Tecidos, como fora dito, foi fundado em 1946, manteve, segundo os antigos jogadores, as mesmas cores de quando era chamado FIATECI. Nenhum dos entrevistados soube responder qual a razão das cores que o identificam e, por ser um clube bem mais antigo, não foi encontrado nenhum dos fundadores. Fazendo uso do estatuto foi possível esclarecer algumas intenções da entidade. Os artigos 1º e 2º deixam claro a quem se destinava o clube esportivo, quais os esportes praticados pelos empregados e a posição defendida pelos dirigentes sobre a prática esportiva.

Artº.1- O E.C. Fiação e Tecidos, fundado pelos operários da Companhia de Fiação e Tecidos Pelotense, a 21 de outubro de 1946, com Sede e Foro nesta cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, onde tem sua Sede Social e praça de esportes sita a rua Garibaldi, nº 52, patrimônio da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. É uma associação para fins desportivos, promovendo a prática de futebol, voleibol, basquete, bochas, ciclismo, atletismo, pingue-pongue, futebol-de-salão, damas, xadrez, e outros esportes que venham a surgirem, sempre tendo em vista amparar e incentivar o desenvolvimento do amadorismo. Artº.2-O pavilhão do clube é um retângulo branco, tendo ao centro- um escudo com as cores, encarnada, verde, amarelo, azul, e as iniciais- E.C.F.T. a) – Só poderão integrar as equipes representativas deste clube, os empregados da Companhia de Fiação e Tecidos Pelotense (Estatuto do Clube Fiação e Tecidos, out. 1946).

O Esporte Clube Fiação e Tecidos, apesar das dificuldades financeiras enfrentadas e, após, o fechamento da empresa, em 1974⁴⁸, permaneceu em atividade e, recentemente, comemorou os sessenta anos de existência. A (Fig.20) mostra a nova sede, adquirida na década de 1980, após a falência da fábrica Fiação e Tecidos.

⁴⁸ Sobre o fechamento da Fábrica Fiação e Tecidos em 1974, a idéia que se está trabalhando parte da versão de um dos depoentes, o senhor Danilo Plá, um dos últimos funcionários a permanecer na fábrica, que vivenciou todo o processo até o momento de ser declarada a falência. Segundo ele, a década de 1970, foi um período de transformações para as indústrias que trabalhavam com tecidos, pois o algodão estava perdendo terreno para o tergal. Então, os patrões do Fiação e Tecidos também resolveram trabalhar com esse fio e adaptaram as máquinas para a sua fabricação. O fio do tergal era trazido de navio de São Paulo, da indústria Brasilana, e de Minas Gerais, da Lutfala, mas, somente o excesso era mandado para cá. Devido ao êxito na venda da fazenda, a Fiação e Tecidos começou a interferir na área de venda da Brasilana e da Lutfala que pararam de mandar o produto. Sem a matéria prima e afastada do mercado do algodão não lhes restou alternativa, a não ser a de decretar o encerramento das atividades.



Figura 20: Atual sede do E. C. Fiação e Tecidos.

Data: 10/02/2008

Fonte: do autor.

Em conversa informal com o atual presidente do clube e com o sobrinho de um ex-presidente, o senhor. Raimundo, figura de relevância no futebol da fábrica, o qual esteve à frente da entidade exercendo várias funções, ambos relataram ter sido o clube conhecido como FIATECI. Foi mencionado que nesse time, havia jogadores, funcionários da fábrica, mas também existiram indivíduos não pertencentes ao local de trabalho. Tal fator gerou brigas e descontentamento e desencadeou a opção por criar uma norma que reservava o uso da entidade apenas aos empregados.

O trabalho de Antunes (1992), sobre o futebol operário em São Paulo contribuiu em grande medida para a realização desta pesquisa. A autora parte da premissa de que o futebol de fábrica tenha sido criado por iniciativa dos operários, com o objetivo de propiciar a prática desportiva enquanto passatempo, mas, aos poucos, outros interesses cercaram suas atividades. Do ponto de vista dos empresários, as vantagens do envolvimento dos funcionários com o futebol refletiam o grau de controle e disciplina sobre o tempo livre dos trabalhadores. Além disso, funcionava como vitrine da empresa, com a publicidade dos produtos, e atribuía à indústria uma imagem positiva, demonstrando preocupação com o fortalecimento físico, o divertimento de seus trabalhadores, ajudando a criar um elo entre os patrões e os empregados, que, juntos, formavam uma “grande família”. Para os jogadores, de acordo com o desempenho no esporte, poderia ser favorecida sua

mobilidade no interior da própria fábrica, promovendo-os a funções mais leves ou melhor remuneradas.

O procedimento da fábrica Fiação e Tecidos Pelotense acerca das intenções e dos benefícios àqueles que jogassem, assemelhou-se à prática das indústrias de São Paulo. Ao se observar as matérias divulgadas pela imprensa sobre as conquistas obtidas pelo grupo da fábrica, o Esporte Clube Fiação e Tecidos, torna-se evidente a recorrência à propaganda voltada aos produtos feitos no local e atrelados às participações dos quadros de futebol. O contato, por meio de depoimentos, com os sujeitos participantes das equipes de futebol na década de 1950, trouxe à tona algumas regalias obtidas pelos operários-jogadores.

A fala do senhor Danilo Plá⁴⁹, que jogou futebol de campo e de salão pela firma, além de ter participado de outras modalidades esportivas, apresentou a seguinte versão: “[...] aquele jogador que trabalhava na firma, o serviço dele já podia imaginar que era serviço leve; para no bruto ele não trabalhar”. E, ao ser questionado sobre como os operários recebiam o convite para ingressarem nos quadros de futebol, o depoente afirmou:

Por exemplo, o que acontecia era o seguinte: eles sabiam que tinha uma lei, todo o jogador que jogava no Fiação tinha que trabalhar na fábrica, se não fosse empregado da companhia não trabalhava, não jogava. Então eles iam na base. Assim, o jogador que despontava, que estava jogando bem, eles convidavam para jogar lá, davam o serviço para ele, encaixavam-no. (Informação Verbal).

Era um hábito comum dos dirigentes da fábrica, responsáveis pelo departamento de esportes, freqüentarem partidas de bairros a fim de descobrir novos talentos. Ao constatar o nível técnico e físico, era feito o convite para trabalhar na empresa, bem como integrar a equipe de futebol. A razão mostra-se óbvia, a de assegurar um nível competitivo dos quadros. Muitos homens receberam propostas de emprego devido às qualidades no campo, mas também era freqüente utilizarem funcionários da firma com vistas a fazer parte dos quadros de futebol.

O entrevistado, o senhor Danilo Plá, revelou não haver nenhum tipo de pagamento aos jogadores, mas os que se destacavam no futebol iriam ocupar

⁴⁹ A entrevista com seu Danilo Plá se realizou na residência da pesquisadora em maio de 2007. Naquela época ele contava com sessenta e sete anos. No dia da entrevista ele levou várias fotos, recorte de jornais, a flâmula do Esporte Clube Fiação e Tecidos, faixas de campeonatos e medalhas.

postos de trabalhos mais leves e obedeceriam a um horário mais flexível. O tempo da jornada de trabalho era reduzido para aqueles que defendiam a empresa nos campos, pois era preciso se submeter aos treinos, principalmente, antes do início de alguma competição importante.

Outro aspecto levantado refere-se a uma das competições tradicionais na qual o clube da indústria têxtil participava na década de 1950. O senhor J. A. S⁵⁰. deu ênfase a existência de três quadros de futebol de campo: a equipe A, a equipe B e a equipe C, que disputavam entre si para representar a fábrica nos campeonatos do SESI e da cidade.

Nós tínhamos assim... Era tipo de uma seleção que eles faziam; porque tinha três equipes: A, B e C. Automaticamente aqueles mais qualificados saíam para A. Então faziam a seleção. Se aquele que vinha da C, passava pra B e o da B passava pra A ou então escolhiam um, como eu que fui um dos privilegiados que foram me buscar já para entrar na A. Porque às vezes no treino de equipe, de um contra o outro, existia uma rixa muito grande. Porque a equipe B era uma equipe muito qualificada, porque um que jogasse na B, jogava na equipe de qualquer um. Então, para “avatá” que um ano pelo campeonato do SESI, que era o campeonato das firmas, então, o Fiação entrava com o time A e o B e como o campeonato era em chaves caía um contra o outro. E o A ganhou e o B também ganhou a chave dele. Então chegou no final que haveria a disputa, mas só nesse ano, porque nos outros anos os diretores disseram: pega os pontos e entrega para o A e vocês saem fora. Se nós passarmos vocês vão viajar tudo junto. E esse ano a B não quis (Informação Verbal).

Esse depoimento indica que a suposta “liberdade” dos trabalhadores em se organizar numa atividade de lazer, convivia, lado a lado, com a hierarquia, a qual concentrou poderes na figura dos diretores, e a estes cabia o direito de decidir sobre as atividades da associação. Apesar disso, os jogadores não apenas obedeciam as ordens, mas também manifestavam suas posições e, por vezes, resistiram a certas decisões.

A existência de várias equipes de futebol pertencentes a uma única empresa não era um fato incomum. Era comum, também, a realização de excursões para o encontro dos quadros de futebol da matriz de uma fábrica com suas filiais. No jornal “A Opinião Pública”, encontramos várias matérias que noticiaram a ocorrência de partidas de futebol entre diferentes sessões de uma mesma fábrica.

⁵⁰ O senhor J. A.S. foi funcionário e um dos bons jogadores do E.C.Fiação e Tecidos nas décadas de 1950 a 1970. O encontro para a entrevista foi realizado na sua moradia em nov.de 2006.

Interessante torneio entre os funcionários de diversas seções do Frigorífico Anglo no campo do Fiategi que será assim organizado:

1ª partida as 8:00- Matança X Mecânica; 2ª partida as 8, 40 horas- Rotulagem X Descarniação; 3ª as 9, 20 horas- Conserva X Escritório Geral; 4ª partida as 10,00 horas- Latoaria X Almox- Guardas; 5ª partida as 10, 40 horas- Chaparia X Serviço Geral(A Opinião Pública, 1/11/ 1944).

Os textos enviados aos jornais mostravam uma relação fraterna entre os times de fábrica e de bairro⁵¹ que era também conhecido pela alcunha de futebol menor. Era uma prática freqüente o de emprestar o campo para a realização de partidas entre times de diferentes empresas, auxiliando as equipes que promoviam torneios em benefício dos próprios cofres. Outro dado interessante refere-se ao apoio mútuo entre as grandes festas populares, o futebol e o carnaval. Diversas manchetes mostraram a influência dos clubes de futebol na realização de torneios que tinham como premissa contribuir com os blocos carnavalescos.

Tarde Esportiva No gramado do Fiategi em benefício do bloco carnavalesco Camelo

Domingo, no gramado do Fiategi terá lugar uma interessante tarde esportiva promovida pelo tradicional Bloco Carnavalesco Camelo, em benefício de seus cofres sociais. O festivo bloco carnavalesco camelo constará de duas importantes pugnas futebolísticas, dos quais participarão quatro categorizados conjuntos do futebol amador. A primeira parte do programa será cumprida pelas equipes do Marechal Floriano F.C. que se defrontará com o Aurora F.C., em disputa de um troféu, ofertado pela firma Azevedo Bento & Cia. A segunda parte, constará de outra interessante partida de futebol que será disputada entre as equipes do E.C. América do Sul e do E.C. Fiategi. O prêmio para o vencedor desse embate será conferido pela Drogaria Knutz (A Opinião Pública, 15/06/ 1948).

Uma possível razão que responde o elo futebol-carnaval está na origem humilde dos clubes e blocos. Assim como as equipes de futebol enfrentaram sérias dificuldades financeiras para obter a condição de praticar o esporte, tendo em vista, os elevados preços dos uniformes e chuteiras, necessitando, portanto, da ajuda de outras entidades, também os blocos carnavalescos, por não disporem de recursos, tinham problemas para confeccionar fantasias e adereços, contando com o auxílio de terceiros.

⁵¹ Como exemplo, podemos citar um apelo do clube Internacional F.C., fundado em 1936, na cidade de Pelotas, ao mundo desportivo local, no sentido de pedir por meio de contribuição o auxílio para adquirir o fardamento para o quadro. Para saber mais, ver: A Opinião Pública, 5/12/1936.

A natureza das associações esportivas e carnavalescas investigadas nesse estudo tinham em comum o público participante, na maioria composto de trabalhadores; outro elemento que atingiu a ambas se reservou a convivência com sérios problemas de ordem econômica, pois, os integrantes não dispunham de grandes somas para investir em atividades que não fossem àquelas destinadas à manutenção familiar. Mas, contudo, visando superar essas adversidades, a união de esforços, em alguns casos, mediante a constituição de parcerias carnaval-futebol, permitiu que ambas pudessem realizar suas festas e levar alegria aos expectadores e, de certa maneira, as duas, em períodos de tempo diferentes, igualavam pobres e ricos numa mesma atividade.

O Estatuto do Esporte Clube Fiação e Tecidos fixava como amadorismo o futebol praticado pela empresa, contudo, de acordo com os relatos, era visto como um time semi-profissional, pois o comprometimento com o desempenho e o resultado era indiscutível. Havia uma gama de pessoas que cuidavam da saúde e do condicionamento dos atletas com o intuito de que os jogadores mantivessem uma boa campanha nas competições disputadas. Massagista, médico e enfermeira foram alguns profissionais citados, mas também podemos considerar as funções de olheiro que eram atribuídas aos dirigentes da fábrica que se ocupavam em observar e trazer às equipes os escolhidos que sobressaíam nos campos de várzea. O relato do senhor Danilo Plá dá um panorama da estrutura e da organização do espaço esportivo que era utilizado pelos jogadores e funcionários.

Nós tínhamos massagista, nós tínhamos de tudo, o fardamento que “era brincadeira”, cada um tinha a sua chuteira. A única coisa que se misturava era calção e meia. Hoje já não se mistura, hoje cada um tem o seu. Naquela época não, mas eu, por exemplo, chegava a ter dois ou três pares de chuteira. Tinha os tamancos, quando eu ia tomar banho era cinco, seis chuveiros quentes. Era massagem. A gente tinha um açúcar, tipo uma glicose que a gente comia uma colher antes de cada jogo e também tinha oxigênio. A gente terminava o primeiro tempo tinham seis tubos de oxigênio ali, a gente respirava um pouco naqueles tubos. O Fiação e Tecidos era quase como um profissionalismo (Informação Verbal).

O enaltecer sobre o fardamento mostrou-se relevante nos dois depoimentos realizados com os funcionários do Fiação, considerando que a roupa esportiva era encomendada de uma loja de São Paulo, a Casa Fucks, e, por ser um material caro, distante da realidade dos operários, ela exerceu lugar especial na memória dos jogadores.

As imagens apresentadas pelos narradores do Sudeste Futebol Clube, deram ênfase a outro acessório, a chuteira, e, inclusive, ela serviu como parâmetro, espécie de marco temporal, que distinguiu o período em que jogavam descalços nos campos, que segundo o senhor Júlio Vitória⁵² e o senhor Dorni Vitória, foram 48 jogos de pé no chão, até, posteriormente, quando conseguiram comprar a primeira botina. A (Fig.21) apresenta o primeiro jogo com um artigo considerado de luxo para os jogadores do Sudeste F.C.



Figura 21: Início do uso de chuteiras pelo Sudeste F.C
Sudeste Futebol Clube X Guabiroba
À esquerda o jogador Júlio Vitória e à direita seu irmão Dorni
Data: 1964
Fonte: Arquivo pessoal de fotos do senhor Júlio Vitória.

Outro paralelo relaciona-se aos elementos da direção dos departamentos do Esporte Clube Fiação e Tecidos. Apesar de o clube pertencer aos operários, os postos de comando eram representados por indivíduos de extrema confiança dos

⁵² O senhor. JúlioVitória. tem sessenta e cinco anos, jogou e trabalhou na Cooperativa Sudeste de Carnes por treze anos. Esse depoente foi bastante importante, pois ele me apresentou e convenceu várias pessoas a conversarem sobre a trajetória do Sudeste Futebol Clube. A entrevista ocorreu no dia 8/02/2008 na frente de sua casa.

patrões, normalmente um chefe de sessão. Nas excursões realizadas fora da localidade, a companhia desses dirigentes era constante.

Excursionou a Arroio Grande o FIATECI

Conforme antecipamos há dias, excursionou domingo último a Arroio Grande o esquadrão de Amadores do Fiategi que ali enfrentou o aguerrido time de Arroio Grande Futebol Clube. A delegação do Fiategi foi integrada por: Francisco Vera Cruz, director-técnico; Pedro Plá, adjunto; Orlando Lopes, massagista; Joaquim Costa e Alcides Bueno, vice-presidente (A Opinião Pública, 11/07/1946).

Comparando ao Sudeste F.C., os depoentes fizeram menção a figuras importantes da Cooperativa, enaltecendo a lembrança do Sr. Vitor Murgue e do Sr. Hugo Xavier, que colaboraram com os certames, fornecendo carne para as festas; mas, em relação aos cargos, eram ocupados, eminentemente, pelos jogadores-operários.

Uma das maneiras de se destacar a influência dos empregadores no meio esportivo dizia respeito à concessão de títulos de beneméritos, essa homenagem também era extensiva aos jogadores, mas ficava restrito a um pequeno grupo.

Na matéria do jornal “A Opinião Pública”, o destaque recai sobre a comemoração dos quatorze anos de fundação do E. C. Fiação e Tecidos e a inauguração de fotografias de jogadores.

Para comemorar o 14º aniversário de fundação do E. C. Fiação e Tecidos, programou uma solenidade para o dia 21, em sua sede social na rua Garibaldi, quando serão inaugurados as seguintes molduras com retratos de homenageados , sr. Lamartine Mendes da Silva, como o mais laureado atleta do clube, por disciplina e dedicação dos atletas Lauro Spilman e Júlio Leite Ribeiro e da equipe campeã estadual da 3ª categoria de amadores (A Opinião Pública, 20/10/1960).

Mas ser digno dessa homenagem era exclusividade de poucos. Para ter a imagem fixada na galeria, próximo às fotos dos beneméritos da empresa, era necessária uma longa trajetória no clube e ter contribuído bastante para o sucesso da sociedade esportiva. O senhor Danilo Plá que jogou pelo Fiação, de 1950 até 1970, atuando também na equipe dos veteranos, em 1976, ao falar sobre o patrimônio do clube deu destaque aos troféus, que, segundo ele, somavam mais de trezentas taças e, também, mencionou os quadros com as fotos dos jogadores que foram campeões nos campeonatos do SESI, da Várzea e da Cidade.

Ah! As fotos! As fotos dos jogadores. E todos os jogadores que, por exemplo, jogaram 15 anos no Fiação e Tecidos- eu não tive esse privilégio, eu não cheguei a entrar nessa- mas eles tinham a galeria de honra, os presidentes... E tinha uma galeria que era só pra os jogadores. E tinha um concunhado, o falecido Lamartine, ele tinha a foto dele na galeria de honra no Fiação e Tecidos, ele e uma turma grande que jogaram mais de dez anos no Fiação (Informação Verbal).

O futebol era encarado com muita seriedade no E. C. Fiação e Tecidos. Além dos cuidados com a saúde dos atletas, havia a rotinização de treinos, que de acordo com o senhor J. A. S., ex-jogador, era realizado uma hora antes do apito da entrada na fábrica, sempre nas terças e quintas, com direito a treinador e massagista. O jornal Opinião Pública trazia manchetes participando, de “match-treinos” entre o E. C. Fiação e Tecidos e os times da série “A” da Liga Pelotense de Futebol Amador, esses jogos tinham a finalidade de preparar a equipe fisicamente e deixá-la mais competitiva.

Para o quadro do Sudeste F.C. a concepção de esporte era diferente. O depoimento de seu Flávio Santos⁵³ frisou que o futebol era atividade física, amizade, realização pessoal, fazer o que se gosta de fazer, não sendo tão importante participar de campeonatos. Complementando o que foi dito, outro jogador e operário da Cooperativa de Carnes, o senhor Júlio Vitória, também se manifestou sobre a importância do futebol nas suas vidas.

A importância é que nos dava um lazer muito bom, reunião de grupo, nós éramos tudo, uma irmandade, éramos como irmãos e, geralmente, noventa por cento da firma, noventa por cento dos jogadores eram funcionários da firma. Cobia gozação na segunda-feira se a gente ganhasse, se a gente perdesse, cobia gozo igual: “olha a ruindade aí”. Era uma diversão (Informação Verbal).

Ao ser questionado do porquê da equipe do Sudeste F.C. não participar de campeonatos, ele respondeu que essas competições exigiam seriedade, compromisso, responsabilidade, e eles jogavam por esporte, para defender a turma.

Apesar das diferenças explícitas entre uma concepção de futebol com um caráter semi-profissional e outro mais amador, visando ao entretenimento, esse esporte cumpriu com a função de domesticar os jogadores; pois, para adentrar e

⁵³ O senhor Flávio Santos é sobrinho do senhor João Pedro Santos. Ele tem sessenta e dois anos e trabalhou durante dezessete anos na Cooperativa Sudeste de Carnes. Até hoje atua como dirigente no Sudeste F. C. Participa do clube desde sua fundação. Como é de praxe as gerações mais novas ingressarem no clube seu filho agora faz parte da diretoria.

permanecer nas equipes, o caráter e a conduta deveriam ser irrepreensível, uma vez que, os onze jogadores estariam projetando o nome da empresa.

No entanto, o futebol não se resumiu a uma prática disciplinadora, por meio desse esporte laços de amizade foram se estreitando, valores foram sendo consolidados, tal como a formação do caráter. A solidariedade era um ato comum entre o grupo, que em qualquer momento poderia contar com a ajuda do outro. Cabe fazer outra observação quanto a uma das melhores recompensas conferidas aos jogadores, no que tange ao respeito e a admiração sentida e manifestada por aqueles que se diziam torcedores. Pertencer a um grupo seleto de atletas permitiu desfrutar de certo prestígio no interior da fábrica.

Segundo Josso (2004, p.48), as experiências ocupam um lugar principal na formação, pois por meio delas as nossas identidades e subjetividades se formam e se transformam. A autora comenta que as experiências são produzidas em locais variados, não ficando restritas somente ao espaço escolar. Ela reforça que para a vivência chegar ao status de experiência isso se dá ... a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.

Ter feito parte de um quadro de futebol de fábrica, por vários anos, defrontando-se com inúmeras situações, algumas boas e outras ruins, mantendo e ampliando o círculo de amizades, além de manter vivo o vínculo com o esporte, mesmo que há décadas os operários-jogadores já estivessem desligados das respectivas empresas, exerceu grande significado para os sujeitos investigados. Todas essas particularidades experimentadas com o futebol foram, no que pude perceber, fundamentais para compreender em que esses sujeitos se transformaram.

A posição que os atletas ocupavam no time da empresa acabava servindo como uma referência e uma fonte de comentários para os colegas e torcedores. Um sujeito que defendia uma equipe de futebol não permanecia no anonimato, o brilhantismo ou, por outro lado, a ineficiência numa partida, enfim, sua atuação contra uma equipe adversária, era o assunto preferido das conversas. Além do mais, ocupar essa posição era um desejo de muitos e, na busca por conquistar esse lugar, a garotada do bairro treinava para um dia vir a compor o quadro.

Pelo Estatuto do Esporte Clube Fiação e Tecidos alguns pontos confirmam a centralidade das decisões nas mãos dos funcionários do alto escalão da firma. Em se tratando do patrimônio, da sede esportiva e dos materiais, em caso de dissolução da associação, todos os bens reverteriam à Companhia. No capítulo sobre os deveres dos sócios é explícita esta norma: “acatar e respeitar a presente lei e o regulamento interno, bem como as decisões dos órgãos dirigentes do clube e das entidades superiores a que estiver filiado”. A lisura e a compostura devem fazer parte dos integrantes da delegação de atletas e estes devem competir e representar o E. C. Fiação e Tecidos.

Após o fechamento da empresa, o patrimônio esportivo retornou à posse dos donos da companhia, e os antigos funcionários que jogaram pelos times do Fiação perderam o acesso ao campo e a sede, bem como, viram os objetos conquistados, tais como, taças, troféus, quadros e fotos perdidos. Na década de 1980, com empenho de um vereador, o senhor Raimundo Vieira da Cunha, que durante muitos anos foi presidente do E.C.Fiação e Tecidos foi conquistada uma nova sede, conforme aparece numa das imagens presentes no texto.

A história para os jogadores do Sudeste F.C. tomou outro rumo, mesmo com o encerramento das atividades na Cooperativa Sudeste de Carnes, os funcionários compraram o terreno, com empréstimos realizados com os próprios donos da cooperativa e, assim, construíram a sede. O local existe até hoje e continua sendo utilizado por parentes dos fundadores e por jovens da Zona do Porto.

9. Considerações Finais

As indústrias têxteis em Pelotas, assim como, em outras cidades, tais como São Paulo e Rio de Janeiro, apresentaram um pioneirismo no oferecimento de práticas esportivas, especialmente o futebol, como uma forma pedagógica de disciplinamento e controle social. Muitos dos técnicos e engenheiros que divulgaram esse esporte nos seus locais de trabalho eram de origem européia ou inglesa, e ensinavam o futebol, aos operários brasileiros, para ter com quem jogar. Mas essa experiência foi assimilada e desenvolvida por indústrias de outros ramos que, igualmente, ofereceram a prática esportiva aos trabalhadores, construindo aparatos, bem como adquirindo materiais esportivos e contratando profissionais para gerirem o lazer esportivo dos funcionários.

O futebol apresentou-se como um importante instrumento pedagógico para desenvolver valores, inculcar normas e regular comportamentos. Pelos motivos expostos, foi objeto de disputa entre as correntes ideológicas e alvo de interesse dos industrialistas.

As diversas fontes consultadas, tais como: fotos, documentos, estatuto, revistas e depoimentos foram de grande valia para fazer uma aproximação com a realidade. Em diversos momentos um material complementou o outro, foi o caso, por exemplo, do uso das imagens e dos depoimentos. As fotos auxiliaram os sujeitos na rememoração dos acontecimentos e preservaram detalhes que a memória seletiva não consegue guardar. O aporte iconográfico despertou sentimentos, levando as lágrimas os velhos companheiros de futebol, talvez, pela saudade da perda de um amigo ou pela ausência ou diminuição dos encontros com o grupo de amigos que outrora estava completo.

A cidade de Pelotas também foi cortada pelos espaços de lazer. Nos bairros havia muitos locais destinados ao futebol que contribuíram para aproximar os moradores. Além do mais, essa prática desenvolveu outras potencialidades como a solidariedade, a amizade e os conhecimentos compartilhados entre eles. Era comum a participação dos chefes das repartições das fábricas assistirem jogos nos campos improvisados e, ao presenciarem um jogador com habilidade, faziam uma proposta

de trabalho, mas impondo uma condição: que o sujeito fosse integrar as equipes de futebol da indústria.

Um outro caminho que esse estudo trilhou foi o de trabalhar com as memórias dos antigos operários-jogadores sobre o futebol. Uma das constatações diz respeito ao entrelaçamento: lazer, trabalho e vida cotidiana de cada narrador. Foram expostos nas falas dos entrevistados muitos detalhes sobre os materiais esportivos e as instalações que existiam, em abundância, na empresa têxtil, tais como, o vestiário com acomodações próprias para os uniformes, os muitos chuveiros e os vários fardamentos completos. Esses objetos causaram fascínio nos homens comuns, uma vez que, no seu dia-a-dia não possuíam essas facilidades nos lares e nos jogos improvisados.

Ao realizar uma leitura dos depoimentos, sobre a forma como lembravam do futebol, percebe-se que ficou na memória aquilo que significou. Alguns exemplos dessas lembranças apareceram, quando os informantes narraram as principais conquistas, as inesquecíveis viagens e os confortáveis hotéis em que se instalaram, os quais, sem o patrocínio, dificilmente fariam parte da realidade dos trabalhadores. Parece, portanto, que o futebol possibilitou o alargamento das fronteiras do mundo do jogador-operário.

Outro aspecto que foi enaltecido e que perdurou até os dias de hoje, mesmo após o fechamento das fábricas, diz respeito aos laços de amizade que, em alguns casos, foi mais uma possibilidade de conquistar um novo emprego. As belas atuações no gramado permaneceram na memória dos simpatizantes, e, ao terem conhecimento de algum momento conturbado na vida desses operários-jogadores, como, no caso, um desemprego, estendiam ofertas para contratar esses profissionais. As redes de sociabilidade construídas através do futebol foram destacadas pela importância que tiveram no meio dos jogadores-operários, pois, algumas amizades tecidas dentro do campo continuaram por toda a vida e vieram, inclusive, auxiliar na solução de determinadas crises, tais como: separação, perda de um ente, depressão, desemprego, entre outros.

A função de jogar em defesa de um time de fábrica deixou em evidência o operário, e ao mesmo tempo que despertou inveja em alguns, também gerou reconhecimento e admiração de muitas pessoas. O destaque que a posição de

jogador proporcionou, permitiu aos atletas muitos encontros, vários namoros com as operárias e, desses relacionamentos saíram alguns casamentos.

Nos relatos dos jogadores do E.C. Fiação e Tecidos foi mencionado, com certo arrependimento, que a família, muitas vezes, ficou em segundo plano, devido a dinâmica da participação nos campeonatos, cabendo as esposas um duplo papel: o de ser pai e mãe. Mesmo assim, as mulheres aceitavam e até acompanhavam alguns jogos. Em relação a participação efetiva das mulheres no clube de futebol se reservou a funções secundárias, no entanto, também importantes: representando o time como madrinhas das equipes, cuidando do material esportivo e auxiliando na organização das festas. Ao que parece, o mais penoso foi rememorar as perdas dos companheiros e refletir que alguns dos grandes amigos, por terem se entregado à bebida, viviam em condições precárias.

A idéia geral que passam é aquela de que o jogador que não conseguiu ser profissional se conformava em jogar pela fábrica, mas essa lógica não teve respaldo nas entrevistas. Os depoentes lembraram de muitos jogadores que foram contratados ainda novos para trabalhar e jogar pela empresa, devido ao excelente desempenho no campo, tendo recebido diversas propostas para se profissionalizar, contudo, abdicaram dessa oferta. Um dos depoentes foi mencionado como um dos melhores jogadores de futebol de Pelotas, com futuro brilhante, mas que não demonstrou nenhum interesse em se dedicar apenas ao jogo. Naquele tempo, o jogador de futebol não recebia somas tão altas como hoje e havia uma desconfiança dos trabalhadores em viver unicamente dessa fonte. A preocupação era a de que após alguns anos, quando o corpo estivesse cansado e outros jogadores brilhantes aparecessem, o que restaria a um jogador em final de carreira?

Segundo os entrevistados o mais sensato seria fazer o que se gosta, no caso, jogar futebol, no entanto contar com recursos provenientes de um trabalho.

A experiência do futebol na vida dos depoentes ao que tudo indica foi bastante significativa. Manter sedes esportivas de origem operária, não contando com nenhuma verba proveniente de algum órgão é extremamente difícil, agravando-se, ainda mais, pelo fato de saber que a especulação imobiliária ronda constantemente esses espaços. Alguns dos velhos jogadores-operários ainda estão à frente desses locais, cuidando da organização, estimulando os mais jovens que se interessam pelo esporte, relatando histórias, mantendo o patrimônio do clube e resistindo a todas as adversidades: a velhice, o cansaço, as dores e o descaso

público com o trabalhador e o pobre. Permanecer em atividade nessas associações esportivas é manter-se vivo, continuar acreditando e defendendo certos ideais, como o de estender o acesso ao lazer também ao trabalhador, em locais próximos às suas moradias. O contato com os mais jovens e o respeito desses com os experientes senhores proporciona aos mais idosos uma revigoração, auxiliando, também, numa melhor saúde mental e social.

Este trabalho, portanto, se fundamenta no âmbito educacional na medida em que, o futebol, além de ter servido como instrumento pedagógico de controle, punição e premiação, exerceu, principalmente, um lugar especial na formação dos sujeitos, no que eles se constituíram, pelas experiências significativas vivenciadas e nas transformações decorrentes nas subjetividades, que afetam, até hoje, os participantes dos clubes: Esporte Clube Fiação e Tecidos e o Sudeste Futebol Clube.

10. Referências

AFONSO, A.J. **“Sociologia da educação não-escolar: reactualizar um objeto ou construir uma nova problemática”?** In: A.J. Esteves, A sociologia na escola- Professores, educação e desenvolvimento, Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Afrontamento, 1989, pp.81-96.

ALVES, Eliseu de Mello. **A História do Futebol em Pelotas (1901-1941)**. Pelotas: Mundial, 1984.

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos Pelados X Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas(década de 1930 a 1960)**. 2003. 338f. Tese(Doutorado em História da Educação)- Faculdade de Educação.

Gymnasio Pelotense e Maçonaria: Uma face da História da Educação em Pelotas. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Porto Alegre, 1996.

ANTONACCI, Maria Antonieta. In: Atravessando o Atlântico: Memórias de imigrantes espanholas no fazer-se de São Paulo. **Trajeto**s, Fortaleza, v. 1, n. 2, p.131-163, 2002.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de Fábrica em São Paulo**. São Paulo, dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Ed.da UFPR, 2000.

ARAVANIS, Evangelia. **O corpo em evidência nas lutas dos operários gaúchos(1890 à 1917)**. Porto Alegre. Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas no programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

BARRETO, Alvaro. **Levantamento Histórico dos 60 anos do Círculo Operário Pelotense (1932-1992)**. Pelotas, 1992.

_____. **As propostas e contradições do movimento circulista no Brasil dos anos 1932/1945.** Pelotas, 1992.

BATALHA, Cláudio H. M.; FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando Teixeira. **Culturas de Classe: Identidade e Diversidade na formação do operariado.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

BAVCAR, Eugen. **O ponto zero da fotografia.** Rio de Janeiro, 2000.

BEAL, Mariza. **A presença alemã na cidade de Rio Grande.** Pelotas. Monografia. Especialização em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** Brasiliense.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800.** Trad.: Denise Bottmann. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CALDAS, Waldenyr. **Aspectos Sociopolíticos do Futebol Brasileiro.** Revista Dossiê Futebol. São Paulo: USP, n.22, p. 41-49, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 2ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil.** Editora: Brasiliense, 1986.

CORRÊA, Norma Elisabeth Pereira. **Os libertários e a Educação no Rio Grande do Sul(1895-1926).** Porto Alegre, dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987.

COSTA, Marisa Vorraber(org.). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** 2ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CUNHA, Aline Nunes da. **Um estudo genealógico dos clubes de remo em Pelotas: Regatas Pelotense e Náutico Gaúcho**. Pelotas. Artigo da Especialização. Faculdade de História, UFPEL, 2004.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. In: Antropologia do Óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Dossiê Futebol**, São Paulo, USP, n.22, p.10-17, 1994.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

_____ Futebol e Estética. **São Paulo em Perspectiva**, 2001. p. 82-91.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura, Educação Física e Futebol**. 3 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2006.

ELIAS, Norbert. A busca da excitação. In: **A gênese do desporto: um problema sociológico**. Lisboa: Difel, 1992.

_____ **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESSINGER, Cíntia Vieira. **Bicho da Seda: O espaço dos operários das fábricas de fiação e tecidos em Pelotas**. Pelotas. Artigo da Especialização. Instituto de Ciências Humanas, UFPEL, 2006.

ETIENNE, Samain. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

FABRIS, Annateresa(org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

FERNANDES, Renata S.; PARK, Margareth B.; VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (orgs.). **Educação Não- Formal: Cenários da Criação**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, Centro de Memória, 2001.

FERREIRA, Marieta Moraes. In: Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História Oral**, n.1, p. 19-30, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. Trad.: Raquel Ramallete. 27ªed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 16 ed. Rio de Janeiro: Graal 1988.

GARCIA, Maria Manuela Alves. **Pedagogias Críticas e Subjetivação: uma perspectiva foucaultiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.) **Textos em representações sociais**. In: O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. Maria Cecília de Souza Minayo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira. Educação Física, São Paulo, v. 19, n.2. p.143/151 abril/jun.2005.

GÓES, Maria Conceição Pinto. **A formação da classe trabalhadora: movimento anarquista no Rio de Janeiro 1888-1911**. Jorge Zahar Editor: Fundação José Bonifácio, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução: Jéfferson Luiz Camargo. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, Operários e Futebol: uma outra Geografia. **Geographia** [do] Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, ano IV. n.8, p.01-09, jul/dez.2002. Também disponível no site: www.uff.br/geographia/rev_08/edição.

JOSSO, Marie- Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOSSOY, Bóris. **Fotografia & História**. 2ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **A realidade e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques.; NORA, Pierre. **História: Novos objetos**. Trad.: Teresinha Marinho. In: O Corpo: O homem doente e sua história. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. 142-159.

LIMA, Magali Afonso. **Formas arquiteturas esportivas no Estado Novo(1937-1945): Suas implicações na plástica de corpos e espíritos**. FUNARTE, 1979.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande(1888-1930)**. Pelotas: Editora Universitária, Unitrabalho, 2001.

_____. In: Jornais Pelotenses diários na República Velha. **Ecos** Revista, Pelotas, v.2, n. 1, p. 5-34, abril, 1998.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História e Tradições de Pelotas**. 3ª edição. Pelotas: Armazém Literário, 1999.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas-Memória**. 1992.

MAGNANI, J. G.C. **Festa no Pedaco**. 2ed. São Paulo: Hucitec/ UNESP, 1998.

_____. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: vol. 17, n.49, p.11-29, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Campinas, dissertação de mestrado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 2ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NETO, Alfredo Veiga. **Foucault e a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NEVES, Helena de Araujo. **A alma do negócio: Aspectos da Educação em Pelotas- RS na Propaganda Institucional(1875-1910)**. Pelotas, dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, UFPEL, 2007.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERES, Eliane. **Templo de Luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense(1875-1915)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: Visões Literárias do Urbano**. Porto Alegre: Ed. Universidade: UFRGS, 1999.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Pelotas**. Porto Alegre: Gundiach, 1940.

RAGAZINNI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação**. Curitiba: Editora UFPR, 2001. p. 13-28.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBEIRO, Sérgio D. Dantas. **Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo: tecendo os fios da história de um casamento feliz**. Florianópolis, dissertação de mestrado. Faculdade de Educação Física, UFSC, 2005.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteiras**. v. 8. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Fernando Teixeira. **Operários sem patrões: os trabalhadores de Santos no entreguerras**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, Neuza Regina Janke. **Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário? (o Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970)**. Porto Alegre, dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, curso de Pós-Graduação em História do Brasil, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, agosto de 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Branco e negro no carnaval popular paulistano 1914-1988**. São Paulo. Tese (Doutorado em Filosofia Letras e Ciências Humanas), Universidade de São Paulo, 1989.

_____. **Som e Imagem na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais: reflexões de pesquisa**. In: Pedagogia da Imagem, Imagem na Pedagogia. Niterói, Universidade Federal Fluminense. Anais Seminário- 28 a 30 de junho de 1995. p.88-101.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 3ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

VASQUEZ, Pedro. **Fotografia: reflexos e reflexões**. Porto Alegre: L & PM, 1986.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A fragmentação social do espaço urbano: uma análise da (re) produção do espaço urbano em Pelotas, RS**. Porto Alegre. dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

VIZENTINI, Paulo F. **A crise dos anos 20: conflitos e transição**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

WACQUANT, Loïc. **Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais**. Mana 6(2), 2000. p.127-146.

ZALUAR, Alba. In: O esporte na educação e na política pública. **Educação e Sociedade**, n. 38, p. 19-44, abril, 1991.

jornais:

A Opinião Pública, Pelotas, 1929 e 1930.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 18/05/1931.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 12/06/1931.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 31/10/1931.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 08/10/1932.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 11/09/1932.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 19/09/1932.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 29/04/1933.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 18/05/1933.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 01/07/1933.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 05/09/1933.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 08/01/1934.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 19/05/1934.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 02/07/1936.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 09/07/1936.

A Opinião Pública, Pelotas, RS.15/07/1937.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 06/02/1939.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 11/07/1939.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 22/07/1939.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 29/06/1940.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 07/11/1940.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 09/11/1940.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 14/11/1940.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 30/12/1940.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 19/06/1941.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 30/04/1942.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 14/08/1943.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 01/07/1944.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 01/11/1944.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 05/04/1945.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 27/04/1945.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 29/12/1945.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 11/07/1946.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 15/06/1948.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 15/07/1950.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 29/07/1950.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 22/04/1954.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 02/08/1955.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 28/02/1956.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 12/09/1956.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 09/02/1957.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 27/12/1957.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 02/03/1959.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 14/06/1960.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 13/07/1960.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 20/10/1960.

A Opinião Pública, Pelotas, RS. 22/10/1960.

Alvorada, Pelotas, 1932 a 1935.

Folha do Povo, Pelotas, RS. 09/06/1938.

Gazeta Esportiva, Rio Grande, 1932 a 1934

Gazeta, Rio Grande, 1935 a 1937

O Trabalho, Porto Alegre, 1935 a 1936

Revista dos Esportes, Pelotas, fev.1951. Ano III, nº29.

Revista dos Esportes, Pelotas, abr. 1952. Ano IV, nº39.

Revista dos Esportes, Pelotas. 1953.

Revista dos Esportes, Pelotas. 1954.

Companhia Fiação e Tecidos Pelotense. **Estatuto do Esporte Clube Fiação e Tecidos**. Pelotas, 1946.

Livro de atas. **Esporte Clube Fiação e Tecidos (1946/ 2007)**. Pelotas.

Livro de atas. **Grêmio Atlético Círculo Operário (1936/ 1951)**. Pelotas: Círculo Operário Pelotense.

Entrevistas:

FILHO, João Pedro Santos. Entrevista com um dos fundadores do Sudeste Futebol Clube, rua: Tiradentes. 08/02/2008.

LEIVAS, Geroncio Borba. Entrevista com o senhor conhecido pelo meio esportivo como “Amigo”. Pelotas, rua: Sete de Abril. Bairro Simões Lopes. Jan/2008. Entrevista concedida a Aline Nunes da Cunha.

PLÁ, Danilo. Entrevista com o senhor Plá. Pelotas, rua: Santo Ângelo, nº 611. 07/05/2007. Entrevista concedida a Aline Nunes da Cunha.

PLÁ, Rute. Entrevista com a senhora Plá. Pelotas, rua: Francisco Vieira da Cunha. 15/02/2008. Entrevista concedida a Aline Nunes da Cunha.

SANTOS, Flávio. Entrevista com o senhor Santos. Pelotas, rua: Raul Corrêa, nº119. 08/02/2008.

SANTOS, Hormandina dos. Entrevista realizada com dona “Mandinha”. Pelotas, rua: Tiradentes, nº 684. 08/02/2008. Entrevista concedida a Aline Nunes da Cunha.

SANTOS, Jacira dos. Entrevista realizada com a primeira madrinha do Sudeste F.C. Pelotas, rua: Tiradentes, nº 682. 08/02/2008. Entrevista concedida a Aline Nunes da Cunha.

SILVA, João Alberto. Entrevista com o senhor Silva. Entrevista concedida a Aline Nunes da Cunha.

VITÓRIA, Júlio Escobar. Entrevista com o senhor Vitória. Pelotas, rua: Tiradentes.
08/02/2008. Entrevista concedida a Aline Nunes da Cunha.

ANEXO

Entrevista realizada: / /

Nome Completo:

Idade:

Onde o sr. nasceu?

Faz quanto tempo que o senhor mora nessa zona?

O nome da Indústria que trabalhou?

Quando ingressou na fábrica e quando saiu?

Como o senhor ingressou na fábrica?

Que função exerceu na fábrica?

Fale sobre a sua experiência com o futebol que teve quando jogava pela fábrica:

Como era feita a escolha dos jogadores para entrarem nos times da fábrica?

Por que os dirigentes da empresa formavam times de futebol? Qual era a importância do futebol para eles?

O senhor sabe o nome de alguém que foi importante para o futebol da sua empresa? Qual a função que ele exercia?

Quem treinava os jogadores-operários no futebol de campo?

Que tipo de investimento havia no futebol?

Tinha que prestar contas sobre os gastos com uniforme, viagens...?

Sabe algo sobre a formação do clube de futebol? A origem?

A empresa valorizava o trabalhador? Explique:

O que o futebol representou para o senhor?

O futebol chegou a ensinar alguma coisa para o senhor, o que foi possível alcançar com o futebol?

Em qual das equipes o senhor participou no Fiação e Tecidos (na equipe “A”, “B” ou “C”)?

O senhor chegou a jogar futebol profissionalmente?

O futebol jogado na empresa era futebol amador?

Fale sobre os treinos.

Havia cobranças, isto é, em relação à disciplina?

Como era a estrutura do clube de futebol?

Havia profissionais que cuidavam da saúde dos atletas?

Os jogadores levavam alguma vantagem sobre os outros operários?

A empresa na qual trabalhava patrocinava o futebol?

Por que a empresa patrocinava o futebol?

Vocês faziam excursões para jogarem com outros times? Fale sobre o assunto:

Alguém da fábrica acompanhava as excursões?

Como era a relação dos jogadores entre os jogadores e com os outros operários?

A família acompanhava o futebol, participava das excursões?

Fale sobre uma partida de futebol que tenha ficado na sua memória:

Conte sobre os principais times rivais do seu clube:

Havia algum estatuto do clube de futebol?

A fábrica auxiliava com recursos para a compra de uniforme ou na sede esportiva?

Como conseguiam recursos para comprar uniformes, chuteiras e material esportivo?

Havia alguma disputa para jogar nos quadros do Fiação e Tecidos?

Em que posição o senhor jogava no futebol de campo?

Ocupou algum cargo de direção do clube de futebol?

Existia mais alguma modalidade esportiva, além do futebol, que os trabalhadores pudessem praticar no Fiação e Tecidos?

As mulheres participavam no futebol? Qual a função que desempenharam?

Havia jogadores negros no Fiação e Tecidos?

Quais foram as principais competições que o seu clube participou?

Conquistaram troféus?

Ganharam algum campeonato? Comente:

A fábrica dava algum pagamento ou presente aos jogadores?

O senhor sabe como foi escolhido o símbolo do Sudeste Futebol Clube?

O time tinha algum hino ou grito de guerra?

Era conhecido por algum apelido no futebol?

O clube de futebol passou por algum período de auge ou de declínio? Comente:

Faça uma análise do futebol jogado na sua época, nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970 e o futebol de hoje nas empresas.

Modelo de entrevista aplicado às madrinhas de futebol do Esporte Clube Fiação e Tecidos e Sudeste Futebol Clube

Entrevista realizada:

Nome Completo:

Idade:

Há quanto tempo a senhora mora nessa rua?

Onde a senhora nasceu?

A senhora trabalhou na fábrica Fiação e Tecidos? Quanto tempo?

Em que setor?

Qual era o nome do time de futebol da fábrica?

A senhora chegou a ser madrinha do Fiategi também ou não?

Por quanto tempo a senhora foi madrinha da equipe?

O que representava ser a madrinha do time de futebol? Dava algum “status”?

Como é que a senhora foi escolhida para ser madrinha do time de futebol?

Qual era a função da madrinha? O que fazia?

Entregava medalhas? E chegava a dar o pontapé inicial nos jogos ou não?

Quando foi que a senhora entregou a faixa?

Por que não podia continuar como madrinha do time de futebol depois de casar?

Em que ano foi escolhida para ser madrinha do time? A senhora tinha quantos anos?

As mulheres costumavam participar do futebol? E o que elas faziam?

As mulheres tinham alguma função no clube de futebol?

As mulheres costumavam ir nas excursões do futebol?

A senhora tem alguma lembrança de algum jogo que foi bastante significativo?

Partiu de alguma mulher a idéia das cores do clube?

Porque o clube tinha essas cores?

A senhora gostava de futebol?

Tinha algum esporte que as mulheres praticavam lá dentro no E. C. Fiação e Tecidos?

Lembra de algum campeonato que tenha sido mais importante para o seu clube?

A madrinha costumava ganhar algum presente ou não?